PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA 2009/2010

SALVADOR MENEZES 26167

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA

2009|2010

I

VERTENTE TEÓRICA

II

VERTENTE PROJECTUAL

Salvador Franco de Sousa Ribeiro de Menezes

ÍNDICE GERAL

I. Vertente Teórica

Não me tragam estéticas! Não me falem em moral!
– Fernando Silva: Prémios e Publicações 5

II. Vertente Projectual

II.a Trabalho de Grupo 115

II.b 10 Habitações 141

II.c Mercado Multicultural + EspaçoPúblico 197

I

VERTENTE TEÓRICA

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Fernando Silva - Prémios e Publicações

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

Orientadora:
Doutora Ana Cristina Fernandes Vaz Milheiro, Professora Auxiliar
ISCTE-IUL

Co-orientador:
Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor Auxiliar
ISCTE-IUL

RESUMO

Palavras-chave: Fernando Silva, Prémios, Publicações.

Este trabalho teórico visa procurar, analisar e perceber as razões que levaram à depreciação de Fernando Silva (1914-1983), um arquitecto premiado, com diversas obras de renome em Portugal, particularmente na cidade de Lisboa. Para esse efeito investigaram-se dois temas capitais sobre essa questão, os prémios e as publicações do arquitecto.

Tendo em conta, e como ponto de partida, a Dissertação de Mestrado da Arquitecta Isabel Monteiro (n.1973), o que se pretende fazer neste trabalho não é repetir o mesmo assunto, mas ir mais além daquilo que já foi investigado de maneira a ampliar o sentido da pesquisa que já foi tomada anteriormente. Analisando os prémios que Fernando Silva alcançou e as publicações onde foi mencionado, tenta-se desmistificar muitas das informações ocultas e díspares sobre o arquitecto.

Outro motivo que me levou a fazer esta investigação, foi a consensualidade, em trabalhos sobre o arquitecto, na afirmação de um "Fernando Silva **pouco** referenciado".

Será Fernando Silva é um arquitecto da "geração esquecida"? Qual a razão para existir tão pouco interesse e informação sobre o arquitecto? Qual é o seu papel na reestruturação da cidade de Lisboa e nas suas periferias?

Todas estas questões são abordadas nesta investigação, com o intuito de esclarecer algumas dúvidas que ainda existem sobre um dos arquitectos mais relevantes da arquitectura portuguesa do século XX.

ABSTRACT

Keywords: Fernando Silva, Awards, Publications.

This theoretical work aims to search, analyze and understand the reasons that led to the understating of Fernando Silva (1914-1983), an award-winning architect with many well-known projects in Portugal, mainly in Lisbon. For that matter, two capital themes were investigated, the awards and the publications about this architect.

Taking into account, and as a starting point, the Master Thesis of the Architect Isabel Monteiro (b.1973), the goal/target it's not to repeat this very same subject, but to go beyond what has already been investigated and to go deeper into the research previously made. By analyzing Fernando Silva's awards and books/media articles referring to his work, the purpose is to demystify allot of the biased and hidden information about him.

Another strong reason to further investigate this matter was the general idea that this architect was "the little referenced Fernando Silva".

Is Fernando Silva really an architect of the "Portuguese forgotten generation"? What's the reason behind such little interest and scarce information about him? Which role does he play in the restructuration of the city of Lisbon and its suburbs?

All of these issues will be addressed in this investigation, with the intention of clarifying some doubts still remaining about one of the most egregious architects of the Portuguese architecture of the 20th century.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais pelo apoio e incentivo que sempre me deram, aos meus irmãos e a todos os que me ajudaram ao longo do curso:

À Débora Félix, pela paciência e grande companhia durante estes anos. Aos professores do ISCTE, especialmente ao Professor Paulo Tormenta – por todo o tempo que disponibilizou e pela enorme vontade em nos ajudar – à Professora Ana Vaz Milheiro – pelas horas de conhecimento e por me ter orientado durante todo o ano – e ao Professor José Luís Saldanha – pelas excelentes conversas, ensino e ajuda. Ao Atelier Central, particularmente aos arquitectos Miguel Beleza e Fernando Carlota, por tudo o que me ensinaram. A todos os meus amigos do ISCTE, um obrigado especial ao Hugo Coelho por fazer tanto pela Universidade e por nós. Aos meus **grandes** amigos fora da Universidade, desculpem não ter estado mais tempo convosco. À Alice Espada pelo excelente trabalho feito no Departamento de Arquitectura. À arquitecta Isabel Monteiro e ao escultor Fernando Conduto pela óptima conversa e por me terem ajudado a perceber quem era o arquitecto Fernando Silva. Ao Arquivo da Câmara Municipal de Loures, pela simpatia e pelo facilitismo na disponibilização de material.

Obrigado

ÍNDICE

Resumo 7

Abstract 8

Agradecimentos 9

Introdução

Vida e Obra 12

Objectivos 14

Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura

História e Evolução do Prémio 16

Prémios de Fernando Silva 20

Mapeamento dos Prémios Fernando Silva 25

Publicações e Referências

Publicações em Vida 37

Publicações *Post-mortem* 43

Um Arquitecto Discretamente Divulgado 54

Conclusão 65

Anexos 70

Índice de Imagens 104

Bibliografia 107

1. Introdução

O título deste trabalho teórico vem de um excerto do poema de Álvaro de Campos, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, intitulado *Lisbon Revisited*[Anexo2].

A escolha deste excerto, apesar de não estar directamente ligado a Fernando Silva, vai ao encontro de dois pontos fundamentais para o conhecimento do arquitecto: Não fez arquitectura de autor, pelo contrário, tem uma arquitectura anónima – deu sempre mais ênfase à técnica (resistência e durabilidade do edifício) do que à estética – e trabalhou maioritariamente para promotores privados, sendo por vezes criticado pelos seus pares.

"Não me tragam estéticas!/Não me falem em moral!"

1.1 Vida e Obra

Fernando Silva nasceu em Lisboa a 5 de Janeiro de 1914[1] e morreu em 1983. Teve um longo percurso académico, foram 15 anos de ensino, desde o Curso Geral de Desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa (EBAL), matriculado em 1929, até ao período em que acaba o Curso de Arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto (EBAP) a 2 de Fevereiro de 1944, obtendo uma classificação de 19 valores no CODA[2]. Ainda antes de acabar o curso e sob a orientação de Raul Rodrigues Lima (1909-1979), concluiu, a 30 de Outubro de 1942, o tirocínio profissional de arquitecto.

Ao longo da sua vida profissional, Fernando Silva teve três ateliers, todos localizados em Lisboa. O primeiro, formado na década de 1940, situava-se na Rua D. Pedro V, o segundo – fundando em parceria com João Guilherme Faria da Costa (1906-1971) –, ainda na mesma década, fixado na Rua do Vale do Pereiro, nº20 – 1º andar e o terceiro, já na década de 1950, localizado na Avenida António Augusto Aguiar, nº27 – 2º andar.

Incluído na “primeira geração” de arquitectos portugueses influenciados pela chamada Arquitectura Moderna realizada nas décadas de 20 e 30 do século XX, Fernando Silva colaborou durante a sua carreira com diversos arquitectos, como Rodrigues Lima nas obras das Cadeias Civis e no edifício de habitação na Avenida Sidónio Pais (Prémio Valmor de 1943), Ruy D’Athouguia (1917-2006) no conjunto de edifícios na praça de Alvalade (1966-1979) e Faria da Costa no edifício de habitação da Avenida do Restelo (Prémio Municipal de Arquitectura de 1952). Foi ainda autor do conjunto urbano da Portela (1959-1979) e o conjunto na Avenida da Igreja no Bairro de Alvalade (1947-1948), do edifício Shell (1959-1970), do edifício Philips (1964-1970), da Siderurgia Nacional (1958-1970), do Banco Pinto Magalhães no Porto (1960-1962) e – a sua principal obra de referência – o Cinema S. Jorge (1947-1950) na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Com três Prémios Valmor e dois Prémios Municipais de Arquitectura, Fernando Silva é um dos arquitectos portugueses que mais projectou na capital portuguesa, numa carreira repleta de reconhecimento, crítica e indiferença.

1.2 Objectivos

De uma maneira geral, o objectivo deste trabalho é perceber se Fernando Silva é uma figura referenciada e reconhecida na história da arquitectura portuguesa do século XX. Para esse efeito, foram investigados dois temas que melhor podem ajudar a perceber esta intriga; os prémios e as publicações que distinguiram a sua obra.

O primeiro tema procura esclarecer se o arquitecto, enquanto vivo, teve algum reconhecimento a nível arquitectónico entre os seus pares, quantos projectos foram galardoados, quais as circunstâncias e os debates que provocaram. Foi feita uma pesquisa exaustiva sobre a informação existente referente ao Prémio Valmor, desde os artigos escritos na época até às publicações mais recentes. Nesta investigação fez-se também o levantamento fotográfico e o mapeamento das obras premiadas de Fernando Silva para uma melhor compreensão da sua localização e do seu enquadramento urbano.

O objectivo do segundo capítulo dedicado às publicações é perceber qual foi o papel e a preponderância de Fernando Silva na arquitectura portuguesa e de que maneira era (e é) visto pelos arquitectos, historiadores e críticos de arquitectura. Através das várias bibliografias divulgadas em artigos e trabalhos sobre a obra de Fernando Silva apurou-se a pesquisa, já anteriormente feita, sobre as publicações das obras do arquitecto.

Ao serem investigados os vários projectos publicados e referenciados nas revistas, jornais, catálogos, livros, dicionários de arquitectura e dissertações, tentou-se perceber se Fernando Silva é, ou não, um arquitecto pouco divulgado.

Outra reflexão fundamental neste estudo é a tentativa de perceber como é que o arquitecto é visto “de fora”, procurando estabelecer uma ligação entre o “Fernando Silva Projectista” e o

“Fernando Silva Publicado”, transmitido para o “exterior”.

Um dos motivos que levou a fazer este capítulo foi a concordância na afirmação de que Fernando Silva foi (e é) **pouco** referenciado e publicado. A Dissertação de Mestrado da Isabel Monteiro – “A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da «Geração Esquecida»” –, o artigo crítico e analítico, do Arquitecto Rogério Gonçalves, sobre a obra do arquitecto – “Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva”– e o texto do Arquitecto José Luís Saldanha (n.1966) sobre o cinema S. Jorge – “Fernando Silva – O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!” são exemplos disso. Vai-se esclarecer se, de facto, essas declarações são ou não verdadeiras.

2. Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura

2.1 História e Evolução do Prémio

> *Deixo mais cinquenta contos (cinquenta contos de réis) à Cidade de Lisboa a fim de que esta quantia forme um Fundo, cujos rendimentos anuais constituam um Prémio que será anualmente dado em duas partes iguais ao Proprietário e ao Arquitecto do mais belo prédio ou casa edificada em Lisboa, com a condição porém de que essa casa nova, ou restauração de edifício velho, tenha um estilo arquitectónico Clássico, Grego ou Romano, Romano-Gótico ou Renascença, ou algum tipo artístico português, enfim um estilo digno de uma cidade civilizada.*[3]
>
> *Fausto de Queiroz Guedes (1837-1898)*

Foi a partir destas palavras, escritas no testamento de Fausto de Queiroz Guedes, em 1897, que se instituiu o Prémio Valmor de Arquitectura.

Herdando o título de Visconde do seu tio paterno, Fausto foi o segundo (e último) Visconde de Valmor. Diplomata de carreira, membro do Partido Progressista e um enorme admirador das belas artes, o criador do Prémio Valmor foi um «mecenas cultural que apoiou artistas, um museu nacional e criou um prémio que acreditou ser capaz de fomentar e dignificar a produção arquitectónica da capital»[4].

Com mais de um século de existência, nasceu então, com o nome do seu fundador, o Prémio Valmor de Arquitectura, cuja atribuição está ao encargo da Câmara Municipal de Lisboa.

Segundo o primeiro regulamento produzido pela Câmara, seria nomeado anualmente um júri de três membros, **todos arquitectos**, que avaliariam os vários projectos edificados.

Desde a primeira entrega do prémio, em 1902, galardoado ao arquitecto italiano Nicola Bigaglia (1841-1908), até à actualidade, foram feitas várias alterações ao regulamento, tentando estar sempre a par das mudanças de mentalidades e do tempo.

O Prémio Valmor de Arquitectura pode-se dividir em quarto fases distintas.

Uma primeira, de 1902-1921, onde só por três ocasiões não foi atribuído, sendo que numa dessas vezes (em 1904) foram atribuídas duas menções honrosas. Nestes primeiros vinte anos de existência foram premiadas maioritariamente habitações unifamiliares, pertencentes à elite da cidade de Lisboa. Miguel Ventura Terra (1866-1919) e Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962) foram os arquitectos que marcaram esta fase, ambos laureados com quarto prémios. Este período é considerado os "anos de ouro", onde a localização dos edifícios era quase exclusiva à área das grandes avenidas e existia uma certa unanimidade no estilo dos edifícios premiados.

Daqui em diante não haverá tanta regularidade na atribuição dos prémios.

A segunda fase, de 1922 até 1950, foi bastante irregular, tanto na atribuição dos prémios (em 29 possíveis, só 17 foram premiados), como nos critérios usados. Novos programas foram galardoados – edifícios de equipamentos e de indústria. Houve também «edifícios premiados fora do âmbito do regulamento, no aspecto estilístico e no sentido estrito desse regulamento: modernistas (1931, caso aliás isolado) ou já ligados à estética do Estado Novo (1939, 1942), numa tentativa de a implantar»[5]. O arquitecto mais distinguido nesta fase foi Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), reunindo cinco Prémios Valmor, um Prémio Municipal de

Arquitectura e ainda uma menção honrosa.

Foi, também, durante esta segunda fase, em 1943, atribuído o primeiro Prémio Municipal de Arquitectura a Miguel Simões Jacobetty Rosa (1901-1970). Numa tentativa de complementar os propósitos do Prémio Valmor, com uma modernidade de valores que o testamento do Visconde não possibilitava. Dezassete Arquitectos receberam este prémio, mas o **único** galardoado duas vezes foi Fernando Silva, em 1950 e 1952.

No ano em que se presenteou o primeiro Prémio Municipal, foi o ano em que Fernando Silva recebeu o seu primeiro Prémio Valmor pelo edifício de habitação na Avenida Sidónio Pais, colaborando com Raul Rodrigues Lima (1909-1980).

Na terceira fase do Prémio Valmor de Arquitectura, 1951-1981, existiu um hiato de sete anos logo no princípio (1951-1957), onde o Prémio Municipal de Arquitectura substituiu o Valmor, havendo então a oportunidade de poder distinguir edifícios modernos em Lisboa. O declínio do Prémio Valmor estava eminente – desde o baixo valor pecuniário que era atribuído ao arquitecto à enorme irregularidade de atribuição do prémio (em trinta anos só nove edifícios foram premiados).

> *(…) os prémios atribuídos (1978, Prédio na Rua Maria Veleda de Fernando Silva; Prédio na Rua Castilho, nº223 de Manuel Salgado e outros) foram sujeitos a alguma contestação que, pelo debate provocado, manifestam o que, de futuro, seria uma das novas qualidades do Prémio Valmor: momento de reflexão e análise, mais ou menos prepositiva, sobre a qualidade, ou a ausência dela, da arquitectura lisboeta que, como em qualquer cidade, deixou de ter modelos de referência consensuais.*[6]

A quarta e última fase vai de 1982 até à actualidade. A união do Prémio Valmor de Arquitectura

e do Prémio Municipal de Arquitectura foi feita no princípio desta fase e com isso existiu uma actualização no valor pecuniário e no regulamento. O Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura tem mais menções honrosas do que premiados (32 menções honrosas, 24 edifícios premiados de 1982-2006), isto deve-se à dificuldade na escolha de um edifício que responda a todos requisitos do prémio.

Em 2003 o regulamento do Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura foi reformulado, incluindo, pela primeira vez, a área de Arquitectura Paisagista. Os Prémios relativos de 2004 a 2006 foram atribuídos em 2009. Hoje em dia a remuneração é de 25 000€.

Sendo reconhecido como um dos mais prestigiados prémios de arquitectura em Portugal, onde 126 Edifícios e 134 Arquitectos já foram contemplados (entre Prémios e Menções Honrosas)[Anexo 3 e 4], fazem parte deste lote arquitectos como Miguel Ventura Terra (1866-1919), Raul Lino da Silva (1879-1974), Ribeiro Carvalhosa Cristino da Silva (1896-1976), Francisco Keil do Amaral (1910-1975), Ruy Jervis D'Athouguia (1917-2006), Luís Nuno Teotónio Pereira (n.1922), Raul Hestnes Ferreira (n.1931), Álvaro Siza Vieira (n.1933), Tomás Taveira (n.1938), Gonçalo Byrne (n. 1941), João Carrilho da Graça (n.1952), Francisco Aires Mateus (n.1964) e Manuel Aires Mateus (n.1963). Fernando Silva faz também parte dessa lista de grandes arquitectos, sendo o segundo classificado, a par de Manuel Norte Júnior, na tabela dos mais premiados, com cinco condecorações. Em primeiro lugar está Porfírio Pardal Monteiro, o único arquitecto com seis prémios recebidos.

Só nove arquitectos conseguiram ganhar o Prémio Valmor e o Prémio Municipal de Arquitectura, antes de se fundirem num só, sendo Fernando Silva um deles.

2.2 Prémios de Fernando Silva

Foram no total cinco prémios que Fernando Silva alcançou na sua carreira, três Prémios Valmor e dois Municipais.

O edifício de habitação premiado em 1943 é de Raul Rodrigues Lima (1909-1980) e Fernando Silva, ainda estudante de arquitectura. Foi o primeiro Prémio Valmor para ambos e, no caso de Rodrigues Lima, o único. O edifício situa-se na Avenida Sidónio Pais, uma rua que «apresenta vários edifícios dos anos 40 e 50 característicos da arquitectura do Estado Novo, evidenciando grandes fachadas com uma frente seguida e uniforme»[7]. O promotor do edifício foi António Cardoso Ferreira e os jurados que o premiaram foram os arquitectos António do Couto Martins, Raul Lino da Silva e Jorge de Almeida Segurado (1898-1990).

Três anos depois, em 1946, Fernando Silva ganhou novamente com mais um prédio de habitação, desta vez na Avenida Casal Ribeiro. Este edifício tem uma «linguagem formal depurada com a fachada despojada de elementos decorativos, tão ao gosto da época, torna-o um caso exemplar na história da concessão dos prémios durante o período dos anos 40»[8]. O júri, também composto por três arquitectos, foi constituído por António do Couto Martins, Pardal Monteiro e Luís Cristino da Silva. Fortunato Cardoso Nunes e Saúl Saragga foram os promotores do edifício vencedor.

Os dois prémios seguintes que Fernando Silva recebeu foram Prémios Municipais de Arquitectura.

O primeiro é um equipamento cultural situado numa das zonas mais prestigiadas do país, a Avenida da Liberdade, em Lisboa. Premiado em 1950, o Cinema São Jorge, cujo promotor foi a Sociedade Anglo-Portuguesa de Cinemas, é ainda hoje uma das mais distintas salas da

capital portuguesa. [Anexo 5]

> *A fachada apresenta-se como uma grande parede cega, levemente modulada e assimetricamente emoldurada de cantaria, sobre um rés-do-chão de montras com uma entrada de pouco impacto comercial, dividida em três acessos, por razões de estrutura, que lhe tiram grandiosidade. A sala do balcão apresenta vitrais de F. Kradolfer. Mas a maior qualidade da edificação vinha-lhe da grande sala, com uma monumentalidade espacial única, que infelizmente em 1974 (obra inaugurada em 1981) foi subdividida por razões de rentabilidade. Perdeu-se assim uma das principais peças arquitecturais portuguesas dos anos 40.*[9]

O júri do Prémio Municipal de Arquitectura de 1950 foi constituído por um Presidente, o Vereador Arquitecto Vasco de Morais Palmeiro Regaleira (1897-1968), e três vogais, os arquitectos António de Couto Martins, Pardal Monteiro e Keil do Amaral.

O segundo edifício de Fernando Silva galardoado com o Prémio Municipal, em 1952, fica situado na Avenida do Restelo. Teve como colaborador o arquitecto João Guilherme Faria da Costa (1906-1971).

> *Conforme consta na respectiva acta o prémio não foi concedido por unanimidade, tendo o arquitecto Paulino Montez votado na moradia situada no gaveto da Avenida D. Vasco da Gama e Avenida do Restelo, propriedade de Alfredo Faria Martins e da autoria do arquitecto José Alexandre Bastos. [Acta de Atribuição do Prémio Municipal de Arquitectura, 10 de Julho de 1953, AML-AC]*[10]

O júri deste prémio foi também constituído por um Presidente, o Vereador Dr. Américo Cortez Pinto (1896-1979), e três vogais, os arquitectos António de Couto Martins, Paulino António

Pereira Montez e Raul Chorão Ramalho. Os promotores deste edifício foram Américo Serpa e Melo Queiroz.

O quinto e último prémio que Fernando Silva recebeu, o seu terceiro Prémio Valmor, foi já em 1978, cinco anos antes da sua morte.

> *Referindo-se aos três galardões recebidos, o arquitecto afirmou que "nunca pensei que viesse a obter prémios em qualquer altura da minha vida". Sobre o valor pecuniário do prémio – cerca de 5500 escudos –, considerou-o "praticamente nulo", tendo "mais o aspecto simbólico e moral". Disse-nos também da sua surpresa em receber o prémio referente ao ano 1978, frizando que teve conhecimento do facto através de um telefonema da RTP.*[11]

Este conjunto habitacional na Rua Maria Veleda foi das obras que mais polémica gerou em toda a história do Prémio Valmor e na sua carreira como arquitecto.

> *Um conjunto de edifícios que fazem parte do parque habitacional lisboeta, que carece cada vez mais de exemplos notáveis pela sua qualidade de composição e singeleza de traçado.*
>
> *Concebido em termos de construção corrente, traça assim caminhos que poderão vir a interessar ao tipo de habitação colectiva, de que o Pais tanto necessita. [Acta de Atribuição do Prémio Valmor, 14 de Dezembro de 1979, AML-AC]*[12]

Também apelidado de «colmeia», na medida em que «os favos que as abelhas constroem são universalmente considerados um prodígio da concepção arquitectónica»[13], este edifício de 124 fogos que custou cerca de 928 mil euros (186 mil contos na altura), teve como promotor a SOGEL (Sociedade Geral de Empreitadas, Lda.). O júri que integrou na escolha do edifício foi

Vasco Valença Pacheco, Frederico Henrique George e Cândido Palma de Melo.

O arquitecto Nuno Portas afirmou, sobre o edifício galardoado, em declarações feitas à ANOP (Agência Noticiosa Portuguesa), que «este edifício não me parece nem inovador nem exemplar»[14]. [Anexo 6] Acrescentando,

> *«Desconheço a composição do júri e das razões da sua escolha, mas considere que se trata de um edifício de apartamentos só aparentemente correcto: repare-se que finge ter varandas com falsas guardas salientes, joga com os envidraçados numa certa confusão entre habitação e escritórios, com sacrifício do conforto térmico e não resolve bem as fachadas laterais.»*[15]

Apesar das duras criticas feitas ao edifício, Nuno Portas afirmou, na mesma entrevista, que não põe em causa «o valor do arquitecto que já ofereceu a Lisboa alguns edifícios interessantes, que têm resistido à passagem das modas»[16].

Quando um dos arquitectos membros do júri, Palma de Melo, foi contactado sobre as declarações de Nuno Portas, respondeu que «O Prémio Valmor dirige-se, de acordo com o seu regulamento, muito particularmente à fachada. Consideramos que esta obra tem um tratamento muito correcto da fachada e tem a vantagem de ser uma obra de carácter colectivo»[17].

Nesse mesmo ano ainda foram distinguidas duas menções honrosas. Um edifício de escritórios, na Rua Dr. António Cândido, projectado por Fernando Eugénio de Carvalho Ressano Garcia, e uma moradia unifamiliar, na Rua João Bastos, projectada por Fernão Lopes Simões de Carvalho (n.1929).

O arquitecto Nuno Portas falou ainda sobre um dos edifícios das menções honrosas, o de Ressano Garcia, explicando que é

> *Um edifício inteligente, simples e claro, que respeita a rua com a sua fachada lisa, sem os caixotes pendurados a que chamam varandas, sem mosaicos nem azulejos de casa de banho nas paredes e, ao contrário do premiado, com as janelas corridas dos escritórios protegidas do sol como os antigos sabiam: com persianas por fora. (…) Se só houvesse estes dois edifícios em 1978, eu votaria, sem dúvida, ao contrário.*[18]

O principal objectivo de Fernando Silva ao projectar este conjunto habitacional foi «que as pessoas se sentissem bem a viver nele».[19] Acrescenta também nessa entrevista dada ao jornal *A Capital*, a 25-03-1980, que teve

> *(…) a preocupação de que as despesas de manutenção fossem reduzidas ao mínimo. Construir economicamente não quer dizer construir barato (…) Tenho a certeza de que neste edifício não vai acontecer o que muitas vezes acontece por aí, com despesas de manutenção verdadeiramente escandalosas.*[20]

Fernando Silva foi um dos arquitectos que mais construiu na capital portuguesa. Um "arquitecto técnico" que projectou maioritariamente para promotores privados, apostou na longevidade dos edifícios e na qualidade de vida dos seus habitantes, em detrimento do seu valor estético. Esse facto levou a alguns comentários depreciativos por parte da crítica de arquitectura, como foi o caso do Prémio Valmor de 1978.

MAPEAMENTO DOS PRÉMIOS
FERNANDO SILVA


50m
100m

Prémio Valmor 1943
Edifício de Habitação
Avenida Sidónio Pais nº6

Autor
Arq. Raul Rodrigues Lima
Arq. Fernando Silva
Promotor
António Cardoso Ferreira
Júri
Arq. António do Couto Martins (C.M.L.)
Arq. Raul Lina da Silva (A.N.B.A)
Arq. Jorge de Almeida Segurado (S.N.A.)






50m
100m

Prémio Valmor 1946
Edifício de Habitação
Avenida Casal Ribeiro nºs12-12C

Autor
Arq. Fernando Silva
Promotor
Fortunato Cardoso Nunes
Saúl Saragga
Júri
Arq. António do Couto Martins (C.M.L.)
Arq. Porfírio Pardal Monteiro (A.N.B.A)
Arq. Luís Ribeiro Carvalhosa Cristino da Silva (S.N.A.)






50m
100m

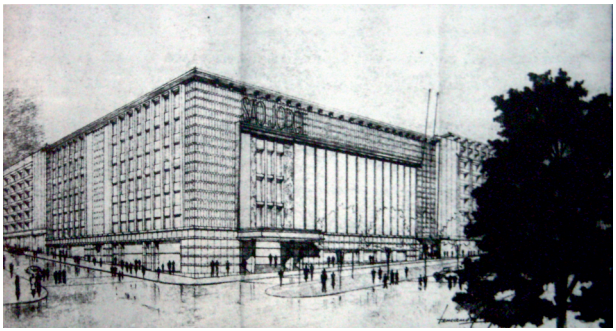
Prémio Municipal de Arquitectura 1950
Equipamento Cultural - Cinema S. Jorge
Avenida da Liberdade nº175

Autor
Arq. Fernando Silva
Promotor
Sociedade Anglo-Portuguesa de Cinemas
Júri
Presidente:
Vereador Arq. Vasco de Morais Palmeiro
Vogais:
Arq. António do Couto Martins (C.M.L.)
Arq. Porfírio Pardal Monteiro (A.N.B.A)
Arq. Francisco Caetano Keil do Amaral (S.N.A.)










50m
100m

Prémio Municipal de Arquitectura 1952
Edifício de Habitação
Avenida do Restelo nºs23-23A

Autor
Arq. Fernando Silva
Arq. João Guilherme Faria da Costa
Promotor
Américo Serpa
Melo Queiroz
Júri
Presidente:
Vereador Dr. Américo Cortez Pinto
Vogais:
Arq. António do Couto Martins (C.M.L.)
Arq. Paulino António Pereira Montez (A.N.B.A)
Arq. Raul Chorão Ramalho (S.N.A.)






50m
100m

Prémio Municipal de Arquitectura 1978
Conjunto Habitacional
Rua Maria Veleda nºs2-4B

Autor
Arq. Fernando Silva
Promotor
SOGEL - Sociedade Geral de Empreitadas, Lda
Júri
Arq. Vasco Valença Pacheco (C.M.L.)
Arq. Frederico Henrique George (A.N.B.A)
Arq. Cândido Palma de Melo (A.A.P.)





3. Publicações e Referências

3.1 Publicações em Vida

A finalidade deste capítulo é perceber a relevância que Fernando Silva tem na arquitectura portuguesa e de que maneira é visto pelos arquitectos, historiadores e críticos de arquitectura.

A primeira referência a Fernando Silva não é directa, aliás, o arquitecto nem sequer é mencionado. Em 1940 a *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos* nº12 fez um artigo sobre o Cinema Cinearte projectado por Raul Rodrigues Lima, arquitecto com quem Fernando Silva fez o tirocínio e que, segundo Rogério Gonçalves no artigo "Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva", colaborou com o arquitecto no cinema.

Em 1947 Fernando Silva foi referido numa dupla edição da revista *Arquitectura*, números 17/18. O artigo, intitulado "Ecos e Comentários", tratava de informar o leitor sobre o que se passava, arquitectonicamente, em Portugal e no resto do mundo – Inglaterra, Estados Unidos e Lapónia. Este artigo congratulava o arquitecto e os proprietários do edifício de rendimento nº12 na Avenida Casal Ribeiro, Prémio Valmor de 1946.

> *Estão, pois, de parabéns o arquitecto, os proprietários e também, em nosso entender, o júri que atribuiu o prémio. Trata-se, com efeito, de uma distinção perfeitamente acertada, pois o prédio em causa é uma das realizações felizes com que Lisboa tem sido enriquecida nos últimos tempos. Simples, harmonioso, franco, sem os pomposos e convencionais efeitos de fachada de que tanto se usa e abusa na capital, o edifício concebido pelo arquitecto Fernando Silva merecia, indiscutivelmente, ser destacado e premiado.*[21]

Segundo Rogério Gonçalves, é com este «edifício de habitação, (…) que Fernando Silva

se destaca pela primeira vez como autor»[22].

Em Agosto de 1950, o arquitecto foi novamente divulgado na revista *Arquitectura*, nº35. O título do artigo é "Cinema S. Jorge" e, evidentemente, foi esse o projecto que teve direito a uma grande publicação, sendo, inclusivamente, assunto de capa da revista. Neste artigo foi, também, feita uma pequena biografia, onde se mencionam vários edifícios de Fernando Silva, como a extinta casa Fradique, o restaurante Floresta, os Prémios Valmor de 1943 e 1946, as várias fábricas de tecelagem e lãs, a Fábrica de Amoníaco da União Fabril do Azoto, o bloco de apartamentos na Rua Barata Salgueiro, a remodelação do Café Martinho e, em colaboração com Faria da Costa, o Centro Comercial do Bairro de Alvalade em Lisboa.

Em relação ao S. Jorge, foram publicadas diversas plantas, fotografias e um artigo onde mencionam as condições e desenvolvimento do programa e a síntese construtiva e estética do edifício.

Só nove anos depois, em Setembro de 1959, houve outra publicação de uma obra do arquitecto. O Edifício Shell, situado na Avenida da Liberdade em Lisboa, foi publicado na revista *Binário* nº12, também fazendo capa, num artigo intitulado "O novo edifício da Shell portuguesa – algumas considerações". Foram, no total, sete páginas dedicadas ao projecto, onde se faz uma descrição exaustiva do edifício, com a inclusão de plantas e fotografias explicativas do mesmo.

Ainda no mesmo ano, a revista *Atrium* nº2, de Novembro/Dezembro, publicou um artigo sobre um "Cinema em Lisboa". Sem nenhuma referência no texto ao nome do edifício de equipamentos, apenas relatando que «(…) resulta da remodelação total de uma casa de espectáculos existente havia muito tempo num bairro popular de Lisboa (…)»[23], pode-se deduzir que se trata do Pathé-Imperial na Rua Francisco Sanches, devido à fotografia da

fachada do edifício e, obviamente, ao nome de Fernando Silva colocados no artigo.

Imediatamente no número seguinte, o nº3 – Maio/Junho de 1960 –, a revista *Atrium*, vai novamente publicar um edifício do arquitecto. O artigo chama-se "Sede de uma Companhia de Petróleos" e é sobre o Edifício Shell, já publicado no ano anterior pela revista *Binário*.

Em Agosto de 1961, a Siderurgia Nacional, edificada no Seixal e projectada por Fernando Silva, teve direito a um número na revista *Binário* nº35, integralmente dedicado a esta obra. Nesta edição não se falou concretamente sobre a qualidade projectual da obra do arquitecto, mas sim, sobre os «(…) diversos aspectos relativos à montagem da indústria siderúrgica no nosso país»[24].

Quase um ano depois, em Setembro de 1962, a revista *Binário* (nº48) publicou pela terceira vez mais um projecto de Fernando Silva e, também, pela terceira vez o arquitecto vai ter um edifício na capa de uma revista. "Sede de um Banco no Porto" é o título do artigo, são oito páginas inteiramente dedicadas à nova sede do Banco Pinto de Magalhães (BPM).

Em Março de 1970, oito anos depois da publicação do BPM, Fernando Silva teve mais um edifício publicado na *Binário*, nº138, com o título: "Philips – Edifício Sede". Mais uma vez o arquitecto teve direito a várias páginas dedicadas à explicação do seu projecto, como já vinha sendo habitual na revista que mais publicou as obras de Fernando Silva.

A *Binário* nº170, de Novembro de 1972, publicou pela quinta e última vez um edifício do Arquitecto Fernando Silva. "Hotel Sheraton de Lisboa" é o nome do artigo que, logicamente, publicou o projecto do conjunto Sheraton-Imaviz. São nove páginas explicativas deste grandioso hotel situado na Avenida Fontes Pereira de Melo.

Em 1974, o Historiador José-Augusto França ofereceu-nos uma visão global da arquitectura

que se produziu no século XX na monografia "A Arte em Portugal no Século XX". Este livro referencia Fernando Silva duas vezes, sendo, portanto, um indicativo de que o arquitecto teve algum peso na história da arquitectura portuguesa. Mais uma vez o cinema S. Jorge teve um grande destaque:

> *(…) os cinemas de Lisboa dos anos 50 jogaram, porém e fatalmente, na monumentalidade de aspecto – e foi o S. Jorge (1947-50), de Fernando Silva, com notável e fria dignidade no espaço interior da sala, primeiro verdadeiro grande cinema de Lisboa (…)*[31]

Seis anos mais tarde, em Junho de 1980, a revista *História* nº20 publicou um artigo intitulado "Oito Séculos de Prémios Valmor", onde o Arquitecto Fernando Silva foi referenciado várias vezes, devido aos três prémios que ganhou durante a sua carreira profissional. Curiosamente, este artigo foi escrito numa altura em que o último projecto premiado tinha sido o polémico conjunto de apartamentos em Carnide, de Fernando Silva, onde José Manuel Pedreirinho, tal como Nuno Portas tinha feito, criticou-o dizendo que o edifício «É a negação do papel de experimentação e de investigação que deve ser sempre o da arquitectura, transformando esta num simples meio de satisfazer os interesses mais imediatos dos promotores imobiliários»[25].

Rogério Gonçalves afirma que Fernando Silva nunca foi um arquitecto de regime e que a alternativa de trabalhar para privados, «(…) principalmente quando assumida, cria suspeições, invejas»[26].

Em Dezembro do mesmo ano foi publicado um artigo na revista *Arquitectura* nº139 intitulado "Prémios de Arquitectura em Lisboa". Todos os prémios Valmor, de 1902 até 1978, e todos os Municipais, de 1943 a 1956, são objectos de análise.

O objectivo deste artigo era «dar uma rápida panorâmica do que foram (e são) os prémios de arquitectura atribuídos a edifícios na cidade de Lisboa (…)»[27]. Tal como aconteceu no artigo "Oito Séculos de Prémios Valmor", também tem um texto crítico exclusivamente dedicado a um dos prémios mais polémicos da história do Valmor: o Prémio Valmor de 1978, de Fernando Silva.

Ainda em 1980, José-Augusto França lançou o livro "Lisboa: Urbanismo e Arquitectura". No capítulo oito intitulado "A Cidade do Estado Novo e da II República", o historiador critica os «(…) banais arranha-céus "Avis" e "Sheraton"»[28] e elogia o S. Jorge referindo que o cinema deu a Lisboa a «(…) imagem, já um tanto passada nas capitais estrangeiras, da grande sala de cinema internacional, pondo, no centro da cidade, (…), o ponto final de certos hábitos citadinos que o viver seguinte, desde a década de 70, banalizará»[29].

Em 1982, mais de trinta anos após a sua construção, o cinema S. Jorge foi referenciado por duas vezes. No catálogo da exposição *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian, José-Augusto França afirmou que «Fernando Silva teve no S. Jorge talvez a sua melhor obra»[30] e na Dissertação de Mestrado – "Os Cinemas de Lisboa: Um Fenómeno Urbano do Século XX" – Margarida Acciaiuoli também elogia o cinema, dizendo que apesar de todas as obras de grande porte urbano projectadas por Fernando Silva, nenhuma conseguiu igualar as qualidades do S. Jorge.

Estas foram as publicações que o arquitecto presenciou enquanto vivo. No total doze periódicos divulgaram a sua obra – cinco números na revista *Binário*, três números na revista *Arquitectura*, dois números na revista *Atrium*, um na revista *História* e um na *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*. Fernando Silva foi ainda referenciado num catálogo, numa Dissertação de Mestrado e em duas monografias.

No total foram dezassete edifícios que tiveram direito a divulgação, o Cinema Cinearte, os dois prédios de rendimento que ganharam o Prémio Valmor, um na Avenida Sidónio Pais (1943) e o outro na Avenida Casal Ribeiro (1946), o cinema S. Jorge, a casa Fradique , o restaurante Floresta, a Fábrica de Amoníaco da União Fabril do Azoto (1948-1949), o bloco de apartamentos na Rua Barata Salgueiro (1948-1950), a remodelação do Café Martinho (1949-1951), o Centro Comercial Bairro de Alvalade, o edifício Shell, o cinema Pathé-Imperial (1956-1958), a Siderurgia Nacional (1958-1970), o BPM, o Edifício Philips, o conjunto Sheraton-Imaviz (1962-1972) e o controverso Prémio Valmor de 1978 na Rua Maria Veleda.

As várias publicações na *Binário* dão ênfase ao facto de Fernando Silva ser considerado um "arquitecto técnico", assim como as duas primeiras publicações na revista *Arquitectura*, que, antes de mudar de direcção em 1957, era também uma revista chefiada por arquitectos projectistas e não por teóricos de arquitectura. Estes dois periódicos eram, nesta época, os mais importantes e que melhor divulgavam arquitectura no país.

Com a chegada de uma nova geração nascida nos anos de 1930 – na qual faziam parte os arquitectos Nuno Portas, Carlos Duarte, Frederico Sant'Ana, Raul Hestnes Ferreira, etc. – a revista *Arquitectura* passou de técnica, rivalizando com a *Binário*, para uma revista de reflexão e teorização. Foi consequentemente a partir desta mudança, em 1957, que Fernando Silva nunca mais teve nenhum projecto publicado na revista *Arquitectura*.

Além das divulgações nos periódicos, na monografia, no catálogo e na Dissertação de Mestrado, Fernando Silva também foi, ao longo dos anos, publicado na imprensa. O *Diário Popular*, *O País*, *A Capital*, e o *Diário de Lisboa* foram alguns dos jornais que publicaram notícias sobre os edifícios do arquitecto e os seus debates.

3.2 Publicações *Post-mortem*

As próximas publicações onde o arquitecto foi referenciado, a partir de 1983 (ano da sua morte), fizeram uma análise e crítica reflexiva sobre o trabalho e o legado que Fernando Silva nos deixou.

Em 1986, a enciclopédia "História da Arte em Portugal", no volume 14 intitulado "A Arquitectura Moderna", refere o cinema S. Jorge, o edifício Philips e o conjunto Sheraton-Imaviz.

Um ano depois, a Associação dos Arquitectos Portugueses publicou o "Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa". O conhecido "livro azul" incluiu várias obras de Fernando Silva. O Prémio Valmor de 1943 na Avenida Sidónio Pais, é um dos edifícios mencionados. Este prédio de habitação está inserido num «Conjunto urbano significativo do Estado Novo (…)»[32], onde Rodrigues Lima, Cristino da Silva, António Veloso dos Reis Camelo, Jacobetty Rosa, Licínio Cruz, Cassiano Branco, Raul Tojal e Porfírio Pardal Monteiro fazem parte do lote de arquitectos que projectaram nesta Avenida repleta de prémios Valmor e Municipal.

Como seria de esperar, o edifício que, historiograficamente, se pode considerar o melhor projecto de Fernando Silva é referido no livro, o cinema S. Jorge. Por último, o conjunto urbano na Avenida da Igreja (nºs 1 a 31 e 2 a 34), no Bairro de Alvalade, também é referenciado pelos autores.

As duas próximas publicações onde Fernando Silva foi mencionado, em 1988 e 1994, foram ambas escritas pelo mesmo autor, José Manuel Pedreirinho. A primeira foi no livro intitulado "História do Prémio Valmor", onde, mais uma vez, os três prémios Valmor que o arquitecto alcançou tiveram uma importância significativa na sua carreira.

A segunda publicação foi no "Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à

Actualidade", onde o arquitecto aparece na biografia dos arquitectos João Guilherme Faria da Costa e de Raul Rodrigues Lima, por ter ganho, em co-autoria, o Prémio Municipal de 1952 com uma moradia no Restelo e o Prémio Valmor de 1943 na Avenida Sidónio Pais, respectivamente. Fernando Silva também teve direito a uma entrada neste dicionário, onde José Manuel Pedreirinho refere-se ao arquitecto como o «Autor de um elevadíssimo número de projectos para edifícios de grande dimensão, (…) quase todos eles referenciáveis por uma grande simplicidade de formas»[33].

Pedreirinho evidencia ainda os edifícios mais marcantes do arquitecto: os Prémios Valmor de 1943, 1946 e 1978; os Prémios Municipais de Arquitectura de 1950 (S. Jorge) e 1952; os edifícios na Avenida António Augusto Aguiar e na Avenida Guerra Junqueiro; o Conjunto Urbano da Portela; o Edifício Shell; o edifício da companhia de seguros La Equitativa; o Edifício Philips; a CUF; o edifício de escritórios no Campo Grande; a Siderurgia Nacional no Seixal e do Azoto no Barreiro; a Unidade Fabril na Covilhã e na Amadora e o Conjunto Sheraton-Imaviz.

Ainda no mesmo ano, a Associação dos Arquitectos Portugueses publicou uma monografia intitulada "Guia de Arquitectura – Lisboa 94". Este livro divulgou o que os autores acharam ser as obras mais significativas da história de arquitectura na capital portuguesa, onde Fernando Silva é apenas referido uma vez, no capítulo 9 – Afirmação e Crise da Cidade Moderna. Mais uma vez é o cinema S. Jorge que põe a arquitecto na história da arquitectura em Portugal.

Um ano depois, em 1995, o cinema S. Jorge fez outra vez capa, desta vez na monografia de José Manuel Fernandes com o título "Cinemas de Portugal", curiosamente com a mesma fotografia que fez a capa em 1950 na revista *Arquitectura*. Esta monografia dedicada aos cinemas mais importantes do país mencionou ainda o Cinearte, apesar de o autor só referir Rodrigues Lima como projectista e não Fernando Silva que, segundo Rogério Gonçalves, foi

seu colaborador, o Luísa Todi, o Lys e o Pathé-Imperial.

Também nesse ano, a Professora Doutora Ana Tostões concluiu a Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), intitulada "Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50". O objectivo da tese é a «(…) abordagem da arquitectura do Movimento Moderno em Portugal, referenciada à produção de autor nos anos 50»[34]. São mencionadas sete obras de Fernando Silva ao longo do trabalho. Todos os edifícios do arquitecto referenciados na dissertação encontram-se no capítulo II – "Paradigmas da «Nova» Arquitectura".

Dois dos projectos mencionados estão na parte 1 do capítulo II. São eles o Conjunto Urbano na Avenida da Igreja, no Bairro de Alvalade e o Prémio Valmor de 1946, na Avenida Casal Ribeiro. Sobre o último edifício Ana Tostões critica-o, afirmando que é uma proposta pouco inovadora nos códigos formais e conservadora nas tipologias adoptadas.

O próximo projecto mencionado, o Edifício Shell, já se encontra na parte 2, nos Novos Programas de Edifícios de Serviços. Ana Tostões qualificou este projecto como «A maior obra de edifícios de escritórios de prestígio»[35] em Lisboa, mas, mais uma vez, criticou a qualidade projectual do Arquitecto Fernando Silva, adjectivando os espaços interiores de "mesquinhos". Acrescenta ainda que a fachada tem «uma modulação estática», o que torna o edifício numa «obra pesada que afinal em pouco altera os edifícios tradicionais da capital e que em si não transporta uma abordagem formal inovadora ou um novo entendimento cívico da cidade (…)»[36]

A Escola Luís de Camões, o Cinema S. Jorge e o Cinema Pathé-Imperial são os restantes três edifícios mencionados no texto. Estes projectos estão inseridos na parte 3 do trabalho – Equipamentos Sociais, Culturais e de Educação. Em relação ao Cinema S. Jorge, Ana Tostões

distingue-o claramente em relação às outras obras do arquitecto.

Ainda em 1995, a autora de "Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50", escreveu um capítulo intitulado "Arquitectura portuguesa do Século XX", no volume dez do livro "Historia da Arte Portuguesa".

O «notável S. Jorge»[37] e a Escola Luís de Camões – um equipamento com os códigos modernos aplicados com profissionalismo –, foram as duas obras referenciadas no livro.

Em Fevereiro de 1996, Rogério Gonçalves escreveu um artigo essencial para o reconhecimento de Fernando Silva, na revista *Documentos de Arquitectura* nº1. Foi o primeiro texto crítico e introspectivo sobre a vida e obra do arquitecto. O título é aparentemente austero e depreciativo, "Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva", mas com uma leitura atenta percebe-se que Rogério Gonçalves fez uma análise imparcial – chegando por vezes a defender o arquitecto das críticas menos elogiosas, e mostra o grande mérito e valor que Fernando Silva teve durante toda a sua vida profissional.

Neste artigo foram analisadas diversas obras, subdivididas em três períodos distintos na carreira do arquitecto: modernismo, moderno e tardo-moderno. Apesar do autor do texto referir que «(…) em todos eles se nota um distanciamento em relação às propostas mais vanguardistas, radicais e "eruditas" da Arquitectura manifesto»[38], acrescenta ainda que Fernando Silva fez, ou tentou fazer, uma «Arquitectura sem mestre por muito que a sombra de Mies van der Rohe seja óbvia»[39].

Na primeira fase, são referidos o Cinema Cinearte e o Prémio Valmor de 1943, dois edifícios projectados em colaboração com Rodrigues Lima, um "Homem do regime" com quem Fernando Silva fez o tirocínio. O Prémio Valmor de 1946, o Prémio Municipal de Arquitectura

de 1950 – cinema S. Jorge –, o Cinema Pathé-Imperial e, finalmente, o Cineteatro Luísa Todi também fazem parte deste primeiro período.

Estão inseridos na segunda fase – o período moderno de Fernando Silva – essencialmente edifícios de escritórios e serviços, situados em Lisboa e no Porto: o BPM, o Hotel de Albufeira, o Edifício Shell, o edifício de escritórios da Philips, o Edifício Quimigal – considerado por Rogério Gonçalves como a obra-prima deste segundo período –, o edifício da companhia de seguros La Equitativa e o conjunto urbano composto pelos edifícios Aviz e Hotel Sheraton.

A terceira e última fase, o tardo-moderno, engloba a Urbanização da Portela, o Hotel Júpiter, o edifício Miramar, o edifício SAAB, o edifício da Avenida da República nº28, o Complexo do Entreposto, a Urbanização do Alto da Barra e o edifício de habitação na Rua Maria Veleda.

Rogério Gonçalves concluiu o artigo com uma apreciação geral aos que criticam as obras de Fernando Silva:

> *Quem considera necessário e urgente encontrar padrões de qualidade mínima na contínua construção em massa praticada no nosso país, encontra nestes trabalhos um dos poucos exemplos significativos de um percurso em que foram encontradas soluções satisfatórias, essenciais na construção de um melhor ambiente urbano. Não bastam rasgos de genialidade singular e intervenções excepcionais.*[40]

Em 2002, o Arquitecto João Pedro Costa publicou “Bairro de Alvalade – Um paradigma no Urbanismo Português”. Neste livro o autor refere todos os conjuntos urbanos e edifícios projectados por Fernando Silva: a zona comercial da célula III – que foi o primeiro conjunto de casas de renda limitada no Bairro de Alvalade, situado na Avenida da Igreja – o mercado de Alvalade e a Praça de Alvalade – um conjunto de edifícios no cruzamento das avenidas de

Roma e da Igreja, projectados em colaboração com o Arquitecto Ruy D'Athouguia. Este último edifício vai ser também referido na Tese de Doutoramento da Arquitecta Graça Correia, intitulada "Ruy D'Athouguia – A Modernidade em Aberto", defendida em 2006.

Ainda em 2002, José Luís Saldanha escreveu um artigo na revista *Espaço & Design* intitulado "*Fernando Silva – O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!*". Numa pequena biografia o autor deste artigo menciona os três prémios Valmor, o conjunto Sheraton-Avis e o Cinema Luísa Todi. Relativamente ao terceiro Valmor afirma que é uma «(…) peça arquitectonicamente frouxa, mas que espelha de certo modo o gosto e o sistema construtivo da época»[41].

No mesmo artigo José Luís Saldanha tenta desmistificar o "porquê" de Fernando Silva não ser reconhecido actualmente – «(…) Fernando Silva é mais nome de mecânico automóvel ou chauffeur de táxi, sem a "allure" de um Cassiano, Lino, Pardal Monteiro ou – hodiernamente – Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Gonçalo Byrne ou Souto DE Moura»[42].

Um ano mais tarde, o livro "O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950", publicado em 2009 pela Câmara Municipal de Lisboa, foi o resultado de uma Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, em 2003, na FCSH-UNL. O autor da tese, o Arquitecto Ricardo Costa Agarez, fez uma pesquisa exaustiva de toda a habitação multifamiliar dos anos 1950 em Lisboa, com o objectivo de perceber o «(…) grau de modernização das linguagens formais exteriores, segundo os estereótipos de um Movimento Moderno no auge da sua internalização(…)»[43].

Foram analisadas e mencionadas quatro obras do Arquitecto Fernando Silva neste trabalho: três construídas e uma não construída. O primeiro projecto referido foi o edifício na Avenida da República nº28, obra elogiada por Agarez, referindo que é um «(…) exemplo da construção moderna de alto nível nas Avenidas Novas e interessante peça arquitectónica (…)»[44].

O próximo projecto de Fernando Silva mencionado pelo autor não chegou a ser construído. É um edifício de gaveto na Rua Rebelo da Silva que, em Junho de 1956, foi recusado por incumprimento do R.G.E.U. (Regulamento Geral das Edificações Urbanas).

A terceira referência a Fernando Silva foi num projecto de alteração na Rua Braamcamp nº5. Em Dezembro de 1955, o Arquitecto Joaquim Ferreira (1911-1966) projectou um edifício de habitação, mas, ainda antes de concluído, o «(...) imóvel é integralmente convertido em escritórios (Alterações de Maio de 1959), e, em Dezembro desse mesmo ano, em sede do Banco de Fomento Nacional, com projecto de Fernando Silva»[45]. Finalmente, o último projecto analisado por Ricardo Costa Agarez situa-se na Rua Gustavo Matos Sequeira nº29, datado de 1952.

Além dos projectos analisados durante o livro, Fernando Silva teve ainda direito a um texto reflexivo e conclusivo sobre estas quatro obras, uma biografia geral e um texto, no capítulo final, sobre o desempenho dos autores do caso de estudo:

> *Arquitectos como Alberto Pessoa, Fernando Silva, Januário Godinho ou Conceição Silva confirmaram, nos exemplos recolhidos neste estudo, as características de uma prática arquitectónica esclarecida, objectiva e que procurou evitar o formalismo fácil que a exposição epidérmica às influências internacionais por regra implicou. Foram responsáveis por projectos que ficam como marcos da produção arquitectónica destes anos para habitação colectiva, enquadráveis sem dificuldade no âmbito de percursos profissionais coerentes e rigorosos.*[46]

José Manuel Pedreirinho lançou mais uma vez, em 2003, um livro sobre os 100 anos do Prémio Valmor e, como seria de esperar, estão inseridas as três obras Valmor de Fernando Silva.

Ainda no mesmo ano, José Manuel Fernandes publicou um livro intitulado "Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo", que teve como objectivo analisar a arquitectura deste período. O edifício de habitação colectiva na Avenida Sidónio Pais 6, Prémio Valmor de 1943, de Fernando Silva e Rodrigues Lima foi mencionado.

Na monografia "Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970" do ano de 2003, o arquitecto Fernando Silva volta a ser mencionado. O livro "celebra o fruto do trabalho de investigadores e colaboradores do IPPAR nos últimos cinco anos e (…) dá início formal ao projecto de classificação do Património Arquitectónico Português do século XX". O cinema S. Jorge e a Siderurgia Nacional são dois dos edifícios publicados, das 51 obras Modernas seleccionadas para integrar no livro.

Em 2004 a Câmara Municipal de Lisboa publicou o livro do centenário do Prémio Valmor, onde fez um levantamento cronológico de todas as obras vencedoras e menções honrosas do Prémio Valmor, Prémio Municipal de Arquitectura e Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura.

Fernando Silva tem cinco obras referenciadas neste livro: os três Prémios Valmor – na Avenida Sidónio Pais nº6, Avenida Casal Ribeiro nº12 e Rua Maria Veleda nºs 2 e 4 – e os dois Prémios Municipais de Arquitectura – Cinema S. Jorge e o prédio de habitação na Avenida do Restelo nº23.

O livro "A Arquitectura da Indústria, 1925-1965" publicou em 2005 o projecto da Siderurgia Nacional. No mesmo ano foi ainda publicado um livro intitulado "Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974". Segundo a Arquitecta Isabel Monteiro esta monografia «(…) vem completar uma lacuna com a publicação das obras correspondentes à maturidade de carreira do nosso arquitecto»[47]. As Urbanizações do Alto da Barra, a Portela de Sacavém, os edifícios para o Banco Pinto e Sotto Mayor, o Edifício do Campo Grande nº28 e a Urbanização da

Quinta da Luz são os cinco edifícios publicados no livro.

Em 2006, numa selecção de 516 edifícios em Portugal, no livro "*IAPXX: 20th Century Architecture in Portugal"*, apenas **uma** obra do arquitecto foi referida. A inclusão destas obras no livro foi baseada numa aproximação cronológica que permite a arquitectura portuguesa do século XX ser visualizada num panorama geral. A obra seleccionada de Fernando Silva foi o edifício de habitação do conjunto urbano situado na Avenida Sidónio Pais.

Pela primeira vez, em 2008, é feita na FCSH-UNL uma dissertação de mestrado sobre Fernando Silva, intitulada "A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da «Geração Esquecida»". Esta tese da Arquitecta Isabel Monteiro vai «(…) analisar a obra arquitectónica do arquitecto Fernando Silva (1914-1983), propondo uma interpretação crítica do seu trabalho, por forma a revelar a importância que protagonizou na arquitectura portuguesa a partir da segunda metade do séc. XX»[48].

Com o objectivo de "ressuscitar" o arquitecto da chamada "geração esquecida", Isabel Monteiro dá-nos inúmeras premissas para continuar a pesquisar, perceber e conhecer as obras e a vida de um arquitecto reservado.

No mesmo ano, Nuno Portas lançou a monografia "A Arquitectura para Hoje seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal". A única referência directa a Fernando Silva encontra-se numa imagem na página 231, incluindo-a no tema "Entre resistência e compromisso". O projecto seleccionado foi o Prémio Valmor de 1946, na Avenida Casal Ribeiro.

Nessa mesma página encontram-se ainda imagens das obras dos arquitectos João Guilherme Faria da Costa (1906-1971), com quem Fernando Silva colaborou, Alberto José Pessoa (1919-

1985), R. Ramalho, Manuel Maria Cristóvão Laginha (1919-1985), Pedro Anselmo Freire Braamcamp Cid (1925-1983), João de Barros Vasconcelos Esteves (n. 1921) e Porfírio Pardal Monteiro.

Apesar de não referir nome de Fernando Silva, o autor critica-o indirectamente no capítulo "A Resistência":

> *A arquitectura dos arquitectos mais qualificados, que iam agora aumentando de número, deixaria consequentemente de ter o Estado como "cliente social" principal, para passar a servir sobretudo a construção privada especulativa (o prédio de rendimento) ou as moradias de capricho da nova burguesia do Regime. E se no caso é ainda Lisboa e arredores o teatro de operações por excelência, já no segundo caso, as obras se irão repartir pelo Porto ou mesmo outras cidades da província.*[49]

Fernando Silva teve ainda dois projectos publicados no volume VII da enciclopédia "Portugal Património", de 2008. O mais emblemático cinema de Lisboa, o S. Jorge, e a Siderurgia Nacional, foram os dois equipamentos seccionados.

3.3 Um Arquitecto Discretamente Divulgado

> *Na nossa pesquisa preliminar, anterior à redacção da dissertação, deparámo-nos com uma escassa bibliografia, constituída por obras de carácter geral, onde a obra do arquitecto Fernando Silva é pouco ou nada referenciada (…)*[50]
>
> *Isabel Monteiro*

Neste trabalho de investigação foram citadas e analisadas, no total, 39 referências bibliográficas – em que Fernando Silva é mencionado – em 69 anos (de 1940 a 2009), ou seja, em mais de metade desses anos (55%) o arquitecto foi referenciado. Quinze monografias, catorze periódicos, cinco dissertações, quatro dicionários e enciclopédias e um catálogo foram os objectos de estudo para este resultado. Nestas publicações foram referenciados 48 edifícios e conjuntos urbanos do arquitecto – 46 existentes, um nunca construído e um extinto. [Anexo 7]

Ao serem analisadas todas as publicações percebe-se claramente que o edifício mais reconhecido e bem criticado é o S. Jorge com 19 referências, sendo que quando se fala nas obras do arquitecto, quase metade das vezes (49%) o cinema é mencionado.

Comparando as referências bibliográficas, dos periódicos de arquitectura, entre os arquitectos Fernando Silva e Francisco Conceição Silva (1922-1982)[51] – dois arquitectos contemporâneos –, verifica-se que o primeiro foi mencionado em 14 periódicos enquanto o último em 26, quase o dobro [Anexo 8]. É precisamente na comparação entre estes dois arquitectos que se tenta perceber porque é que Fernando Silva é um arquitecto "esquecido".

O principal meio de divulgação de arquitectura (e arquitectos) em Portugal era feito essencialmente pelas revistas. Segundo o Arquitecto Manuel Graça Dias (n. 1953), em Portugal «(…) a crítica "moderna" terá nascido muito à volta de revistas como *Binário* e *Arquitectura*, principalmente nesse final de anos cinquenta (…)»[52].

Apesar da enorme discrepância entre as publicações dos arquitectos Fernando e Conceição Silva na revista *Arquitectura* – o primeiro com três e o último com vinte –, ao analisar-se este assunto percebe-se que, antes da mudança de direcção em 1957, Fernando Silva tinha duas publicações e Conceição Silva três, o que significa que os dois arquitectos eram igualmente divulgados pela revista.

A partir de 1957 houve uma mudança radical na divulgação de projectos na revista *Arquitectura*, optando por divulgar obras de "arquitectos pensadores" ao invés de obras projectadas por "arquitectos técnicos". Desde então Fernando Silva só foi publicado uma vez enquanto Conceição Silva foi dezassete.

Por outro lado, ao analisarmos as publicações destes dois arquitectos na revista *Binário*, uma revista mais "técnica", Fernando Silva foi divulgado cinco vezes, enquanto Conceição Silva quatro.

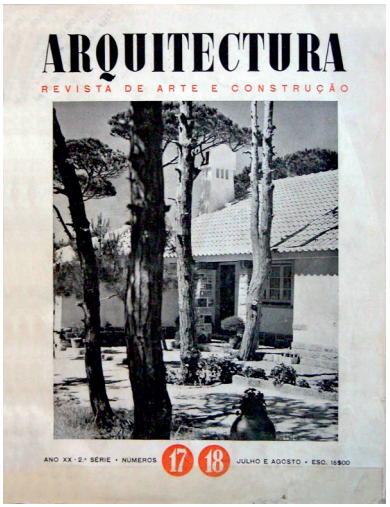
Apesar de Fernando Silva ser referido em monografias importantes como "A Arte em Portugal no Século XX" de José-Augusto França, o "Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa", ou a enciclopédia "História da Arte em Portugal", não foi mencionado em escritos teóricos de enorme peso em Portugal, como o "Prefácio e um estudo sobre a evolução da arquitectura moderna em Portugal" por Nuno Portas, o livro "Percurso" de Sérgio Fernandez ou a monografia "Arquitectura Portuguesa: uma síntese" de José Manuel Fernandes.

Não se pode considerar que Fernando Silva tenha sido pouco divulgado, mas sim que as suas menções são como a sua personalidade: discreta, pragmática, comedida e reservada.

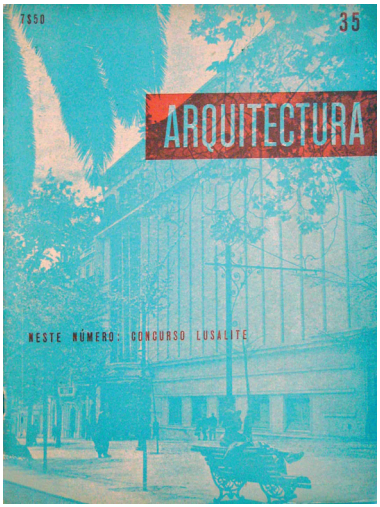
PUBLICAÇÕES
FERNANDO SILVA



1940
Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos nº12
Cinearte, o Novo Clima do Jardim dos Santos



1947
Arquitectura nº17|18
Ecos e Comentários



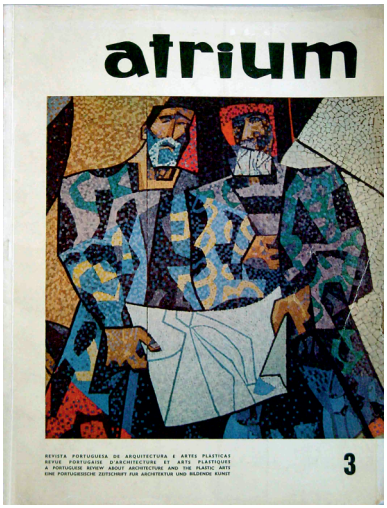
1950
Arquitectura nº35
Cinema S. Jorge



1959
Binário nº12
O novo edifício da Shell portuguesa – algumas considerações



1959
Atrium nº 2
Cinema em Lisboa



1960
Atrium nº3
Sede de uma Companhia de Petróleos



1961
Binário nº35
Acerca da Siderurgia Nacional



1962
Binário nº48
Sede de um Banco no Porto



1970
Binário nº138
Philips, Edifício Sede



1972
Binário nº170
Hotel Sheraton de Lisboa



1980
História nº20
Oito Décadas de Prémios Valmor



1980
Arquitectura nº139
Prémios de Arquitectura em Lisboa



1980
FRANÇA, José-Augusto
Lisboa: Urbanismo e Arquitectura

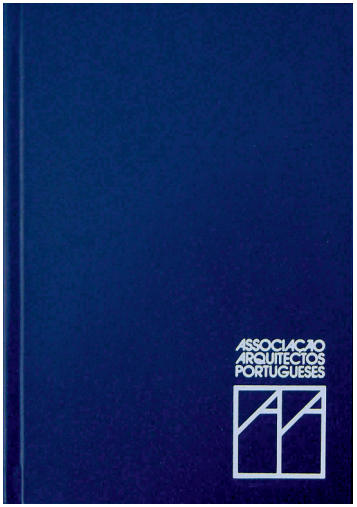


1982
FRANÇA, José Augusto
Os Anos 40 na Arte Portuguesa

1982
BRITO, Margarida Acciaiuoli de
Os Cinemas de Lisboa:
Um Fenómeno Urbano do Século XX



1982
FRANÇA, José Augusto
A Arte em Portugal no Século XX



1987
AAVV
Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa

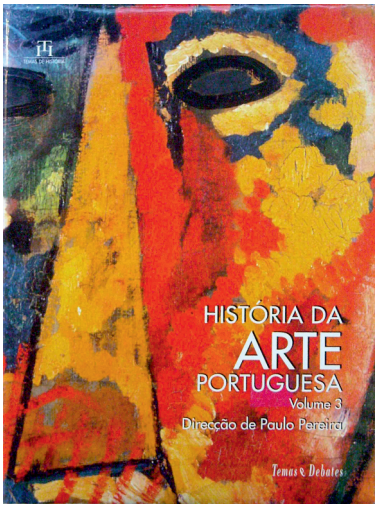
1988
PEDREIRINHO, José Manuel
História do Prémio Valmor



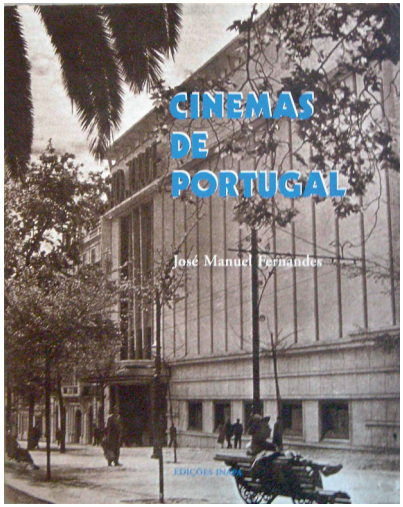
1994
PEDREIRINHO, José Manuel
Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade



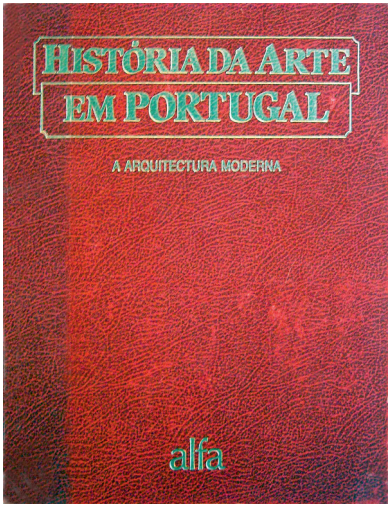
1994
AAVV
Guia de Arquitectura – Lisboa 94



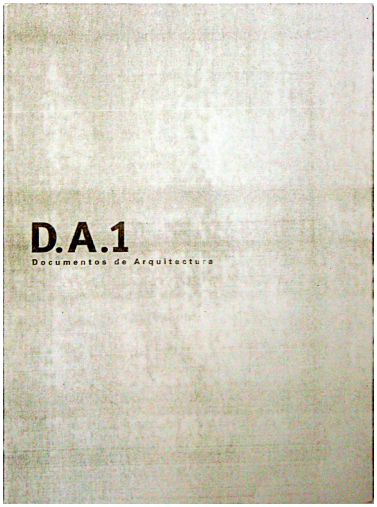
1995
AAVV
História da Arte Portuguesa



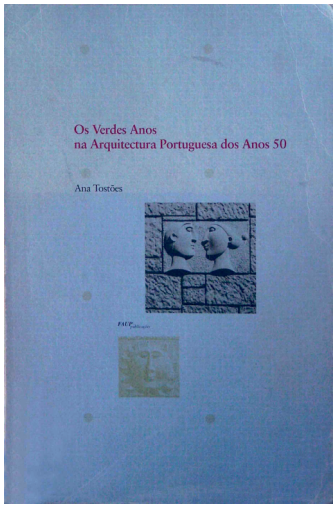
1995
FERNANDES, José Manuel
Cinemas de Portugal



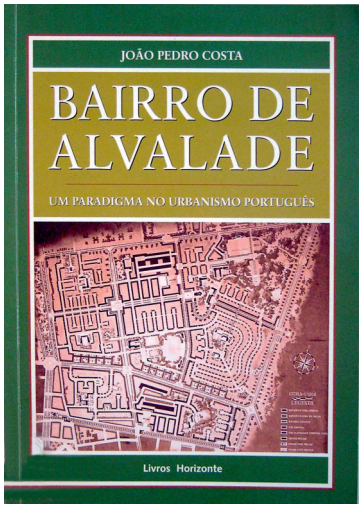
1986
ALMEIDA, Pedro Vieira de |
FERNANDES, José Manuel
História da Arte em Portugal



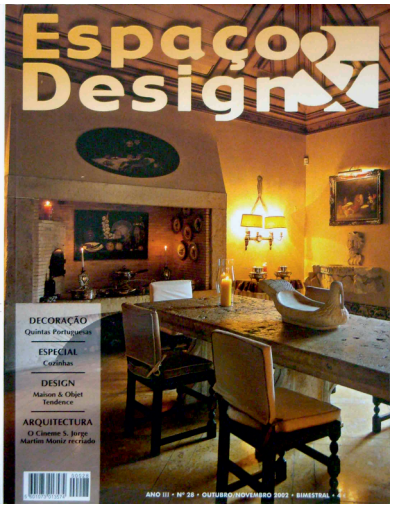
1996
Documentos de Arquitectura nº1
Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva



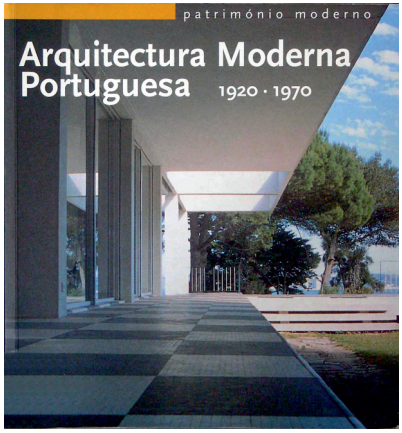
1997
TOSTÕES, Ana
Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50



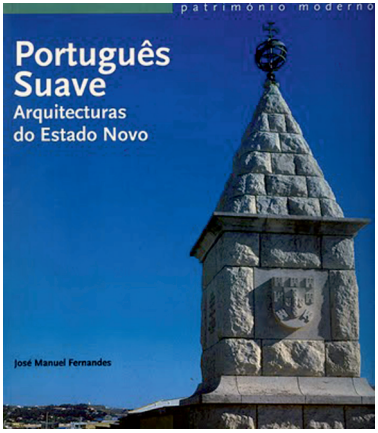
2002
COSTA, João Pedro
Bairro de Alvalade – Um paradigma no Urbanismo Português



2002
SALDANHA, José Luís
O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!



2003
AAVV
Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970



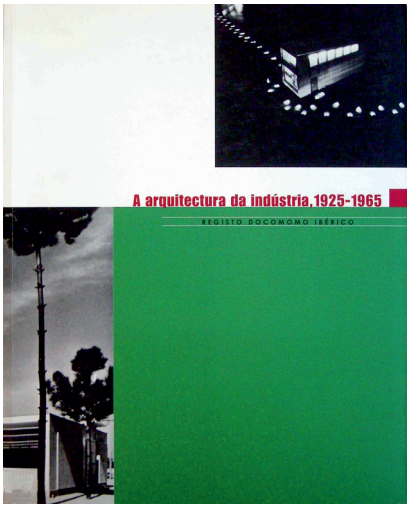
2003
FERNANDES, José Manuel
Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo



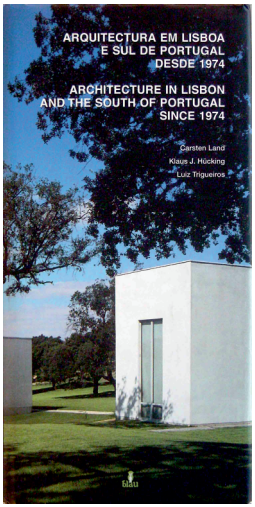
2003
PEDREIRINHO, José Manuel
Prémio Valmor – 100 Anos



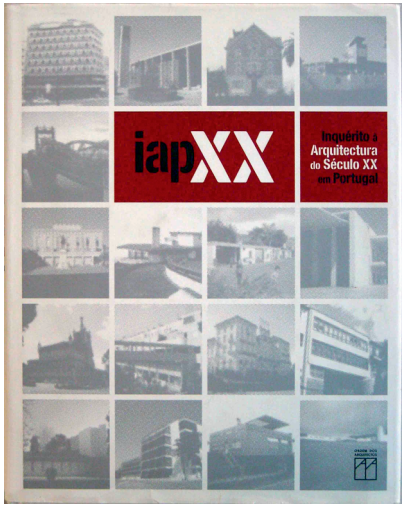
2004
AAVV
Lisboa – Prémio Valmor



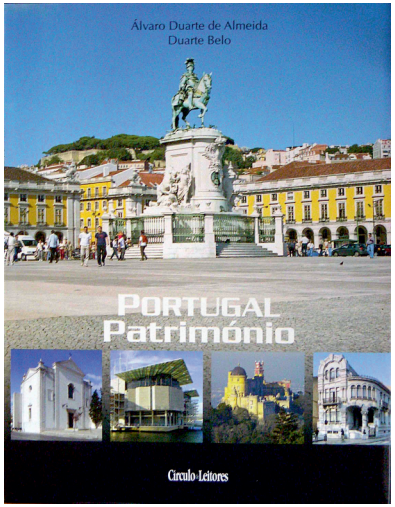
2005
AAVV
A Arquitectura da Indústria, 1925-1965



2005
TRIGUEIROS, Luiz | LAND, Carsten | HÜCKING, J. Klaus
Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974



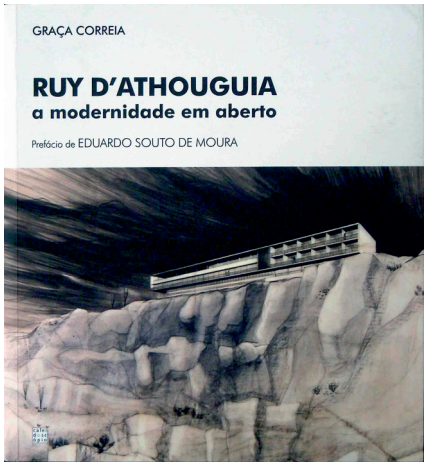
2006
AAVV
IAP XX: 20th Century Architecture in Portugal



2008
ALMEIDA, Álvaro Duarte de | BELO, Duarte
Portugal Património – Vol VII – Lisboa



2008
MONTEIRO, Isabel
A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da "Geração Esquecida"



2008
CORREIA, Graça
Ruy D'Athouguia – a modernidade em aberto



2008
PORTAS, Nuno
A Arquitectura para Hoje seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal



2009
AGAREZ, Ricardo
O Moderno Revisitado –
Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950

4. Conclusão

Sem qualquer tipo de partido político ou arquitectónico, Fernando Silva não se "enquadra" em nenhum lugar específico na história da arquitectura portuguesa do século XX. É um arquitecto técnico e pragmático, não olha a estilos nem a "modas". Projecta para responder a um problema com o objectivo de que as suas obras sejam confortáveis, duradouras e habitáveis – não utiliza a arquitectura como um manifesto, mas tenta criar uma unidade/linguagem nos seus projectos.

Concluído este trabalho de investigação, chegou-se a vários dados surpreendentes sobre o arquitecto em estudo. Entre os 134 arquitectos premiados e com menções honrosas, na história do Valmor, Fernando Silva encontra-se nos **três** mais condecorados. Foram no total cinco prémios que alcançou na sua carreira, três Valmor e dois Municipais, sendo o **único** arquitecto distinguido mais do que uma vez com o Municipal de Arquitectura em toda a história do prémio.

Se observarmos, também, o lote de arquitectos distinguidos com os dois prémios lisboetas (Valmor e Municipal), antes da sua união, encontramos grandes nomes da arquitectura portuguesa. São nove – Keil do Amaral, Ruy D'Athouguia, Pedro Anselmo Freire Braamcamp Cid (1925-1983), Pardal Monteiro, Alberto José Pessoa, Jacobetty Rosa, João Simões, Cristino da Silva e Fernando Silva.

Outra conclusão interessante é o desmistificar do "Fernando Silva pouco referenciado". Essa afirmação não é completamente verdadeira. Em 40 anos de carreira profissional e 27 anos após a sua morte, o arquitecto foi mencionado em (pelo menos) 39 publicações, onde foram referenciados 48 edifícios e conjuntos urbanos projectados por Fernando Silva. O Cinema S. Jorge é o edifício mais mencionado, sendo o projecto "de marca" do arquitecto.

Entende-se que sua carreira começa em grande ascensão com todas as probabilidades de fazer uma arquitectura de excepção, mas não o fez. Fernando Silva acabou por optar por uma arquitectura não-autoral. Na verdade é um não herói que defende uma arquitectura de não autoria. Para Rogério Gonçalves isso é de louvar, pois existem poucos arquitectos com tantas capacidades como Fernando Silva para fazer uma arquitectura anónima, que irremediavelmente tem de existir.

Poderá ter sido a "imparcialidade" de Fernando Silva que o levou a ser ignorado pelos outros arquitectos. O arquitecto não fez parte de nenhuma organização, manteve-se afastado das discussões arquitectónicas da sua época. Não tomou partidos. O facto de ter trabalhado maioritariamente para promotores privados e por não ser um arquitecto teórico não o "ajudou" na inclusão do mundo da arquitectura.

Apesar de críticos de arquitectura como o Nuno Portas ou a Ana Tostões criticarem a obra de Fernando Silva, são unânimes em afirmar que o S. Jorge é uma arquitectura de valor que merece destaque na história da arquitectura portuguesa.

Com nome de "taxista" e uma arquitectura "desinteressante e repetitiva", Fernando Silva é um arquitecto simples mas cheio de contradições, tornando-o num caso de estudo complexo e singular. A maior dificuldade nesta investigação foi, desde o princípio, conhecer e perceber o arquitecto enquanto "indivíduo" e não as suas obras. Sendo um homem muito reservado, pouco se sabe sobre as suas convicções e gostos e isso é transmitido para os seus projectos – não existe uma leitura clara do estilo arquitectónico utilizado (desde a Arquitectura do Estado Novo ao Movimento Moderno), tentando manter sempre um certo distanciamento, sem nunca fazer *statements* com a sua obra.

Um nome para uma arquitectura sem nome.

NOTAS

[1] Ao longo da investigação fui-me apercebendo de incongruências, em artigos e trabalhos, em relação à data de nascimento de Fernando Silva. Esta é a data correcta – Informação fornecida pela filha do arquitecto, Maria "Zaza" Carneiro de Moura.

[2] Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto

[3] AA.VV.. *Lisboa – Prémio Valmor*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2004, p. 19

[4] Idem, p. 17

[5] *Prémios de Arquitectura em Lisboa*, Arquitectura, nº139, Dezembro 1980, p. 33

[6] AA.VV.. *Lisboa – Prémio Valmor*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2004, p. 26

[7] Idem, p. 78

[8] Idem, p. 83

[9] Idem, p. 90

[10] Idem, p. 92

[11] *Entre Louvores e Contestação – Prémio Valmor-78 Atribuído a Bloco Residencial de Camide*, A Capital, 20 Dezembro 1979, p.8

[12] AA.VV.. *Lisboa – Prémio Valmor*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2004, p. 103

[13] *Prémios de Arquitectura em Lisboa*, Arquitectura nº139, Dezembro 1980, p.50

[14] *Entre Louvores e Contestação – Prémio Valmor-78 Atribuído a Bloco Residencial de Camide*, A Capital, 20 Dezembro 1979, p.8

[15] Idem, p.8

[16] AA.VV.. *Lisboa – Prémio Valmor*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2004, p. 103

[17] *Prémios de Arquitectura em Lisboa*, Arquitectura nº139, Dezembro 1980, p.49

[18] Idem, p.49

[19] Idem, p.50

[20] Idem, p.50

[21] *Ecos e Comentários*, Arquitectura, nºs 17 e 18, Julho/Agosto 1947, p. 39

[22] GONÇALVES, Rogério. *Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva*, D.A., Documentos de Arquitectura, nº1, Lisboa, Fevereiro 1996, p. 40

[23] *Cinema em Lisboa*, Atrium, nº 2, Novembro/Dezembro 1959, p. 8

[24] *Acerca da Siderurgia Nacional*, Binário, nº35, Agosto 1961, p. 457

[25] PEDREIRINHO, José Manuel. *Oito Décadas de Prémios Valmor*, História nº20, Junho 1980, p. 65

[26] GONÇALVES, Rogério. *Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva*, D.A., Documentos de Arquitectura, nº1, Lisboa, Fevereiro 1996, p. 38

[27] TENREIRO, Adalberto, FERNANDO, José M. *Prémios de Arquitectura em Lisboa*, Arquitectura nº139, Dezembro 1980, p. 32

[28] FRANÇA, José-Augusto. *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa: Livros Horizonte, 1980, p. 115

[29] Idem, p. 116

[30] FRANÇA, José Augusto. *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*, Volumes 1 e 6, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

[31] FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Bertrand, 1985, p. 452

[32] AAVV. *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987, p. 160

[33] PEDREIRINHO, José Manuel. *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*, Porto: Edições Afrontamento, 1994, p. 221

[34] TOSTOES, Ana. *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*, Porto: FAUP Publicações, 1997, p.15

[35] Idem, p. 92

[36] Idem, p. 93

[37] TOSTÕES, Ana. *Arquitectura portuguesa do Século XX*, in *História da Arte Portuguesa*, Vol 10 (1995-1997), Rio de Mouro: Círculo Leitores, 1995, p. 30

[38] GONÇALVES, Rogério. *Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva*, D.A., Documentos de Arquitectura, nº1, Lisboa, Fevereiro 1996, p. 40

[39] Idem, p. 40

[40] Idem, p. 46

[41] SALDANHA, José Luís. *Fernando Silva – O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!*, in *Espaço & Design*, nº 28, Lisboa, Outubro/Novembro 2002, p.86

[42] Idem, p.86

[43] AGAREZ, Ricardo. *O Moderno Revisitado – Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950*, Lisboa: CML, 2009, p. 11

[44] Idem, p. 125

[45] AGAREZ, Ricardo. *O Moderno Revisitado – Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950*, Lisboa: CML, 2009, p. 169

[46] Idem, p. 300

[47] MONTEIRO, Isabel. A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da "Geração Esquecida", Dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea apresentada à U.N.L. – F.C.S.H., Lisboa, 2008 (policopiado), p.5

[48] Idem, p.1

[49] PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para Hoje seguido de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p.196

[50] MONTEIRO, Isabel. *A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da "Geração Esquecida"*, Dissertação de Mestrado em História de Arte Contemporânea apresentada à U.N.L. – F.C.S.H., Lisboa, 2008 (policopiado), p. 3

[51] Bibliografia fornecida pelo grupo de investigação do Laboratório de Cultura Arquitectónica Contemporânea, orientado pela Professora Doutora Ana Vaz Milheiro (n.1968)

[52] DIAS, Manuel Graça. *Procurar a Liberdade – Portugal, Panorama da Crítica de Arquitectura nos Últimos 30 Anos. Viagem Através de algumas Revistas*, J.A., nº211, Lisboa, Maio/Junho 2003, p. 30

ANEXO 1

Fotografias Fernando Silva





Fernando Silva

ANEXO 2

Álvaro de Campos
LISBON REVISITED (1923)

NÃO: Não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —
Das ciências, das artes, da civilização modema!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

ANEXO 3

Quadro do Prémio Valmor, Prémio Municipal e Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1902	Nicola Bigaglia Moradia Unifamiliar (1)			
1903	Miguel Ventura Terra Prédio de Habitação (2)			
1904				Nicola Bigaglia Jorge Pereira Leite Moradia Unifamiliar (3) Prédio de Habitação (4)
1905	Manuel Norte Júnior Moradia Unifamiliar (5)			
1906	Miguel Ventura Terra Moradia Unifamiliar (6)			
1907	António Couto de Abreu Moradia Unifamiliar (7)			
1908	Arnaldo R. Adães Bermudes Prédio de Habitação (8)			Manuel Norte Júnior Prédio de Habitação (9)
1909	Miguel Ventura Terra Moradia Unifamiliar (10)			Arnaldo R. Adães Bermudes António Abreu Adolfo Marques da Silva Moradia Unifamiliar (11) Moradia Unifamiliar (12) Prédio de Habitação (13)
1910	Ernesto Korrodi Moradia Unifamiliar (14)			
1911	Miguel Ventura Terra Prédio de Habitação (15)			
1912	Manuel Norte Júnior Moradia Unifamiliar (16)			Manuel Norte Júnior Moradia Unifamiliar (17)

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1913	Miguel Nogueira Júnior Prédio de Habitação (18)			Miguel Ventura Terra Moradia Unifamiliar (19)
1914	Manuel Norte Júnior Moradia Unifamiliar (20)			Rafael Duarte Melo António Rodrigues da Silva Álvaro Machado Moradia Unifamiliar (21) Moradia Unifamiliar (22) Moradia Unifamiliar (23)
1915	Manuel Norte Júnior Prédio de Habitação (24)			
1916	Miguel Nogueira Júnior Prédio de Habitação (25)			
1917	Ernesto Korrodi Prédio de Habitação (26)			
1918				
1919	Álvaro Machado Moradia Unifamiliar (27)			
1920				
1921	Tertuliano Marques Moradia Unifamiliar (28)			
1922				
1923	Porfírio Pardal Monteiro Prédio de Habitação (29)			

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1924				
1925				
1926				
1927	Manuel Norte Júnior Equipamento Hoteleiro (30)			
1928	Porfírio Pardal Monteiro Moradia Unifamiliar (31)			
1929	Porfírio Pardal Monteiro Moradia Plurifamiliar (32)			
1930	Raul Lino da Silva Moradia Unifamiliar (33)			Porfírio Pardal Monteiro Moradia Plurifamiliar (34)
1931	Miguel Simões Jacobetty Rosa António Veloso dos Reis Camelo Prédio de Habitação (35)			
1932				
1933				
1934				

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1935				
1936				
1937				
1938	Porfírio Pardal Monteiro Equipamento Religioso (36)			
1939	Carlos Rebelo de Andrade Guilherme Rebelo de Andrade Moradia Plurifamiliar(37)			
1940	Porfírio Pardal Monteiro Prédio de Escritórios(38)			
1941				
1942	António Maria Veloso dos Reis Camelo Prédio de Habitação (39)			
1943	Raul Rodrigues Lima **Fernando Silva** **Prédio de Habitação (40)**	Miguel Simões Jacobetty Rosa Prédio de Habitação (41)		
1944	Luís C. Cristino da Silva Moradia Unifamiliar (42)	Luís C. Cristino da Silva Moradia Unifamiliar (42)		
1945	António Maria Veloso dos Reis Camelo Prédio de Habitação (44)	João Simões Prédio de Habitação (45)		

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1946	**Fernando Silva** **Prédio de Habitação (46)**	Carlos J. Chambers Ramos Moradia Unifamiliar (47)		
1947	Jorge de Almeida Segurado Moradia Unifamiliar (48)	Porfírio Pardal Monteiro Prédio de Habitação (49)		
1948				
1949	João Simões Prédio de Habitação (50)	José Lima Franco Dário Silva Vieira Prédio Misto (Habitação/Escritórios) (51)		
1950	Alberto José Pessoa Moradia Unifamiliar (52)	**Fernando Silva** **Equipamento Cultural (53)**		
1951		Francisco C. Keil do Amaral Moradia Unifamiliar (54)		
1952		**Fernando Silva** João Faria da Costa **Prédio de Habitação (55)**		
1953				
1954		Ruy Jervis Athouguia Sebastião L. Formosinho Sanches Edifício de Habitação (56)		
1955				
1956		Alberto José Pessoa Hernâni Guimarães Gandra João A. Carneiro de Moura Manta Conjunto Habitacional (Prédios) (57)		

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1957		Manuel Maria Cristóvão Laginha Pedro A. Freire Braancamp Cid João de B. Vasconcelos Esteves Conjunto Habitacional (Prédios) (58)		
1958	Carlos M. Oliveira Ramos Equipamento Industrial (59)			
1959				
1960				
1961				
1962	Francisco C. Keil do Amaral Moradia Unifamiliar (60)			
1963				
1964				
1965				
1966				
1967	Nuno Teotónio Pereira António Pinto Freitas Prédios de Habitação (61)			

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1968				
1969				
1970	Leonardo R. C. de Castro Freire Prédio Misto (Habitação/Comércio) (62)			
1971	Nuno Teotónio Pereira João Braula Reis Prédio Misto (Comércio/Escritórios) (63)			
1972				
1973				
1974				
1975	Ruy Athouguia, Alberto Pessoa, Pedro Cid Gonçalo Ribeiro Teles, António Barreto Teotónio Pereira, Nuno Portas Pedro Almeida, Luís Rosa Equipamento Cultural (64) Equipamento Religioso (65)			
1976				
1977				
1978	**Fernando Silva** **Conjunto Habitacional (Prédios) (66)**			Fernando E. Ressano Garcia Fernão L. Simões de Carvalho Prédio de Escritórios (67) Moradia Unifamiliar (68)

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1979				
1980	Manuel Salgado, António Teixeira Guerra António Penha e Costa, Sérgio Coelho Prédio de Escritórios (69)			
1981				
1982			Tomás Taveira Conjunto Habitacional (Prédios) (70)	Raul Hestnes Ferreira Jorge Gouveia José Teixeira Equipamento Educativo (71)
1983				António Marques Miguel Manuel Graça Dias Mordia Unifamiliar (72)
1984			Carlos M. Tojal, Manuel José Moreira, Carlos Roxo de R. Bandeira, Jorge Silva Francisco Sequeira, Nuno E. da Silva Armindo do Espirito Santo e Silva Prédio de Escritórios (73)	João M. Andrade e Sousa Prédio Misto (Habitação/Comércio) (74)
1985			Eduardo Paiva Lopes Manuel Silva Fernandes Sérgio Menezes de Melo Prédio de Escritórios (75) Prédios de Habitação (76)	José Mantero, João Mota Mendes Rodrigo Rau Armando de Matos Salgueiro Equipamento de Investigação(77) Prédio de Habitação (78) Restauro de Moradia (79)
1986				Rodrigo Rau Prédio de Habitação (80)
1987			Rui de Sousa Cardim Equipamento Educativo (81)	Teotónio Pereira, Nuno Portas, Pedro Botelho João Raposo de Almeida António F. Ribeiro, Diogo Lino Pimentel Prédio de Habitação (82) Prédio de Habitação (83) Prédio de Habitação (84)
1988			António A. Nunes de Almeida Prédio de Escritórios (85)	José Pires Marques, Nuno de Carvalho, José de Magalhães Nuno Teotónio Pereira, João Paciência Vítor Manuel Afonso Alberto Prédio de Habitação (86) Prédio de Habitação (87) Moradia Unifamiliar (88)
1989			Duarte Nuno Simões Maria Teresa Madeira da Silva Nuno da Silva Araújo Simões Sérgio Almeida Rebelo Maria do Rosário Venade Conjunto Habitacional (Moradias) (89)	João Lopes da Silva Luís Serrano Rodrigues, Rui Ferreira João Vaz Pires, César Barbosa, Fernando Pinto Coelho Prédios de Habitação (90) Prédios de Habitação (91)

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
1990			João Paiva Raposo de Almeida Pedro Lancastre Ferreira Pinto Pedro Emauz e Silva Prédios Mistos (Habitação/Comércio) (92)	João P. Raposo de Almeida José Lobo de Carvalho Prédio Misto (Habitação/Comércio) (93)
1991			Manuel Mendes Tainha Equipamento Educativo (94)	Luiz A. de Almeida Moreira Edifício de Habitação (95)
1992				
1993			Tomás Taveira Prédios Mistos (Habitação/Comércio/Escritórios) (96)	João Luís Carrilho da Graça Raul Hestnes Ferreira Equipamento Educativo (97) Equipamento Educativo (98)
1994			João Paciência Prédio de Habitação (99)	Tomás Taveira Prédio de Escritórios (100)
1995				
1996				Henrique Lami Tavares Chicó Prédio de Escritórios (101)
1997			João M. H. Duarte Ferreira Miguel Sousa Prédio Misto (Habitação/Comércio/Escritórios) (102)	João Paiva Raposo de Almeida Pedro Lancastre Ferreira Pinto Pedro Emauz e Silva Edifício Administrativo da Parque Expo (103)
1998			Álvaro Siza Vieira João Luis Carrilho da Graça Manuel Salgado, João Gomes da Silva Pavilhão Portugal (104) Pavilhão Conhecimento Mares (105) Espaço Público da Parque Expo (106)	Peter Chermayeff Regino Cruz, Nicholas Jacobs Fernando C. da Silva Pinheiro Oceanário e Edifício de Apoio (107) Pavilhão Multiusos (108) Edifício Vitória (109)
1999				João Lúcio Lopes Equipamento Educativo (110)
2000			Gonçalo Sousa Byrne Equipamento Educativo (111)	José Silva Pires Fernando Pinto Coelho César Barbosa Edifício de Escritórios (112)

Ano	Prémio Valmor	Prémio Municipal de Arquitectura	Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura	Menções Honrosas
2001			João Paciência Ricardo Bofill Comércio e Serviços (113)	
2002			Manuel e Francisco Aires Mateus Raul Hestnes Ferreira Equipamento Educativo (114) Equipamento Educativo (115)	Manuela Abrantes Geirinhas Jorge Carvalho Ribeiro Prédio Misto (Habitação/Comércio) (116)
2003				Gonçalo Sousa Byrne Frederico Valsassina Reconversão de um Quarteirão no Chiado (117) Alcântara-Rio/Reconversão de um quarteirão da antiga Fábrica da União (118)
2004			Álvaro Siza Vieira Frederico Valsassina CML/DMAU/DEP*1 Terraços de Bragança (119) Edifício de Serviços (120) Edifício de Habitação e Comércio (121)	
2005			Alexandre Burmester José Carlos Cruz Gonçalves CML/DMAU/DEP*2 Edifício Sede da Vodafone (122) Parque Urbano Quinta das Conchas (123)	
2006				Maria Manuel da S. Alvarez, Rui Serra António Júlio Leite Portal Covas José Manuel Duarte Soalheiro Edifício de Hab. Com. e Serv. (124) Edifício de Serviços (125) Edifício de Habitação e Comércio (126)

*1 Paula Alves, Maria José Fundevila, Rui Pires,Paulo Cardoso, João Rocha e Castro
*2 Sandra Somsen, Teresa Cordeiro, Paula Alves, Maria José Fundevila, Rui Reis, Paulo Pereira, João Rocha e Castro

ANEXO 4

Índice Onomástico dos Vencedores e Menções Honrosas
do Prémio Valmor, Prémio Municipal e Prémio Valmor e Municipal

A

Abreu, António Couto de (1874-1946)
Prémio Valmor – 1907
Menção Honrosa – 1909

Alberto, Victor Manuel Afonso (n.1938)
Menção Honrosa – 1988

Almeida, António Augusto Moreira Nunes de (n.1940)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1988

Almeida, João Paiva Raposo de (n.1927)
Menção Honrosa – 1987
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1990
Menção Honrosa (co-autor) – 1990
Menção Honrosa (co-autor) – 1997

Almeida, Pedro César Vieira de (n.1934)
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Alvarez, Maria Manuel Rio Maior da Silva
Menção Honrosa (co-autor) – 2006

Alves, Paula
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2004
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2005

Amaral, Francisco Caetano Keil do (1910-1975)
Prémio Municipal de Arquitectura – 1951
Prémio Valmor – 1962

Andrade, Carlos Rebelo de (1887-1971)
Prémio Valmor (co-autor) – 1939

Andrade, Guilherme Rebelo de (1891-1969)
Prémio Valmor (co-autor) – 1939

Athouguia, Ruy Jervis (1917-2006)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1954
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

B

Bandeira, Carlos Henrique Roxo de Ramos (n.1935)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

Barbosa, César Manuel de Castro Guimarães Lopes (n.1960)
Menção Honrosa (co-autor) – 1989
Menção Honrosa (co-autor) – 2000

Barreto, António (n.1924)
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Bermudes, Arnaldo Redondo Adães (1864-1948)
Prémio Valmor – 1908
Menção Honrosa – 1909

Bigaglia, Nicola (1841-1908)
Prémio Valmor – 1902
Menção Honrosa – 1904

Bofill, Ricardo (n.1934)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2001

Botelho, Pedro Viana (n.1948)
Menção Honrosa (co-autor) – 1987

Burmester, Alexandre
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Byrne, Gonçalo Nuno Sousa (n.1941)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2000
Menção Honrosa – 2003

C

Camelo, António Maria Veloso dos Reis (1899-1985)
Prémio Valmor (co-autor) – 1931
Prémio Valmor – 1942
Prémio Valmor – 1945

Cardim, Rui José de Sousa (n.1932)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1987

Cardoso, Paulo
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2004

Carvalho, Fernão Lopes Simões de (n.1929)
Menção Honrosa – 1978

Carvalho, José Maria de Cunha Rego Lobo de
Menção Honrosa (co-autor) – 1990

Carvalho, Nuno Manuel Falcão Moreira de (n.1940)
Menção Honrosa (co-autor) – 1988

Castro, João Rocha e
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2004
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Chermayeff, Peter (n.1936)
Menção Honrosa – 1998

Chicó, Henrique Lami Tavares (n.1943)
Menção Honrosa – 1996

Cid, Pedro Anselmo Freire Braamcamp (1925-1983)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1957
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Coelho, Fernando Rafael Pinto (n.1951)
Menção Honrosa (co-autor) – 1989
Menção Honrosa (co-autor) – 2000

Coelho, Sérgio (n.1940)
Prémio Valmor – 1980

Cordeiro, Teresa
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Costa, António da Penha e (n.1946)
Prémio Valmor (co-autor) – 1980

Costa, João Guilherme Faria da (1906-1971)
Prémio Valmor (co-autor) – 1952

Covas, António Júlio Leite Portal
Menção Honrosa – 2006

Cruz, Regino (n.1954)
Menção Honrosa (co-autor) – 1998

D

Dias, Manuel Graça (n.1953)
Menção Honrosa (co-autor) – 1983

E

Esteves, João de Barros Vasconcelos (n.1921)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1957

F

Fernandes, Manuel Alexandre Oliveira Silva (n.1950)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1985

Ferreira, João Miguel Huegenin Duarte (n.1945)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1997

Ferreira, Raul Hestnes (n.1931)
Menção Honrosa (co-autor) – 1982
Menção Honrosa – 1993
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2002

Ferreira, Rui Manuel da Silva (n.1951)
Menção Honrosa (co-autor) – 1989

Franco, José Lima (1904-1970)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1949

Freire, Leonardo Rey Colaço de Castro (1917-1970)
Prémio Valmor – 1970

Freitas, António Pinto (n.1925)
Prémio Valmor (co-autor) – 1967

Fundevila, Maria José
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2004
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

G

Gandra, Hernâni Guimarães (1914-1988)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1956

Garcia, Fernando Eugénio de Carvalho Ressano (n.1927)
Menção Honrosa – 1978
Geirinhas, Manuela Abrantes (n.1960)
Menção Honrosa (co-autor) – 2002

Gonçalves, José Carlos Cruz
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Gouveia, Jorge
Menção Honrosa (co-autor) – 1982

Graça, João Luís Rosário Carrilho da (n.1952)
Menção Honrosa – 1993
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1998

Guerra, António Maria da Calça e Pina Teixeira (n.1929)
Prémio Valmor (co-autor) – 1980

Guedes, João Motta (n.1949)
Menção Honrosa (co-autor) – 1985

J

Jacobs, Nicholas (n.1963)
Menção Honrosa (co-autor) – 1998

Júnior, Manuel Joaquim Norte (1878-1962)
Prémio Valmor – 1905
Menção Honrosa – 1908
Prémio Valmor – 1912
Menção Honrosa – 1912
Prémio Valmor – 1914
Prémio Valmor – 1915
Prémio Valmor – 1927

Júnior, Miguel José Nogueira (1883-1953)
Prémio Valmor – 1913
Prémio Valmor – 1916

K

Korrodi, Ernesto (1870-1944)
Prémio Valmor – 1910
Prémio Valmor – 1917

L

Laginha, Manuel Maria Cristóvão (1919-1985)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1957

Leite, Jorge Pereira
Menção Honrosa – 1904

Lima, Raul Rodrigues (1909-1980)
Prémio Valmor (co-autor) – 1943

Lopes, Eduardo Paiva (1933-1991)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1985

Lopes, João Lúcio (n.1954)
Menção Honrosa – 1999

M

Machado, Álvaro Augusto (1874-1944)
Menção Honrosa – 1914
Prémio Valmor – 1919

Magalhães, José Pinto Barbedo de (n.1934)
Menção Honrosa (co-autor) – 1988

Manta, João Abel Cameiro de Moura Abrantes (n.1928)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1956

Mantero, José (1925-1992)
Menção Honrosa (co-autor) – 1985

Marques, José Eduardo Tomé Pires (n.1940)
Menção Honrosa (co-autor) – 1988

Marques, Tertuliano de Lacerda (1882-1942)
Prémio Valmor – 1921

Mateus, Francisco Aires (n.1964)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2002

Mateus, Manuel Aires (n.1963)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2002

Melo, Rafael Duarte de
Menção Honrosa – 1914

Melo, Sérgio Seabra Teles de Menezes e (n.1934)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1985

Miguel, António Marques (n.1941)
Menção Honrosa (co-autor) – 1983

Monteiro, Porfírio Pardal (1897-1957)
Prémio Valmor – 1923
Prémio Valmor – 1928
Prémio Valmor – 1929
Menção Honrosa – 1930
Prémio Valmor – 1938
Prémio Valmor – 1940
Prémio Municipal de Arquitectura – 1947

Moreira, Luiz Amílcar de Almeida (n.1936)
Menção Honrosa (co-autor) – 1991

Moreira, Manuel José Baptista Gonçalves (n.1933)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

P

Paciência, João Ângelo (n.1943)
Menção Honrosa (co-autor) – 1988
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1994
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2001

Pereira, Nuno Teotónio (n.1922)
Prémio Valmor (co-autor) – 1967
Prémio Valmor (co-autor) – 1971
Prémio Valmor (co-autor) – 1975
Menção Honrosa (co-autor) – 1987
Menção Honrosa (co-autor) – 1988

Pereira, Paulo
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Pessoa, Alberto José (1919-1985)
Prémio Valmor – 1950
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1956
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Pimentel, Diogo Lino (n.1934)
Menção Honrosa (co-autor) – 1987

Pinheiro, Fernando da Silva (n.1948)
Menção Honrosa – 1998

Pinto, Pedro de Lancastre Ferreira (n.1939)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1990
Menção Honrosa (co-autor) – 1997

Pires, João Vaz
Menção Honrosa (co-autor) – 1989

Pires, José Manuel Vaz da Silva (n.1949)
Menção Honrosa (co-autor) – 2000

Pires, Rui
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2004

Portas, Nuno Rodrigo Martins (n.1934)
Prémio Valmor (co-autor) – 1975
Menção Honrosa (co-autor) – 1987

R

Ramos, Carlos João Chambers (1897-1969)
Prémio Municipal de Arquitectura – 1946

Ramos, Carlos Manuel Ventura Oliveira (n.1922)
Prémio Valmor – 1958

Rau, Rodrigo (n.1937)
Menção Honrosa – 1985
Menção Honrosa – 1986

Rebelo, Sérgio Manuel Oliveira Nunes de Almeida (n.1962)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1989

Reis, João Braula (n.1951)
Prémio Valmor (co-autor) – 1971

Reis, Rui
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Ribeiro, António Flores (n.1934)
Menção Honrosa (co-autor) – 1987

Ribeiro, Jorge Carvalho (n.1959)
Menção Honrosa (co-autor) – 2002

Rodrigues, Luís José Serrano (n.1963)
Menção Honrosa (co-autor) – 1989

Rosa, Luís Vassalo Namorado (n.1935)
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Rosa, Miguel Simões Jacobetty (1901-1970)
Prémio Valmor (co-autor) – 1931
Prémio Municipal de Arquitectura – 1943

S

Salgado, Manuel de Sande e Castro (n.1941)
Prémio Valmor (co-autor) – 1980
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1998

Salgueiro, Armando de Matos (n.1947)
Menção Honrosa – 1985

Sanches, Sebastião Pedro Leal Formosinho (1922-2004)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1954

Segurado, Jorge de Almeida (1898-1990)
Prémio Valmor – 1947

Sequeira, Francisco (n.1950)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

Serra, Rui
Menção Honrosa (co-autor) – 2006

Silva, Adolfo António Marques da (1876-1939)
Menção Honrosa – 1909

Silva, António Rodrigues da (1868-1937)
Menção Honrosa – 1914

Silva, Armindo Espírito Santo e (n.1935)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

Silva, Fernando (1914-1983)
Prémio Valmor (co-autor) – 1943
Prémio Valmor – 1946
Prémio Municipal de Arquitectura – 1950
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1952
Prémio Valmor – 1978

Silva, João Miguel Barcelos Lopes da (n.1955)
Menção Honrosa (co-autor) – 1989

Silva, João Gomes da (n.1962)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1998

Silva, Jorge (n.1946)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

Silva, Luís Ribeiro Carvalhosa Cristino da (1896-1976)
Prémio Valmor – 1944
Prémio Municipal de Arquitectura – 1944

Silva, Maria Teresa Marques Madeira da (n.1960)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1989

Silva, Pedro Emaúz e (n.1940)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1990
Menção Honrosa (co-autor) – 1997

Silva, Raul Lino da (1879-1974)
Prémio Valmor – 1930

Simões, Duarte Nuno Gomes (n.1930)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1989

Simões, João
Prémio Municipal de Arquitectura – 1945
Prémio Valmor – 1949

Simões, Nuno da Silva Araújo (n.1962)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1989

Soalheiro, José Manuel Duarte
Menção Honrosa – 2006

Somsen, Sandra
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 2005

Sousa, João Monteiro de Andrade e (n.1923)
Menção Honrosa – 1984

Sousa, Miguel de Andrade e (n.1956)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1997

T

Taínha, Manuel Mendes
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1991

Taveira, Tomás Cardoso (n.1938)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1982
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1993
Menção Honrosa – 1994

Teixeira, José (n.1932)
Menção Honrosa (co-autor) – 1982

Telles, Gonçalo Ribeiro (n.1922)
Prémio Valmor (co-autor) – 1975

Terra, Miguel Ventura (1866-1919)
Prémio Valmor – 1903
Prémio Valmor – 1906
Prémio Valmor – 1909
Prémio Valmor – 1911
Menção Honrosa – 1913

Tojal, Carlos Manuel Francisco Moreira (n.1929)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1984

V

Valsassina, Frederico
Menção Honrosa – 2003
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2004

Venade, Maria do Rosário Fernando Ribeiro de Matos (n.1938)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1989

Vieira, Álvaro Siza (n.1933)
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 1998
Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura – 2004

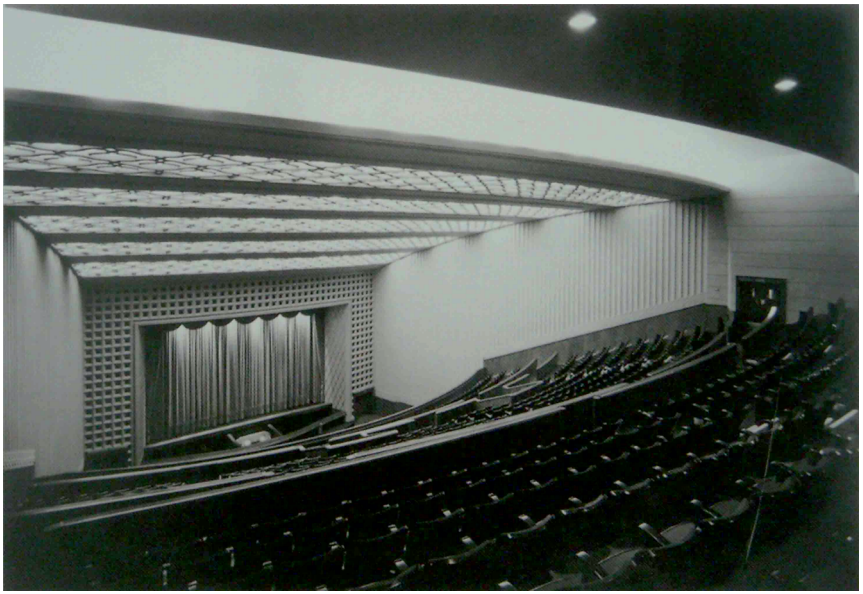
Vieira, Dário Silva (1907-1956)
Prémio Municipal de Arquitectura (co-autor) – 1949

TOTAL – **134 Arquitectos**
126 Edifícios

ANEXO 5

Prémio Valmor 1950
Cinema S. Jorge







Fernando Silva

ANEXO 6

***A Capital* - Entre Louvores e Contestação**

Entre louvores e contestação

PRÉMIO VALMOR-78 ATRIBUÍDO A BLOCO RESIDENCIAL DE CARNIDE

«É sempre uma impressão agradável para qualquer profissional de arquitectura ver reconhecido o esforço que tem realizado procurando fazer o seu melhor», afirmou-nos o arquitecto Fernando Silva, referindo-se ao Prémio Valmor que a Câmara Municipal de Lisboa acaba de lhe atribuir pelo projecto de um bloco residencial situado em Carnide, na Rua Maria Veleda, galardão com que é distinguido pela terceira vez.

Recebendo-nos no seu «atelier», em Lisboa, Fernando Silva diz-nos ter sido a terceira vez que é distinguido com o referido prémio, sendo a primeira em 1943, com o projecto de um prédio sito no nº6 da Avenida Sidónio Pais, assinado em conjunto com o arquitecto Rodrigues Lima. Três anos depois, era novamente premiado com o mesmo galardão, desta vez com um projecto individual referente a outro imóvel situado na Avenida Casal Ribeiro, nºs 12 a 12-C. O arquitecto é também autor de edifícios como o cinema São Jorge, da Shell e, mais recentemente, dos imóveis Avis e Sheraton.

Referindo-se aos três galardões recebidos, o arquitecto afirmou que «nunca pensei que viesse a obter prémios em qualquer altura da minha vida». Sobre o valor pecuniário do prémio – cerca de 5500 escudos –, considerou-o «praticamente nulo», tendo «mais o aspecto simbólico e moral». Disse-nos também da sua surpresa em receber o prémio referente ao ano 1978, frizando que teve conhecimento do facto através de um telefonema da RTP.

Idêntica reacção à do arquitecto teve o director comercial Abreu Lopes, da empresa construtora do imóvel, a firma Sogel – Sociedade Geral de Empreitadas, Lda., que partilha com o autor do projecto o prémio, de acordo com o estatuto do mesmo. «Para quem constrói é sempre agradável que aquilo que faz seja reconhecido», disse-nos Abreu Lopes. Mas para a empresa o galardão representa uma «première», uma vez que é a primeira obra sua que vê distinguida. Solicitado a referir as características que, em sua opinião, teriam levado à atribuição do prémio, Abreu Lopes considerou que o imóvel «é na realidade uma construção actualizada, tem qualidade e é funcional. Penso serem esses os motivos que fizeram com que a Câmara Municipal de Lisboa premiasse o edifício».

O edifício em questão é construído pelos prédios nºs 2 e 4 da referida artéria de Carnide, com cerca de cem metros de largura, tendo, em cada deles, sete apartamentos nos seus oito pisos.

A empresa tem mais de 30 anos de existência e há cerca de 13 anos começou, para além das empreitadas, a dedicar-se à construção de blocos residenciais, em que se inclui o de Carnide.

Prémio gera polémica

Entretanto, começou a gerar-se à volta da atribuição do Prémio Valmor - 78 uma certa polémica. Em declarações feitas à Anop, o arquitecto Nuno Portas afirmou: «Este edifício não me parece nem inovador nem exemplar». E, adiantou: «Desconheço a composição do júri e das razões da sua escolha, mas considere que se trata de um edifício de apartamentos só aparentemente correcto: repare-se que finge ter varandas com falsas guardas salientes, joga com os envidraçados numa certa confusão entre habitação e escritórios, com sacrifício do conforto térmico e não resolve bem as fachadas laterais.»

Por seu turno, o presidente do júri, o arquitecto da Câmara Valença Pacheco, disse-nos que a análise de Nuno Portas não é correcta, considerando que o Prémio Valmor tem que «corresponder ao clausulado do próprio legado, e não aquilo que nós imaginamos ser». Esclareceu, depois, que o prémio é anual e serve de estímulo «para os arquitectos e construtores que se esforcem por conciliar os aspectos práticos e funcionais com uma valorização estética que beneficie a cidade». E, frisou: «Isto não quer dizer que o edifício seja melhor que se construiu até hoje em Lisboa, mas é sem dúvida o melhor, que, concluído em 1978, foi apresentado ao júri.»

História do prémio

O prémio foi instituído no século passado pelo político e diplomata Fausto de Queirós Guedes, 2º visconde de Valmor, para, de acordo com o legado, premiar «o proprietário e o arquitecto do mais belo prédio ou a casa edificada em Lisboa, com a condição, porém, de que essa casa nova, ou restauração de edifício velho, tenha um estilo arquitectónico clássico, grego, romano, romano-gótico. Renascença, ou algum tipo artístico português, um estilo digno de uma cidade civilizada».

Naturalmente os critérios da atribuição do prémio foram-se adaptando às novas formas e objectivos da arquitectura urbana, tendo as formas «belas e românicas» dado lugar a uma arquitectura funcional, permanecendo, no entanto, no espírito dos júris o ideal que deu origem ao prémio, ou seja, a valorização estética da cidade de Lisboa.

A CAPITAL de 20 de Dezembro de 1979



ANEXO 7

Edifícios mencionados e publicados de Fernando Silva

01- Alto da Barra – Alameda do Alto da Barra
02- Avenida António Augusto Aguiar
03- Avenida Guerra Junqueiro
04- Banco Pinto de Magalhães
05- Bloco de apartamentos, Rua Barata Salgueiro
06- Casa Fradique **(extinto)**
07- Centro Comercial Bairro de Alvalade
08- Cinema Cinearte – Largo de Santos
09- Cinema Luísa Todi
10- Cinema Lys – Avenida Almirante Reis
11- Cinema Pathé-Imperial
12- Cinema S. Jorge – Avenida da Liberdade
13- Complexo do Entreposto
14- Conjunto Sheraton-Imaviz – Avenida Fontes Pereira de Melo
15- Conjunto Urbano da Portela
16- Conjunto Urbano na Avenida da Igreja, Bairro de Alvalade
17- Hospital da CUF – Av. Infante Santo
18- Edifício Avenida Miguel Bombarda
19- Edifícios Banco Pinto e Sotto Mayor
20- Edifício do Campo Grande nº28
21- Edifício Philips – Avenida Engenheiro Duarte Pacheco
22- Edifício Quimigal
23- Edifício Miramar
24- Edifício Rua Rebelo da Silva 2 **(nunca construído)**
25- Edifício SAAB
26- Edifício Shell – Avenida da Liberdade
27- Escola Luís de Camões
28- Fábrica de Amoníaco, da União Fabril do Azoto, em Alferrarede
29- Fábricas de tecelagem e lãs
30- Grupo Escolar do Areeiro
31- Hotel de Albufeira
32- Hotel Júpiter
33- 1969-1970 – Edifício “La Equitativa” – Avenida da Liberdade/Rua Rosa Araújo
34- Mercado de Alvalade
35- Municipal 52 – Avenida do Restelo
36- Praça de Alvalade
37- Remodelação Café Martinho

38- Restaurante Floresta
39- Rua Conde das Antas 12 e 14
40- Rua Gustavo Matos Sequeira 29
41- Sede do Banco de Fomento Nacional
42- Siderurgia do Azoto no Barreiro
43- Siderurgia Nacional
44- Unidade Fabril Amadora
45- Unidade Fabril Covilhã
46- Valmor 43
47- Valmor 46
48- Valmor 78 – Rua Maria Veleda

TOTAL: 48 – 46 Edifícios e conjuntos existentes, 1 nunca construído, 1 extinto.

ANEXO 6

Fernando Silva VS. Conceição Silva

Publicações nas revistas *Arquitectura* e *Binário*

Fernando Silva | Arquitectura (3 publicações)

1947 *Ecos e Comentários*
1950 *Cinema S. Jorge*

1980 *Prémios de Arquitectura em Lisboa*

Conceição Silva | Arquitectura (20 publicações)

1951 *Livraria no Lobito*
1952 *Arranjo de um sótão*
1954 *Dior, um estabelecimento moderno em Lisboa*
1957 *Mercearia na Estefânia*
1960 *Prédio na Rua Marcos Portugal*
1963 *Hotel do Mar*
1965 *A reconstrução do Teatro Nacional Dona Maria II*
1966 *Colaboração entre artistas plásticos*
1966 *3 Lojas em Lisboa*
1967 *Dois estabelecimentos em Lisboa - «Maison Louvre» e «Rita»*
1969 *Hotel da Balaia, Praia Maria Luísa, Algarve*
1969 *Moradias na Balaia*
1969 *Uma loja de discos*
1969 *A casa de um arquitecto*
1971 *Entrevista a Francisco Conceição Silva*
1973 *Alguns trabalhos do atelier Conceição Silva*
1973 *O ensino da Arquitectura em Portugal*
1979 *Casa de férias na Serra da Estrela*

1982 *Faleceu Conceição Silva*
1983 *Conceição Silva: sete anos de trabalho no Brasil*

Fernando Silva | Binário (5 publicações)

- 1959 *O novo edifício da Shell portuguesa – algumas considerações*
- 1961 *Acerca da Siderurgia Nacional*
- 1962 *Sede de um Banco no Porto*

- 1970 *Philips, Edifício Sede*
- 1972 *Hotel Sheraton de Lisboa*

Conceição Silva | Binário (4 publicações)

- 1958 *Instituto de beleza Madame Campos*
- 1958 *Pavilhão de Portugal na Feira de Lausanne (comptoir Suisse, 1957)*

- 1964 *Hotel do Mar*
- 1965 *Duas lojas em Lisboa*

ÍNDICE DE IMAGENS

Página 26 - Fotografia aérea - Avenida Sidónio Pais nº6. Fonte: Bing Maps
Página 27 - Edifício de habitação na Avenida Sidónio Pais nº6. Fonte: Matos Sequeira (filho), c. 1952 (AFML)
Página 27 - Edifício de habitação na Avenida Sidónio Pais nº6. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 28 - Fotografia aérea - Avenida Casal Ribeiro nºs12-12C. Fonte: Bing Maps
Página 29 - Edifício de habitação na Avenida Casal Ribeiro nºs12-12C. Fonte: Matos Sequeira (filho), c. 1952 (AFML)
Página 29 - Edifício de habitação na Avenida Casal Ribeiro nºs12-12C. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 30 - Fotografia aérea - Avenida da Liberdade nº175. Fonte: Bing Maps
Página 31 - Equipamento Cultural na Avenida da Liberdade nº175. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 31 - Equipamento Cultural na Avenida da Liberdade nº175. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 31 - Equipamento Cultural na Avenida da Liberdade nº175. Fonte: Armando Serôdio, s.d. (AFML)
Página 31 - Perspectiva S. Jorge.
Página 32 - Fotografia aérea - Avenida do Restelo nºs23-23A. Fonte: Bing Maps
Página 33 - Edifício de Habitação na Avenida do Restelo nºs23-23A. Fonte: Armando Serôdio, 1950-1959 (AFML)
Página 33 - Edifício de Habitação na Avenida do Restelo nºs23-23A. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 34 - Fotografia aérea - Rua Maria Veleda nºs2-4B. Fonte: Bing Maps
Página 35 - Conjunto Habitacional na Rua Maria Veleda nºs2-4B. Fonte: F. Gonçalves, 1978 (AFML)
Página 35 - Conjunto Habitacional na Rua Maria Veleda nºs2-4B. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos nº12, *Cinearte, o Novo Clima do Jardim dos Santos*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Arquitectura nº17/18, *Ecos e Comentários*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Arquitectura nº35, *Cinema S. Jorge*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Binário nº12, *O novo edifício da Shell portuguesa - algumas considerações*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Atrium nº2, *Cinema em Lisboa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 58 - Atrium nº3, *Sede de uma companhia de petróleos*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010

Página 59 - Binário nº35, *Acerca da Siderurgia Nacional*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 59 - Binário nº48, *Sede de um Banco no Porto*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 59 - Binário nº138, *Philips, Edifício Sede*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 59 - Binário nº170, *Hotel Sheraton de Lisboa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 59 - História nº20, *Oito décadas de Prémios Valmor*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 59 - Arquitectura nº139, *Prémios de Arquitectura em Lisboa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 60 - *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 60 - *Os anos 40 na arte portuguesa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 60 - *A Arte em Portugal do Século XX*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 60 - *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - *Guia de Arquitectura - Lisboa 94*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - *História da Arte Portuguesa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - *Cinemas de Portugal*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - *História da Arte em Portugal*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 61 - Documentos de Arquitectura nº1, *Fernando Silva, Arquitectura Desinteressante e Repetitiva*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *Bairro de Alvalade - Um Paradigma no Urbanismo Português*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *Português Suave - Arquitecturas do Estado Novo*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 62 - *Prémio Valmor - 100 Anos*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *Lisboa - Prémio Valmor*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *A Arquitectura e a Indústria, 1925-1965*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *IAP XX: 20th Century Architecture in Portugal*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *Portugal Património - Vol VII - Lisboa*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 63 - *A Obra do Arquitecto Fernando Silva (1914-1983): Um Arquitecto da "Geração Esquecida"*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 64 - *Ruy D'Athouguia - A Modernidade em Aberto*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 64 - *A Arquitectura para hoje seguido de evolução da arquitectura moderna em Portugal*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010

Página 64 - *O Moderno Revisitado - Habitação Multifamiliar em Lisboa nos Anos de 1950*. Fonte: Fotografia do Autor, 2010
Página 71 - Fernando Silva na Inauguração da Escola Luís de Camões no Areeiro. Fonte: Maria “Zaza” Carneiro de Moura
Página 71 - Retrato Fernando Silva. Fonte: Maria “Zaza” Carneiro de Moura
Página 93 - Interior do Cinema S. Jorge. Fonte: Armando Serôdio, s.d. (AFML)
Página 93 - Interior do Cinema S. Jorge. Fonte: Armando Serôdio, s.d. (AFML)
Página 94 - Fernando Silva no S. Jorge.
Página 98 - A Capital, *Entre Louvores e Contestação*. Fonte: Hemeroteca

BIBLIOGRAGIA

Monografias

AAVV. *A Arquitectura da Indústria, 1925-1965*, Registo DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, 2005

AAVV. *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*, Lisboa: IPPAR, 2003

AAVV. *Guia de Arquitectura – Lisboa 94*, Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994

AAVV. *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*, Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987

AAVV. *IAP XX: 20th Century Architecture in Portugal,* Lisboa: AO-CDN, 2006

AAVV. *Lisboa – Prémio Valmor*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2004

AAVV. *Periferias.* Porto: Centro Português de Fotografia, 1998

ALMEIDA, Pedro Vieira de, e José Manuel Fernandes. *História da Arte em Portugal: A arquitectura Moderna*, Lisboa: Alfa, 1986

BANHAM, Reyner. *El brutalismo en arquitectura: etica o estética?,* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1967

BENEVOLO, Leonardo. *Storia dell' architettura moderna – História da arquitectura moderna / Leonardo Benevolo*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1989

CORREIA, Graça. *Ruy D'Athouguia – a modernidade em aberto*, Lisboa: Caleidoscópio, 2008

COSTA, Alexandre Alves. *Textos Datados*, Coimbra: E|d|arq, 2007

COSTA, João Pedro. *Bairro de Alvalade – Um paradigma no Urbanismo Português*, Lisboa: Livros Horizonte, 2002

FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura Portuguesa: uma síntese*, Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2000

FERNANDES, José Manuel. *Cinemas de Portugal*, Lisboa: Inapa, 1995

FERNANDES, José Manuel. *Português Suave – Arquitecturas do Estado Novo*, Lisboa: IPPAR, 2003

FERNANDEZ, Sérgio. *Percurso – Arquitectura Portuguesa, 1930-1974*, Porto: Editorial FAUP, 2ª edição, 1985

FIGUEIRA, Jorge. *Escola do Porto: um mapa crítico,* Coimbra: E|d|arq, 2002

FIGUEIRA, Jorge. *Agora que está tudo a mudar – Arquitectura em Portugal (2005),* Lisboa: Caleidoscópio, 2005

FRAMPTON, Kenneth. *Historia critica de la arquitectura moderna,* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1981

FRANÇA, José Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Bertrand, 1985

FRANÇA, José-Augusto. *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*, Lisboa: Livros Horizonte, 1980

GOMES, Paulo Varela (dir.). *Arquitectura Portuguesa do Século XX, História da Arte Portuguesa,* Lisboa: Circulo de Leitores, 2006

KUROKAWA, Kisho. *Metabolism in architecture*, London: Studio Vista, 1977

MILHEIRO, Ana Vaz. *A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa,* Porto: FAUP Publicações, 2005

MONTANER, Josep Maria. *Depois do Movimento Moderno: arquitectura da segunda metade do século XX*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 2001

PEDREIRINHO, José Manuel. *História do Prémio Valmor*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988

PEDREIRINHO, José Manuel. *Prémio Valmor – 100 Anos*, Lisboa: Pandora, 2003

PEREIRA, Nuno Teotónio. *Escritos (1947-1996 selecção)*, Porto: FAUP Publicações, 1996

PINTO, Paulo Tormenta. *Cassiano Branco, 1897-1970: arquitectura e artifício*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007

PORTAS, Nuno. *Portugal: arquitectura, los últimos veinte años*. Madrid: Electa, 1993

PORTAS, Nuno. *Arquitectura(s) Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*, Porto: FAUP Publicações, 2005

PORTAS, Nuno. *A Arquitectura para Hoje (1964) seguindo Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal (1973)*, Lisboa: Livros Horizonte, 2008

ROGERS, Ernesto. *A arquitectura moderna desde a geração dos mestres*, Porto: CIAM, 1960

RUSSEL, Beverly. *Architecture and design 1970- 1990 : new ideias in America*, New York : Harry N. Abrams, 1990

SALGUEIRO, Teresa Barata. *Lisboa Periférica e Centralidade*, Oeiras: Celta Editora, 2001

SANTOS, Reinaldo dos. *A arquitectura em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929

TEMPEL, Egon; ROCKWELL, E. *New japanese architecture*. London: Thames and Hudson, 1969

TOSTÕES, Ana Cristina (coord.). *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970*, Lisboa: IPPAR, 2003

TOSTÕES, Ana Cristina. *Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50*, Porto: FAUP Publicações, 1997

TRIGUEIROS, Luiz (coordenação), LAND, Carsten, HÜCKING, J. Klaus. *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*, Lisboa: Editorial Blau, 2005

WEBSTER, Helena. *Modernism without rhetoric: essays on the work of Alison and Peter Smithson*, London: Academy Editions, 1997

ZEVI, Bruno. *História da Arquitectura Moderna*, São Paulo: Perspectiva, 2ª edição, 1989

Catálogos

Catálogo da exposição comemorativa do 50ºaniversário da criação do Premio M. de Arquitectura, CML 1988

FRANÇA, José Augusto. *Os anos 40 na Arte Portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982

HEUVEL, Dirk van den, (edit.). *The challenge of change: dealing with the legacy of the modern movement : proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*, Amesterdão: IOS Press, cop. 2008

MILHEIRO, Ana Vaz (coord.). *Habitar em colectivo: arquitectura portuguesa antes do SAAL*, Lisboa: ISCTE, 2009

TOSTÕES, Ana (coord.). *Arquitectura e Cidadania – Atelier Nuno Teotónio Pereira*, Lisboa: Quimera Editores, Lda, 2004

BECKER, Annette (org.); TOSTÔES, Ana (org.); WANG, Wilfried (org.). *Portugal: Arquitectura do século XX*, Munique: Prestel, 1997

Periódicos

Acerca da Siderurgia Nacional, Binário, nº35, Agosto 1961

BOTELHO, José Rafael. *As novas Cidades inglesas*, Binário, nº10, Janeiro 1959, p. 1-14

Cinearte, o Novo Clima do Jardim dos Santos, Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, nº12, Janeiro-Abril 1940

Cinema em Lisboa, Atrium, nº 2, Novembro/Dezembro 1959

Cinema S. Jorge, Arquitectura, nº35, Agosto 1950

COSTA, Francisco (dir.). *Arquitectura nº57/58*, Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1957

COSTA, Francisco (dir.). *Arquitectura nº75,* Lisboa: Imp. Libânio da Silva, 1962

DIAS, Manuel Graça (dir.). *Ensino*, J.A nº202, Setembro/Outubro 2001

DIAS, Manuel Graça (dir.). *Lição Crítica*, J.A nº211, Maio/Junho 2003

DIAS, Manuel Graça (dir.). *Questão do Alojamento 1*, J.A nº204, Janeiro/Fevereiro 2003

DIAS, Manuel Graça (dir.). *Questão do Alojamento 2*, J.A nº205, Março/Abril 2003

Ecos e Comentários, Arquitectura, nºs 17 e 18, Julho/Agosto 1947

GONÇALVES, Rogério. *Fernando Silva – Arquitectura Desinteressante e Repetitiva,* D.A., nº1, Fevereiro 1996

Hotel Sheraton de Lisboa, Binário, nº170, Lisboa, Novembro 1972

O novo edifício da Shell portuguesa – algumas considerações, Binário, nº12, Setembro 1959

PEDREIRINHO, José Manuel. *Oito Décadas de Prémios Valmor*, História nº20, Junho 1980

Philips, Edifício Sede, Binário, nº138, Lisboa, Março 1970

SALDANHA, José Luís. *Fernando Silva – O Cinema S. Jorge e Apocoppolípse Já!*, in *Espaço & Design*, nº 28, Lisboa, Outubro/Novembro 2002

TAINHA, Manuel (dir.). *Binárionº3*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1958

TAINHA, Manuel (dir.). *Binárionº6*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1958

TAINHA, Manuel (dir.). *Binário nº19*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1960

TAINHA, Manuel (dir.). *Binárionº48*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1962

TAINHA, Manuel (dir.). *Binário nº180*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 1973

TAINHA, Manuel (dir.). *Binárionº196-204*, Lisboa: Sociedade Industrial de Tipografia, 197TAINHA, Manuel (dir.). *Philips, edifício sede***,** Binário, nº138, Março 1970, p. 127-138

TAINHA, Manuel (dir.). *Hotel Sheraton de Lisboa*, Binário, nº 170, Novembro 1972, p. 473-479

TAINHA, Manuel (dir.). *O novo edifício da Shell Portuguesa: algumas considerações*, Binário, nº12, Setembro 1959, p.9-16

TOUSSAINT, Michel (dir.). *Ordem dos Arquitectos*, J.A nº186, Setembro, 1998

OLBRICH, Harold. *A arquitectura e Urbanismo na República democrática Alemã: aspectos e problemas da alternativa socialista***,** Binário, nº201, Julho-Agosto, 1975, p.284 – 294

Sede de uma Companhia de Petróleos, Atrium nº3, Maio/Junho 1960

Sede de um Banco no Porto, Binário, nº48, Lisboa, Setembro 1962

SILVA, F. Nunes de; PEREIRA, Margarida. *Ilusões e desilusões das periferias na área Metropolitana de Lisboa*, Revista de Estudos Urbanos e Regionais, Lisboa: Novembro 1986

TENREIRO, Adalberto, FERNANDES, José Manuel. *Prémios de Arquitectura em Lisboa*, Arquitectura nº139, Dezembro 1980

Teses académicas

ACCIAIUOLI, Margarida. *Os cinemas de Lisboa: um fenómeno urbano do séc. XX*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1982 (policopiado)

AGAREZ, Ricardo. *Arquitectura de habitação multifamiliar – Lisboa anos 50*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003 (policopiado)

FIGUEIRA, Jorge Manuel Fernandes. *A Periferia Perfeita – Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos 60-Anos 80*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009 (policopiado)

MONTEIRO, Isabel. *A obra do arquitecto Fernando Silva (1914-1983): um arquitecto da "geração esquecida"*, Dissertação de Mestrado em História da Arquitectura Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007 (policopiado)

Dicionários e Enciclopédias

ALMEIDA, Pedro Vieira de, FERNANDES, José Manuel. *A Arquitectura Moderna,* in *História da Arte em* Portugal, Vol 14, Lisboa: Alfa, 1986

PEDREIRINHO, José Manuel. *Dicionário dos arquitectos activos em Portugal do século I à actualidade,* Porto: Edições Afrontamento, 1994

TOSTÕES, Ana. *Arquitectura portuguesa do Século XX*, in *História da Arte Portuguesa*, Vol 10 (1995-1997), Rio de Mouro: Círculo Leitores, 1995

II

VERTENTE PROJECTUAL

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

DOCENTES

Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor Auxiliar

Arquitecta Ana Lúcia Rosado Silva Barbosa, Assistente Convidada

Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne, Professor Catedrático Convidado

II.a

VERTENTE PROJECTUAL

Trabalho de Grupo

Débora Félix, Filipa Biscainho, Ivan Jorge, Salvador Menezes, Tânia Santos, Vanessa Belchior

Amadora - Evolução do Tecido Urbano

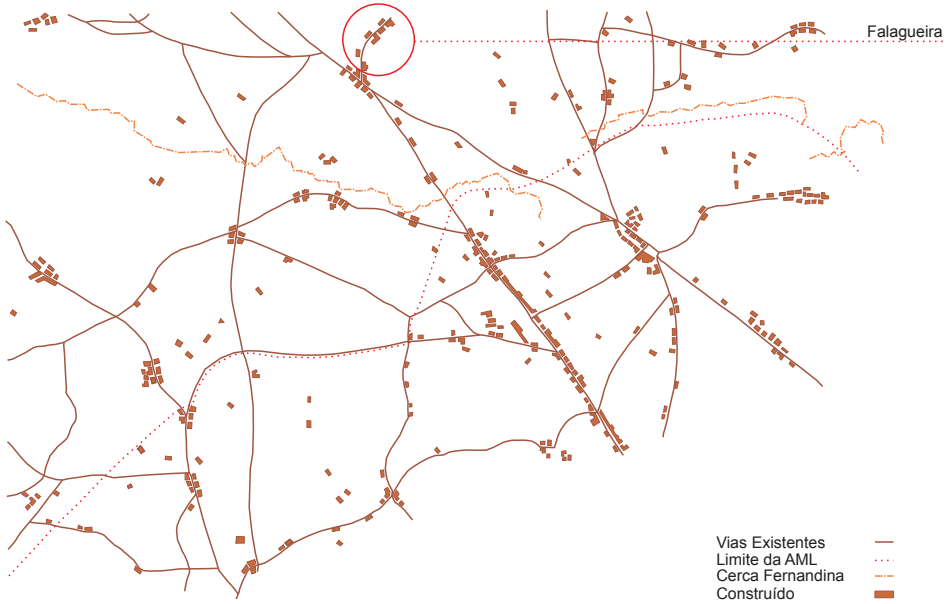
As primeiras comunidades de agricultores na Amadora datam do 4º e o 3º milénio a.C.

As construções que caracterizavam a periferia da grande Lisboa tiveram lugar no tempo da Romanização, das quais destaca-se o Aqueduto Romano da Amadora, que teve origem na Barragem Romana de Belas e percorre um grande trajecto ao longo do Vale da Ribeira de Carenque até Amadora (Bairro da Mina).

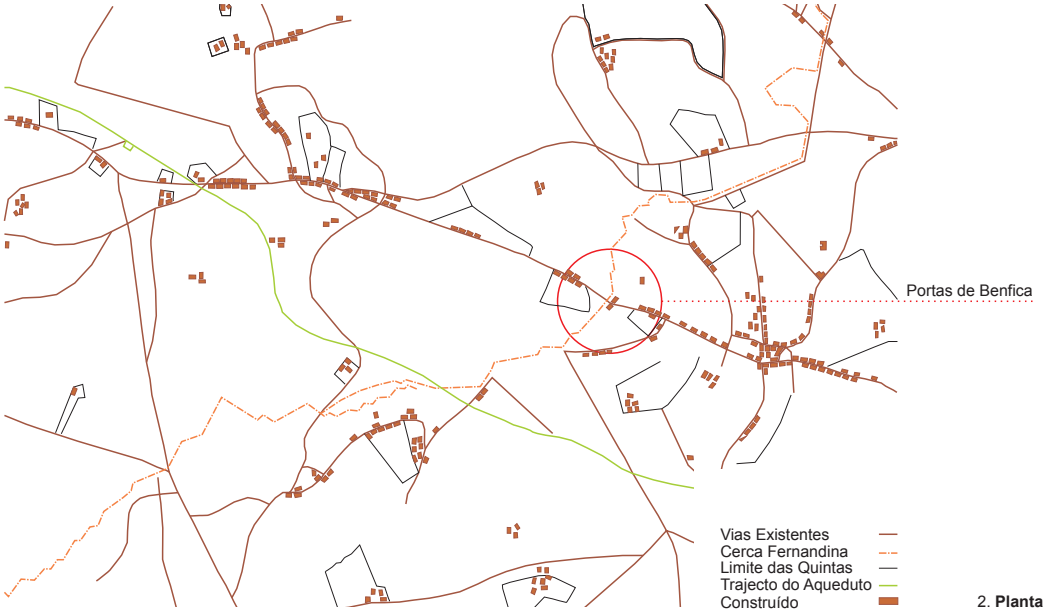
Durante a governação Filipina (Filipe II) iniciou-se um projecto global de abastecimento de água para a toda a cidade. Construi-se então o Aqueduto das Águas Livres que ligava o antigo aqueduto Romano e as nascentes de Caneças a Lisboa, resolvendo assim o problema de abastecimento de água da capital. Com esta intervenção alterou-se drasticamente a paisagem rural surgindo então outro tipo de construções que acabavam por marcar o território, como as Mães de Água.

Até aos anos finais do séc. XIX todo o território do actual concelho estava ocupado por campos e hortas existindo praticamente apenas duas aldeias, A-da-Beja e a Falagueira. (Figura 1)

O tecido urbano da Amadora era composto por uma série de casarios e algumas moradias com quintas, pardieiros e hortas, alongadas á beira da Estrada Real de Queluz (actual Rua Elias Garcia). (Figura 2) A Porcalhota e a Ponte de Carenque eram os locais que transmitiam uma imagem mais urbana ao local.



1. **Planta de 1885**



2. **Planta de 1893**

A cidade de formação mais recente desenvolveu-se numa área deserta, permitindo desviar a pressão urbanística gerada fora dos núcleos de povoamentos antigos. Por esse motivo os núcleos antigos encontram-se á margem dos modernos o que depois deixou de se verificar até ao surto de construções clandestinas.

O principal acesso á cidade de Lisboa fazia-se pela Estrada de Benfica. Com a criação do caminho-de-ferro em 1887, com destino a Sintra, dá-se um surto de construção nos principais núcleos existentes ligando Alto Maduro|Porcalhota, Amadora|Venteira permitindo assim a criação de uma estrutura de ocupação linear que primeiramente acompanhava a estrada de Benfica, e agora, desenvolvia-se ao longo do caminho-de-ferro. (Figura 3)

No princípio do século XX começaram-se a construir os primeiros bairros de moradias unifamiliares dos quais se destaca o Bairro Parque da Mina pela sua estrutura assente no modelo “cidade-jardim”, e ainda o Bairro das Cruzes/ Venda Nova.

Em 1931 implantou-se a primeira unidade industrial na Venda Nova, Borrachas Industriais, S.A.. Formaram-se as condições para a ocupação suburbana que teria lugar nas décadas seguintes com a criação das primeiras Companhias de União Fabril.



3. **Planta de 1898**
Estrutura Linear Evidente

Vias Existentes
Cerca Fernandina
Cerca Moura???
Traçado do Aqueduto
Limite das Quintas
Vias Secundárias
Construído

Nos anos 40 do século XX, a Amadora consolidou-se em diversos núcleos: Venda Nova, Damaia e a Buraca. As tipologias das construções continuaram o que tinha sido feito anteriormente e desenvolveram edifícios multifamiliares de três a quatro pisos. Em 1949 elaborou-se o primeiro plano de Urbanização na zona da Amadora, onde se definiu as grandes áreas de ocupação urbana do eixo Benfica-Amadora-Queluz.

Na década de 1960 desenvolveu-se um novo Plano de Urbanização para a Freguesia da Amadora, elaborado pelo arquitecto Aguiar. Com este plano era clara a intenção de melhoramento dos acessos, através de grandes vias de atravessamento. Procurou-se estabelecer uma estrutura mais autónoma diminuindo a dependência de Lisboa. Começaram a surgir ocupações autónomas ao caminho-de-ferro em Alfragide, ao nível da habitação e da indústria. Nesta década surgiram os primeiros núcleos clandestinos na Brandoa, Mina, Alto dos Moinhos, etc.

Nos anos 1970 começou a emergir um tipo de construção mais densificada, de quatro a sete pisos. Com a construção da radial da Buraca (já prevista no Plano Aguiar-1967) melhoram-se as ligações a Lisboa, permitindo um acesso mais facilitado à Damaia, Buraca e Alfragide. No entanto ao criar este acesso paralelo ao caminho-de-ferro, acabou por haver um estrangulamento das populações residentes, impedindo as ligações Norte-Sul. (Figura 4 e Figura 5)



0 200 400m

4. **1975**



0 200 400m

5. **2004**

Bairro do Alto da Cova da Moura

Nas últimas décadas, a consolidação de bairros degradados multiculturais em Portugal têm estado associadas a novas formas de segregação urbana. Esta realidade tem sido marcada pela crescente estigmatização destes bairros e pelo isolamento social e político dos seus habitantes.

O Bairro da Cova da Moura, situado no Concelho da Amadora, é um dos maiores e mais antigos núcleos de população imigrante da Área Metropolitana de Lisboa. Caracterizado pela sua génese ilegal, este núcleo degradado surge quase espontaneamente em terrenos privados e do Estado, no princípio dos anos 1940. Quando a exploração agrícola na Quinta do Outeiro é abandonada no fim da década de 50 do século XX, surgem as primeiras casas de construção em madeira, maioritariamente concentradas em dois núcleos: um junto à casa da quinta e constituído sobretudo pelos antigos trabalhadores; o outro no limite Nordeste, próximo da antiga pedreira. Esta ocupação estava ainda associada a uma agricultura de subsistência que era exercida não só pelos habitantes das barracas situadas no terreno, mas igualmente por residentes dos bairros vizinhos onde muita da população tinha recentemente chegado da província.

A partir da década de 1970 houve uma ocupação mais acentuada por parte da população cabo-verdiana, presume-se que na altura já habitavam no local cerca de 360 pessoas. A proximidade à cidade de Lisboa e as acessibilidades às principais rodovias permitiam aos habitantes, na sua maioria de baixos recursos económicos, uma boa acessibilidade aos transportes públicos e respectivos empregos e serviços que a cidade de Lisboa oferecia. (Figura 6) Com a constituição da Comissão de Moradores, em 1978, a abertura de ruas obedece a um plano da própria comissão, que representou um gesto importantíssimo na

gestão dos terrenos e no controlo da dinâmica construtiva.

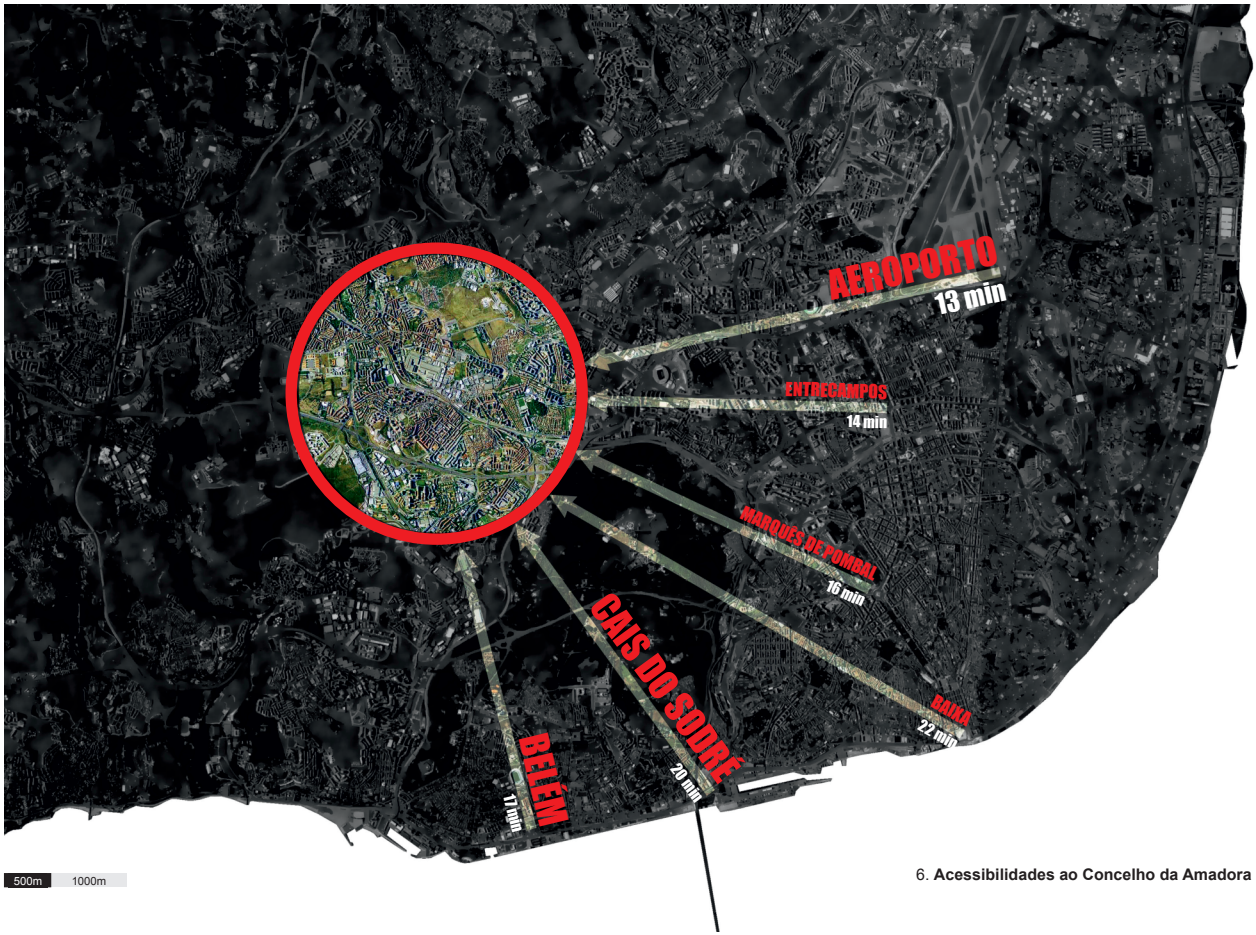
O 25 de Abril e a liberalização política fizeram com que as novas correntes migratórias das ex-colónias portuguesas contribuíssem para a proliferação de bairros ilegais por todo o país, particularmente nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto. A Cova da Moura não foi excepção, e actua como reflexo da construção desenfreada de habitações, por vezes sem condições mínimas de habitabilidade, que acompanhou o *boom* populacional no fim dos anos 1970.

Actualmente, com uma área de 16 hectares, a Cova da Moura possuí uma população de aproximadamente 5500 pessoas de várias etnias. Os Cabo-Verdianos são dominantes, correspondendo a cerca de 2/3 da população do bairro, os restantes imigrantes são brasileiros e da Europa de Leste, em menor quantidade, e os portugueses. É ainda importante referir que cerca de 22% desta população tem menos de 14 anos, e 45% tem menos de 24 anos, o que resulta numa população etnicamente diversa maioritariamente jovem e pouco qualificada para o mercado de trabalho.

A diversidade étnica resulta numa heterogeneidade morfológica espacial. A sul há uma maior concentração de africanos, com um traçado tortuoso de ruas estreitas, becos, casas, barracas e anexos “encavalitados”, resultando assim numa malha labiríntica claustrofóbica. A Norte predomina um padrão de quarteirões, numa tentativa de malha ortogonal, com um maior número de ruas pavimentadas e com a inclusão pontual de pequenos jardins ao redor da casa. Nesta zona predominam sobretudo portugueses e os ex-colonos, embora seja impossível catalogar com precisão os ocupantes de um bairro tão densamente mesclado.

Esta fragmentação da malha urbana nestas duas grandes áreas permite criar uma separação dos modos de ocupação: a norte e a sul. Resultando assim em duas organizações sócio--espaciais significativamente diferenciadas. Na área sul, ao contrário do que acontece a norte, reina a sobreocupação, a exiguidade e a precariedade das habitações, assim como uma prática cultural que potenciou a transferência das actividades domésticas para o espaço público, favorecendo assim a apropriação das ruas, largos e becos como espaços de convívio intenso.

Através de inquéritos feitos pelo LNEC verificou-se que o inquilinato começou a tomar expressão em meados da década de 1990, de forma crescente, verificando-se, em simultâneo, uma clara diminuição da forma de auto-construção.



6. **Acessibilidades ao Concelho da Amadora**

Estratégia Proposta

Para perceber quais os problemas socioeconómicos e culturais que os bairros étnicos contêm, foram analisados três casos de estudo: as comunidades migrantes de Chinatown, em Manhattan, e duas comunidades emigrantes portuguesas. Em Paris, os bairros de lata de Champigny, e *Little Portugal* em Newark nos EUA.

Em relação a Chinatown, concluiu-se que se encontra perfeitamente integrada na malha urbana e com um mercado forte. Este exemplo foi importante na definição da estratégia para a Cova da Moura pois mostra uma perspectiva integradora de uma comunidade diferente, que, ao explorar a sua cultura trouxe para a cidade de Nova Iorque uma nova vivência. Quando as comunidades se interligam e integram com a envolvente, podem ser extremamente benéficas e conseguem promover a diversidade dentro da cidade. Por este motivo "**Assumir a diferença e Promover a Ligação"** são aspectos fundamentais na hora de intervir.

Foi, também, importante perceber como é que as comunidades emigrantes portuguesas se integraram na malha urbana de outro país. Sendo a população portuguesa das mais emigrantes da Europa na década de 1970/80, foi interessante perceber o impacto que tiveram nas cidades de Paris e Newark. Ambos os exemplos mostram duas realidades distintas. No caso do bairro de Champigny, a ocupação portuguesa era composta por bairros de lata nas periferias da cidade, como o que acontece na Cova da Moura. O outro caso, "Little Portugal", formou-se na década de 1910 e tem uma grande concentração portuguesa que explora o comércio típico.

Destes dois casos, o que nos interessou mais foi a comunidade de Paris. O governo Francês resolveu o problema urbano destruindo na totalidade o bairro precário, o que revela que a probabilidade da Cova da Moura ser demolida não é completamente descabida. Analisando as

hipóteses de abordagem ao tema e estruturando uma ideia fundamentada, foi criado no âmbito do grupo uma posição. **Não destruir! Reabilitar é a nova abordagem!**

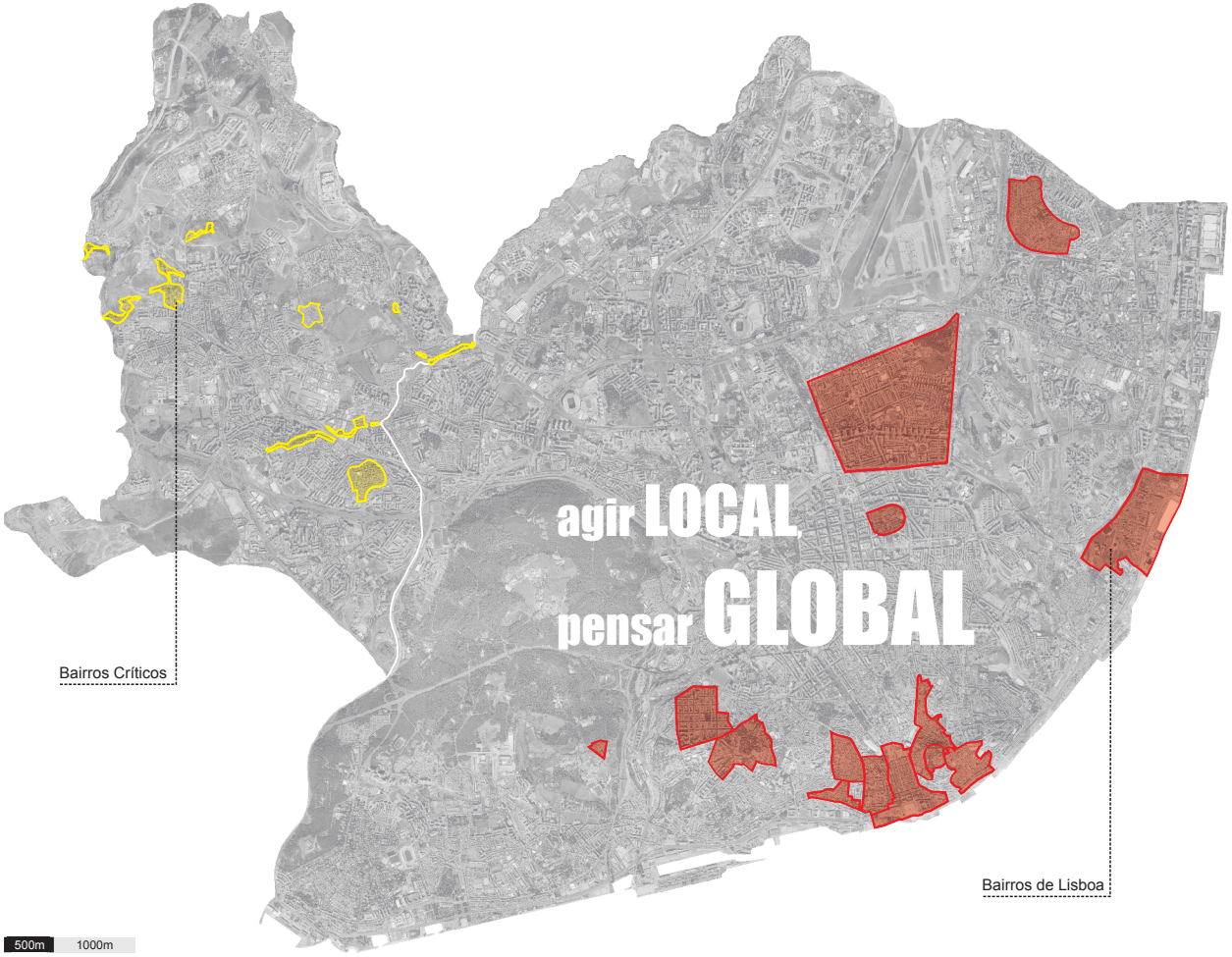
A ideia de exploração comercial da Cova da Moura pode ser extremamente perversa, no entanto acredita-se que reabilitar é um meio de dar condições para que o próprio território se possa regenerar.

Uma das hipóteses posta em causa para o bairro foi a sua destruição, podendo implantar uma cidade de negócios (Figura 7) ou uma urbanização totalmente nova.

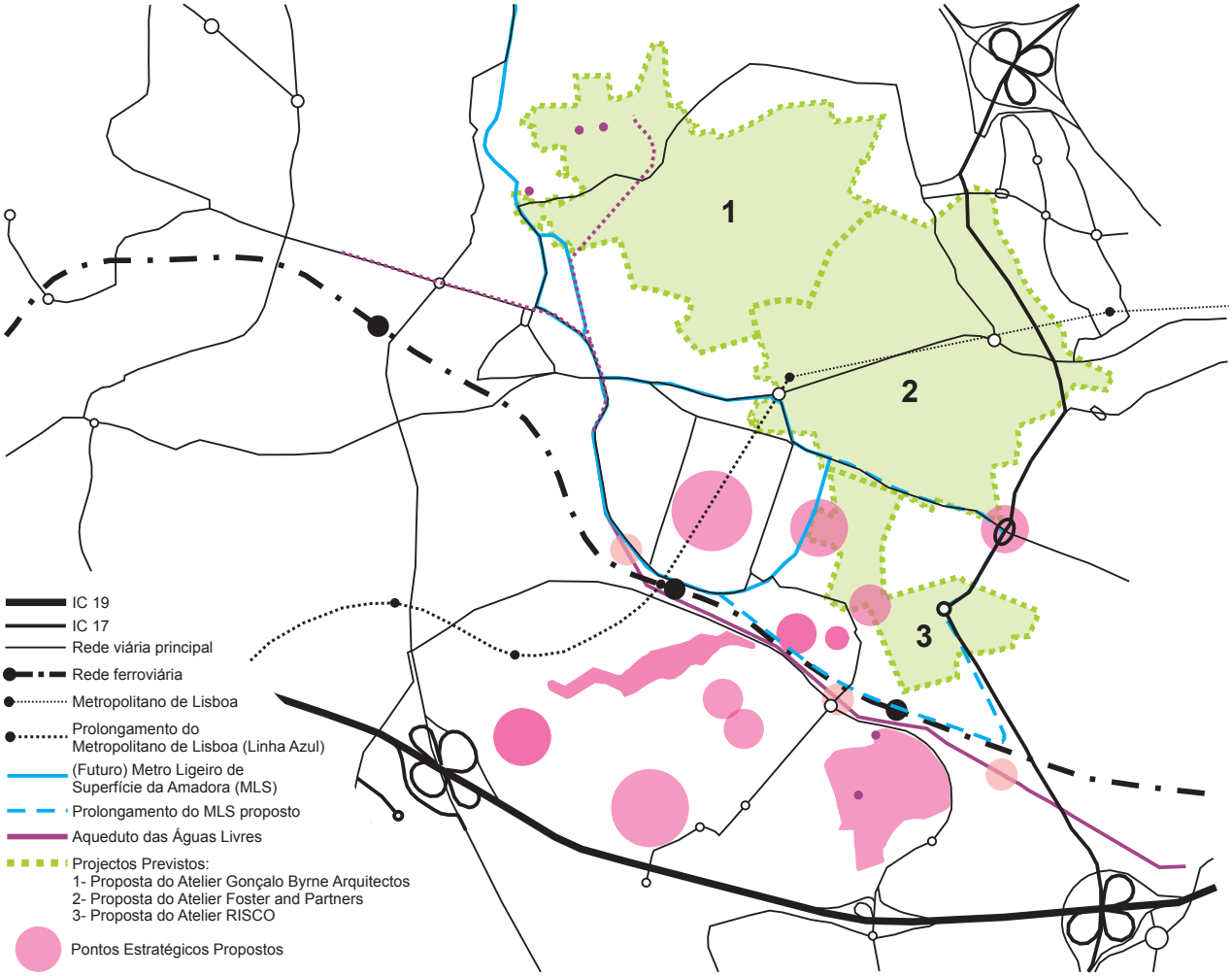
Para intervir na Cova da Moura não basta pensar apenas no bairro, é preciso ter em conta a sua envolvente. Chegou-se então à conclusão que se devia: **Agir Local, pensar Global!** (Figura 8) Para implementar esta estratégia é preciso definir um plano global, não só para resolver as carências da Cova da Moura como as do próprio município da Amadora. Estabelece-se então um mapeamento de funções que podem ajudar a resolver os problemas do local, com uma rede de saúde, cultural e desportiva. (Figura 9 e Figura 10)



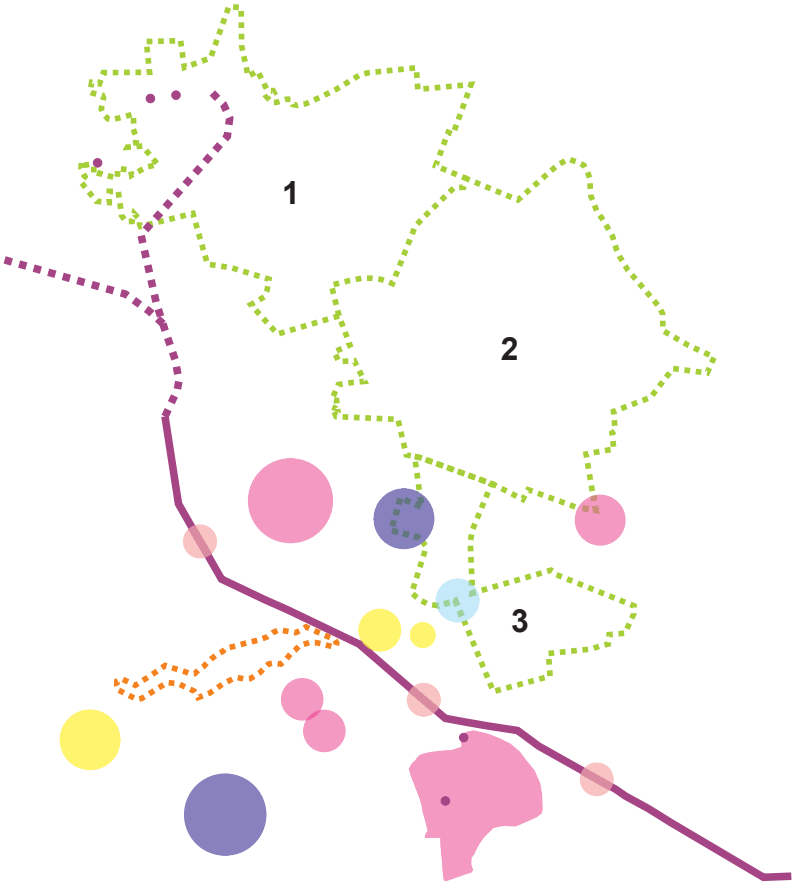
7. **Fotomontagem** - Hipótese de intervenção na Cova da Moura



8. **Agir Local, Pensar Global!**



10. **Pontos Estratégicos Propostos em Confronto com o Existente**



Aqueduto das Águas Livres
Rede Cultural Proposta
Rede Ensino e Formação Proposta
Rede Saúde Proposta
Rede Desportiva Proposta

Projectos Previstos:
1- Proposta do Atelier Gonçalo Byrne Arquitectos
2- Proposta do Atelier Foster and Partners
3- Proposta do Atelier RISCO

Possível requalificação com fins desportivos / lazer

600m 1200m

10. **Esquema Geral da Proposta para o concelho da Amadora**

Estabelecendo uma estratégia geral – cultura, desporto e saúde – na envolvente e incluindo a Cova da Moura numa rede cultural, percebe-se que este bairro terá de passar por uma reabilitação e requalificação.

> *«O objectivo urgente é fazer uma cidade bem desenhada, que seja também claramente amigável e, portanto, humanizada. Uma cidade de que nos orgulhemos pela sua valia cultural, mas também onde aconteçam coisas e onde de vez em quando apeteça ir por uma dessas ruazinhas que não se sabe onde irão acabar, deixando correr o tempo ao sabor dos passos erradios…»(1)*

Concluiu-se que (re)humanizar, (re)habilitar e (re)habitar foi o melhor método de intervenção para o caso de estudo. Manteve-se o carácter do lugar e promoveu-se a continuação do mercado interno, dando-lhe melhores condições e mais qualidade.

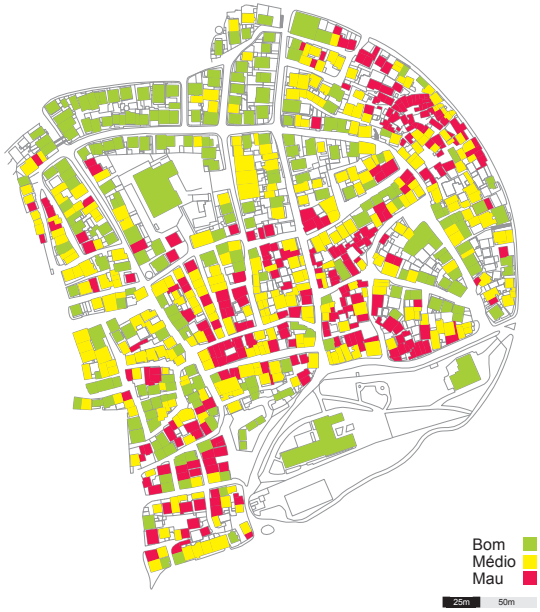
Foi feito um levantamento (com base no inquérito do LNEC e no inquérito feito pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa) dos espaços devolutos, parcialmente devolutos e em mau estado de conservação e traçou-se uma estratégia de demolições e reabilitações.

Tendo em conta estes estudos, propôs-se a desafectação do interior dos quarteirões, a reabilitação dos largos existentes (que permitem criar nova utilização da rua) e um desvio do circuito rodoviário da Carris pelo interior do bairro, que passaria pela rua principal.

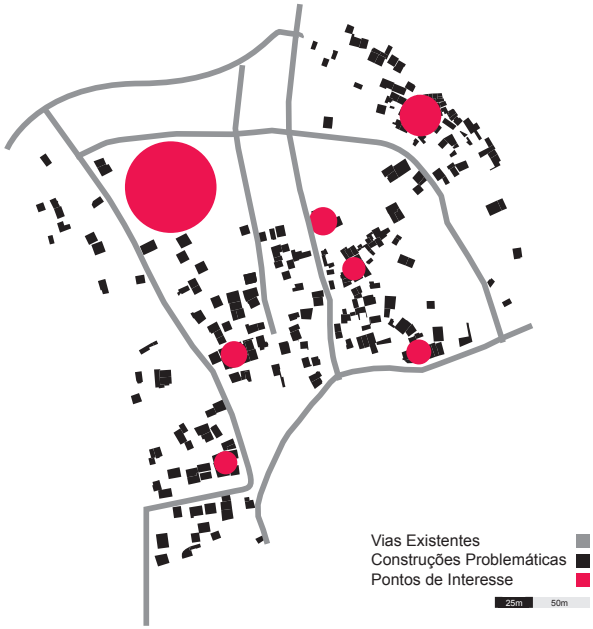
Desenvolveu-se ainda a uma estratégia de ocupação dos edifícios devolutos, transformando-os em espaços para empresas e comércio com as condições necessárias. A intenção não é criar uma estrutura arquitectónica que contenha um mercado local, mas sim, que este continue a desenvolver-se de modo espontâneo e em circunstâncias mais favoráveis.

Em suma, não se cria um mercado, pois ele já está instituído, mas criam-se as infra-estruturas que permitem um melhor desempenho do mesmo.

1 -Daniel Filipe, Discurso sobre a cidade, Lisboa, Editorial Presença, Colecção Forma n.º 8, 1977 (1.ª ed. 1956), pp. 51, 70.



11. **Estado de Conservação dos Edifícios**



12. **Pontos de Interesse a Reabilitar**



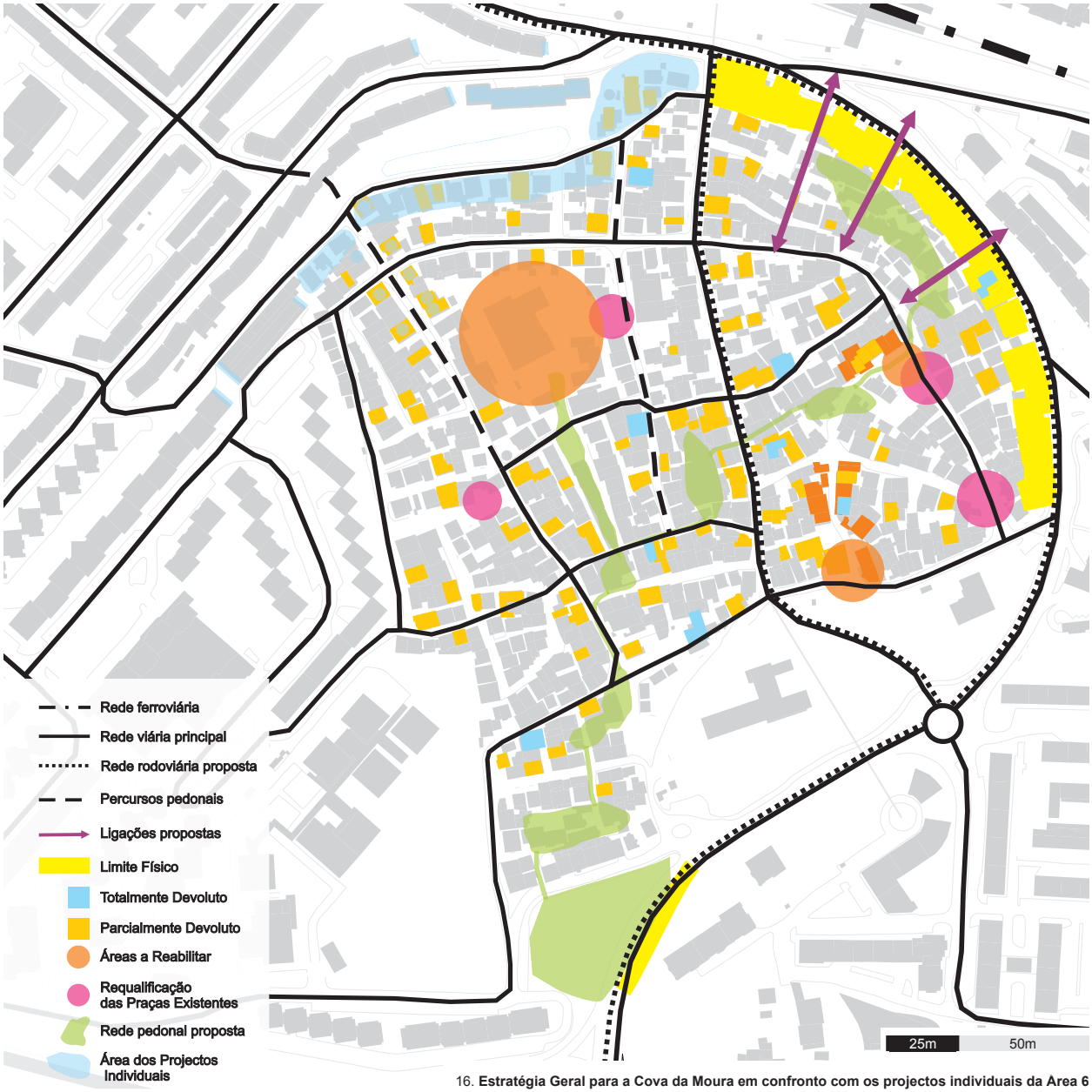
13. **Construções Problemáticas a Demolir**



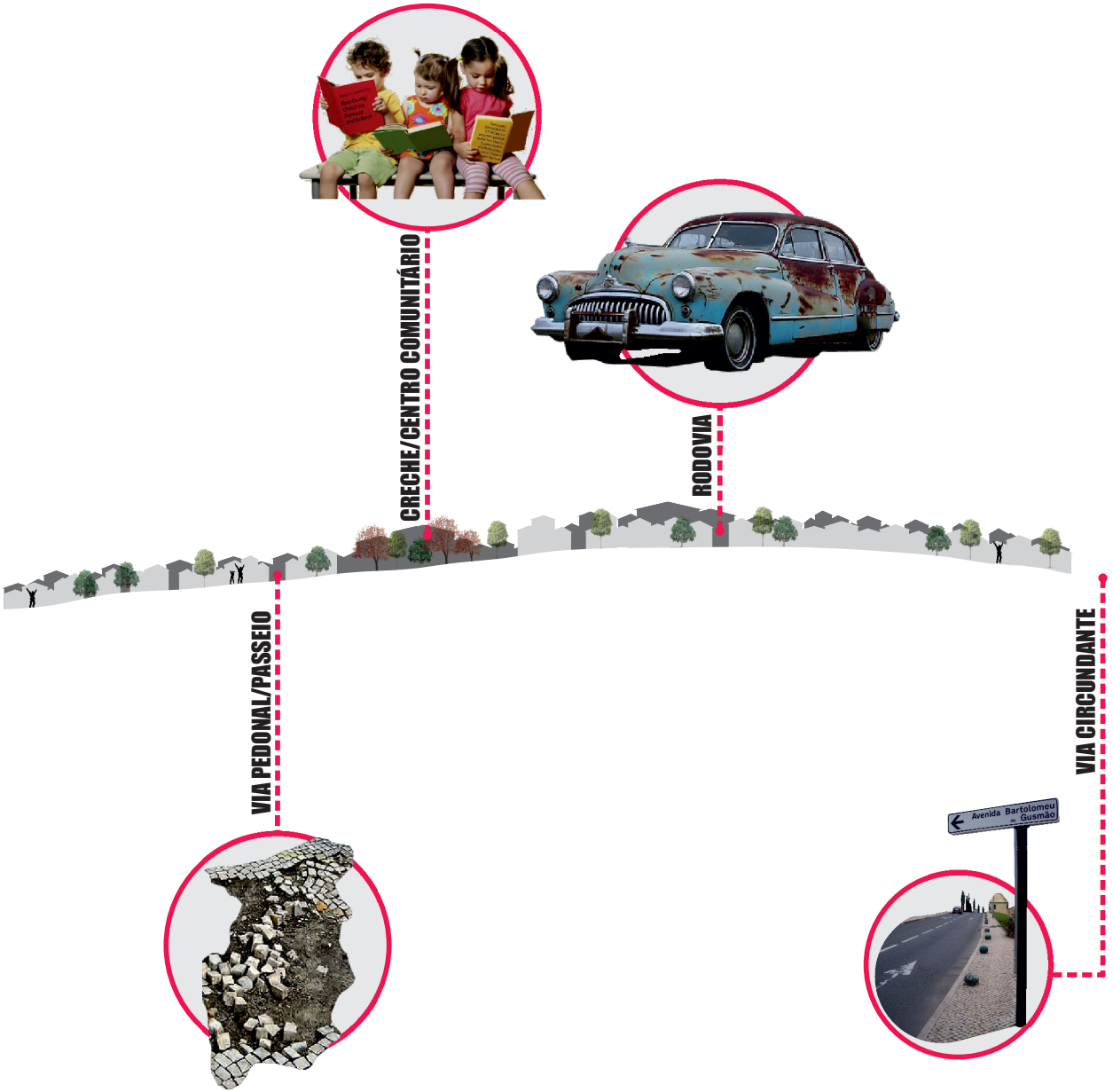
14. **Estratégia de desocupação no Interior dos Quarteirões**



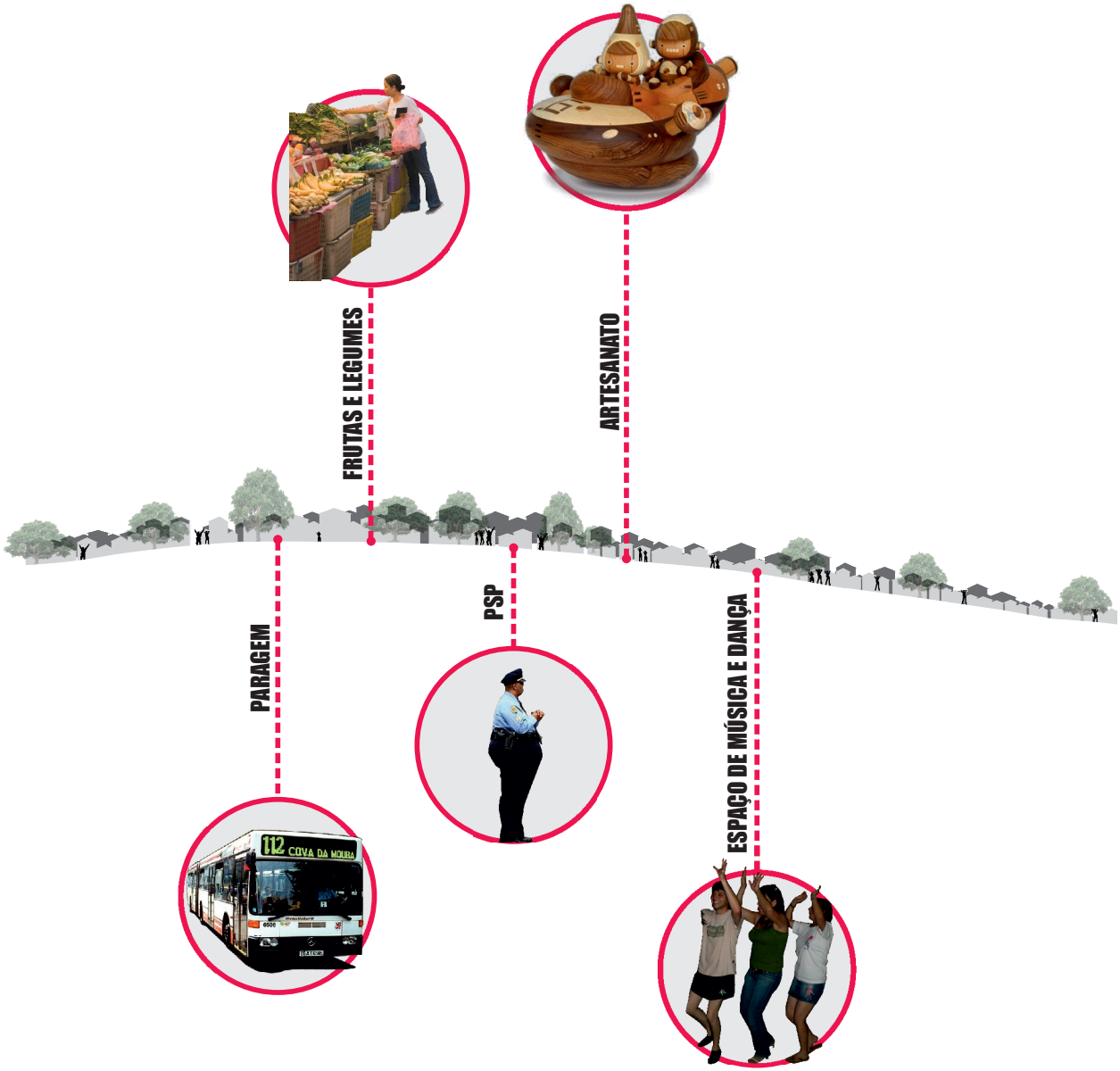
15. **Distribuirão Temática pelos Largos Existentes**



16. **Estratégia Geral para a Cova da Moura em confronto com os projectos individuais da Area 6**



17. **Infra-estruturas em falta na Cova da Moura**



18. **Temáticas Propostas (Transportes, Polícia, Mercado e Artesanato)**



19. **Fotomontagem** - Rua da Cova da Moura após a Intervenção

Índice de Imagens

II.a. - Vertente projectual de Grupo

1. Desenho do Autor sobre a Planta de 1885, Autoria do Grupo
2. Desenho do Autor sobre a Planta de 1893, Autoria do Grupo
3. Desenho do Autor sobre a Planta de 1898, Autoria do Grupo
4. Planta de 1975, In. Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal, 2003
5. Planta de 2004, In. Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal, 2003
6. Acessibilidades ao Concelho da Amadora, Autoria do Grupo
7. No que se poderia transformar a Cova da Moura, Autoria do Grupo
8. Pensar Global, Agir Local, Autoria do Grupo
9. Pontos Estratégicos Propostos em confronto com o existente, Autoria do Grupo
10. Esquema Geral da Proposta para a Amadora, Autoria do Grupo
11. Estado de Conservação dos Edifícios, com base no estudo do LNEC
12. Locais de Interesse a Reabilitar, Autoria do Grupo
13. Construções Problemáticas a Demolir, Autoria do Grupo
14. Estratégia de desocupação do Interior dos Quarteirões, Autoria do Grupo
15. Distribuição Programática pelos Largos Existentes, Autoria do Grupo
16. Estratégia Geral para a Cova da Moura em confronto com os projectos individuais da Área 6, Autoria do Grupo
17. Infra-estruturas em falta na Cova da Moura, Autoria do Grupo
18. Temáticas Propostas (Transportes, Polícia, Mercado, Artesanato), Autoria do Grupo
19. Rua da Cova da Moura após a Intervenção, Autoria do Grupo

Bibliografia

. DIAS, Manuel Graça. Manual das Cidades, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2006

. ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte. *Portugal Património Volume VII*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2006

. BAPTISTA, Luís Santiago. *Condições Periféricas*, ARQ/A nº67, Março 2009

. BAPTISTA, Luís Santiago. *Condições Periféricas*, ARQ/A nº68, Abril 2009

. BANDEIRA, Pedro. *Projectos Específicos para um Cliente Genérico* – Porto, Dafne Editora, 2006

. BASILICO, Gabriele, *Arquitectura em Portugal*, Porto, Dafne Editora, 2006

. Câmara Municipal da Amadora. *Apontamentos para a História da Amadora ou o desfazer de uma lenda - Memórias de António Cardoso Lopes*, Câmara Municipal da Amadora, Lisboa, 1989

. Câmara Municipal de Lisboa. *Lisboa e o Aqueduto*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1997

. DOMINGUES, Álvaro. *Paisagem revisitada – II Fórum Internacional sobre Feísmo*, Galiza pág.1-6, 2007

. DOMINGUES, Álvaro. *Transgénicos* –, 2001

. DOMINGUES, Álvaro. *Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal*, 2004

. FRAMPTON, Kenneth. *História da Arquitectura Moderna*, São Paulo, Martins Fontes, 2003

. GUEDES, Âmancio. *Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações = Manifestos, Papers, Lectures, Publications*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007

. KOOLHAAS, Rem. *Delirious New York*, New York, The Monacelli Press, 1994

. MINHATERRA, *Amadora Raízes e Razões duma identidade* - Câmara Municipal da Amadora, Lisboa, Edições ASA, 2000

. ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City* (1979), Barcelona, GG Reprints, 2ª Edição 1998

. SILVA, F. Nunes da; PEREIRA, Margarida. *Ilusões e desilusões, das periferias na Área Metropolitana de Lisboa*, Ano 2. Novembro de 1986, pág. 14-24

II.b

VERTENTE PROJECTUAL

10 Habitações

ZONA 6



Memória Descritiva

Tendo por base uma área de intervenção localizada na Damaia, Buraca e Reboleira, subdividida em oito zonas (uma para cada grupo), propôs-se a construção de 10 a 20 habitações na periferia do Alto da Cova da Moura, para moradores que pretendam sair do bairro ou para a classe média em geral.

A área de intervenção atribuída foi a **Zona 6** (imagem anterior), um território nos limites da Cova da Moura altamente lotado de edifícios habitacionais e, aparentemente, sem capacidade para mais. **Onde** projectar se não existe mais espaço? Faz sentido demolir habitação para construir mais? **Qual** a melhor estratégia de implantação, de maneira a que se estabeleça uma relação entre a macro escala da análise estratégica do território e a micro escala da intervenção de detalhe? **Como** é que se constrói habitação numa zona sobrelotada de edifícios habitacionais?







De maneira a responder a todas estas questões criou-se uma estratégia que resolvesse as premissas do lugar e do enunciado proposto. **Não existindo terreno horizontal, constrói-se no espaço vertical – as empenas.**

A partir do trabalho de um artista italiano (Blu) apercebi-me que a apropriação de cada empena consegue ser singular, tornado cada projecto único em cada uma das suas especificidades.

Desta maneira, dispersando as habitações em vários locais consegue-se ocupar os espaços vagos, criando um mapeamento de pequenos projectos disseminados pela área de intervenção. Ao construir nas empenas evita-se a demolição dos edifícios existentes e não se ocupa terreno horizontal. É um projecto que se apoia no existente.

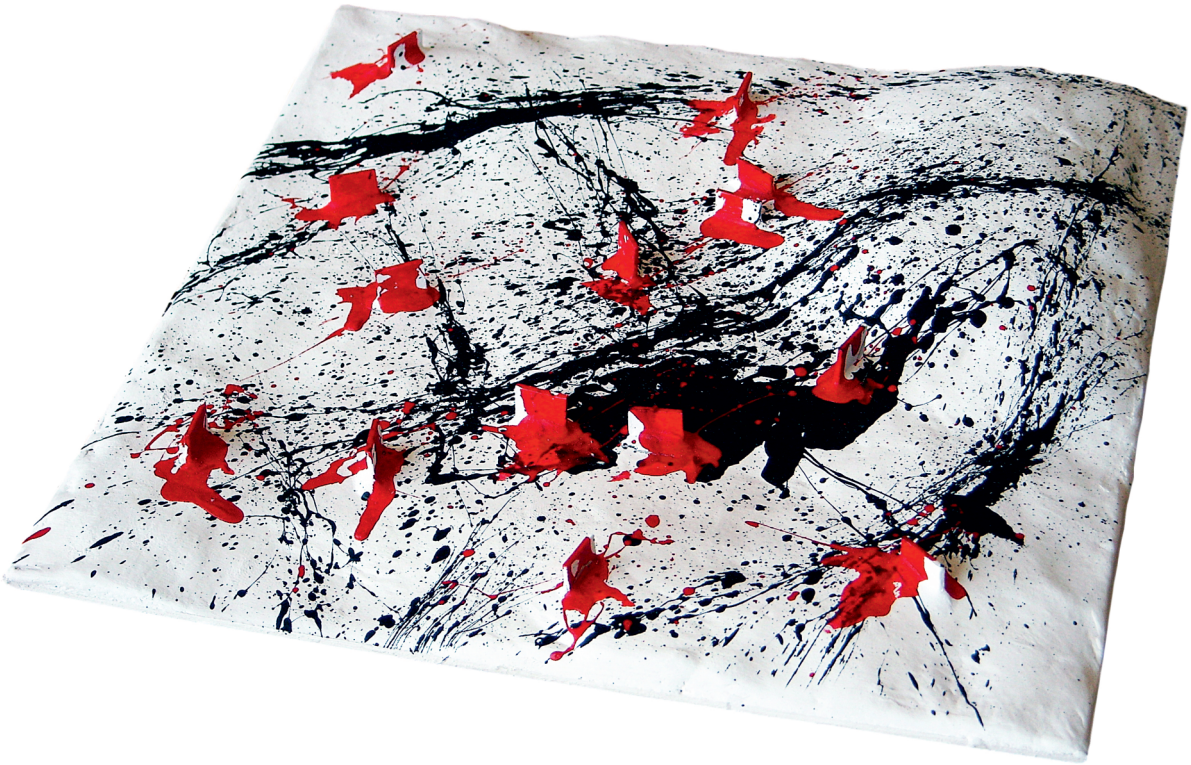
Cada habitação é autónoma entre si. O objectivo é que esta ideia seja usada em qualquer parte no mundo. Não é uma estratégia local, mas sim global.





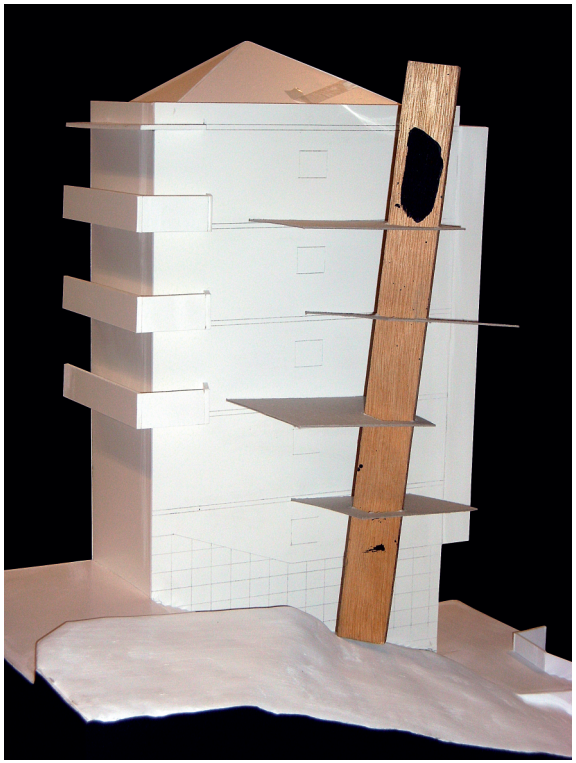


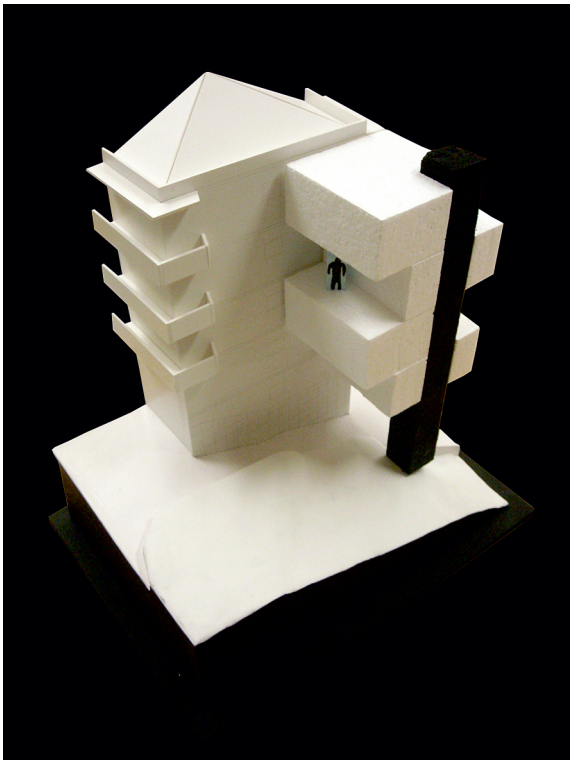
Maquete Conceptual

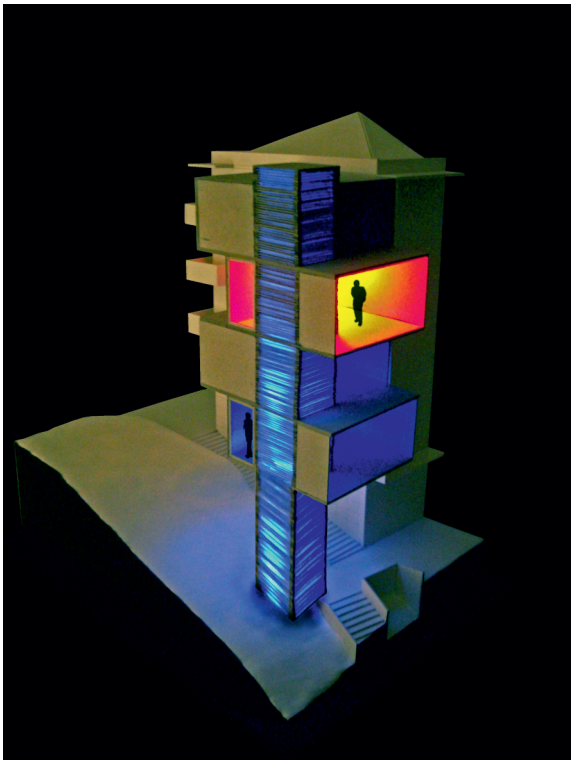


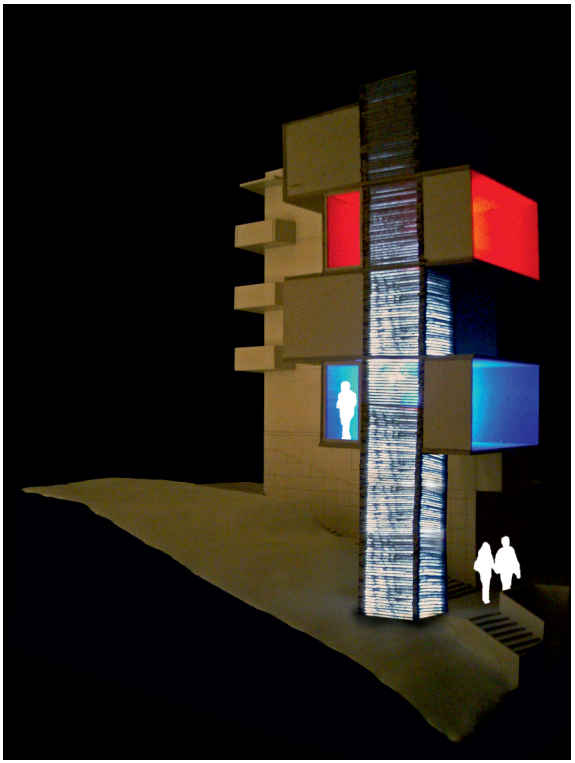


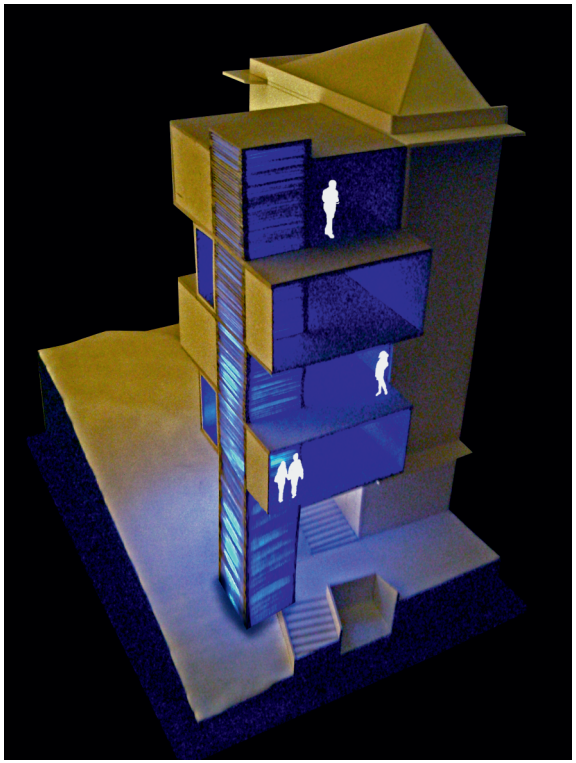
EVOLUÇÃO PROJECTUAL

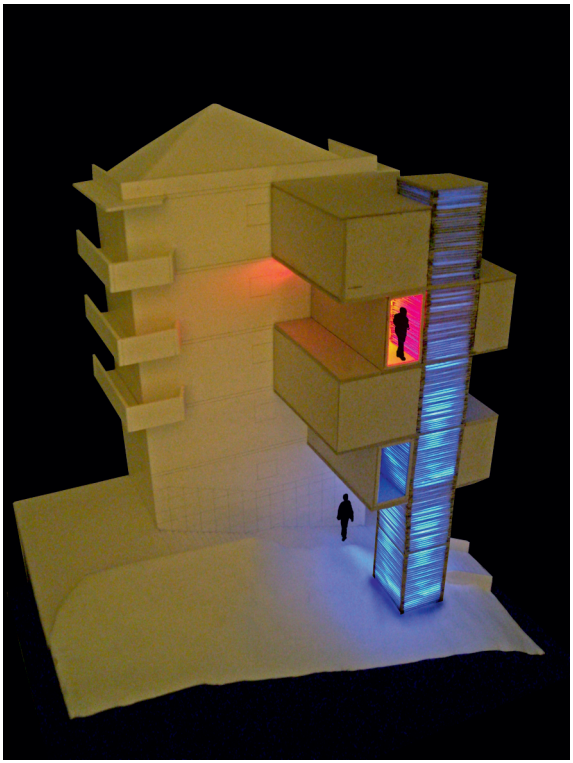


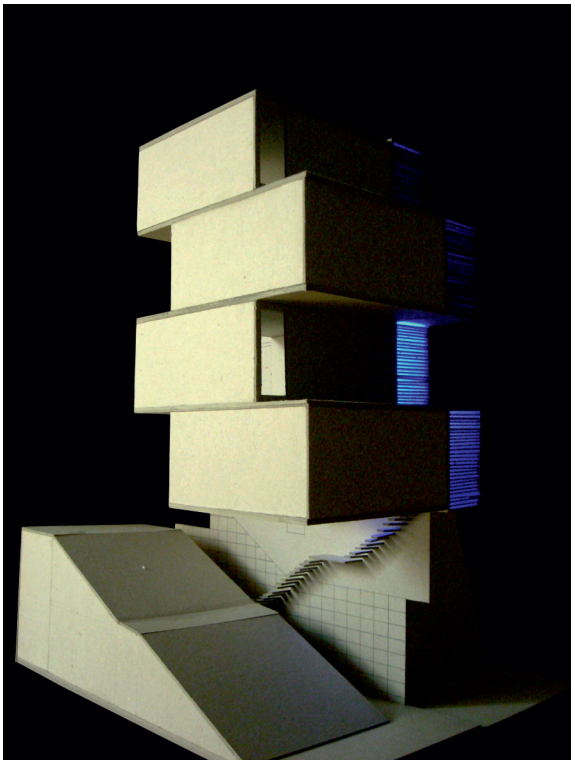


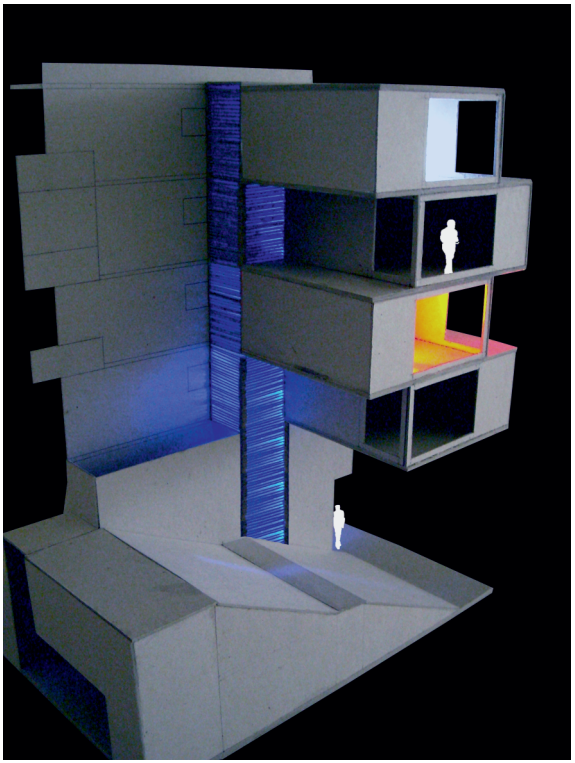


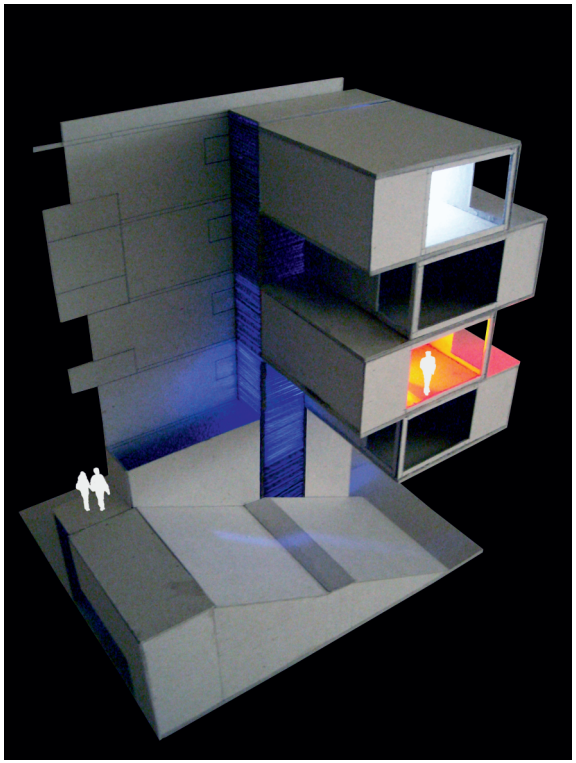


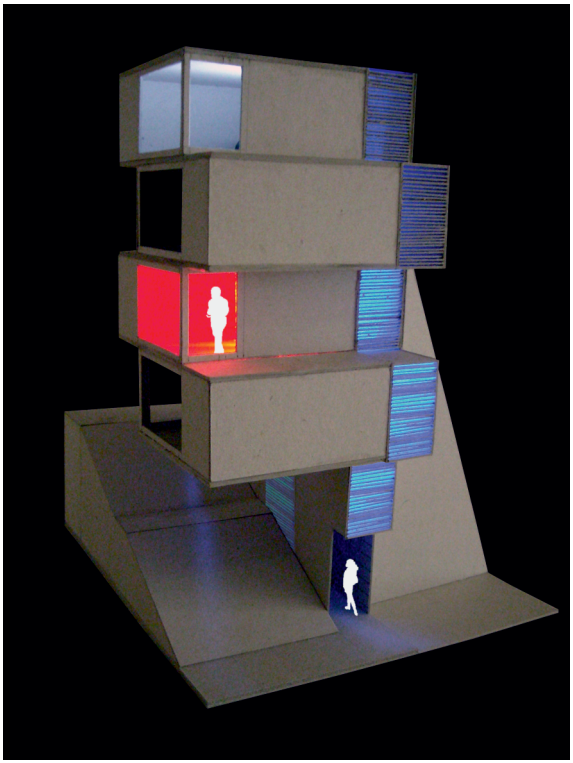










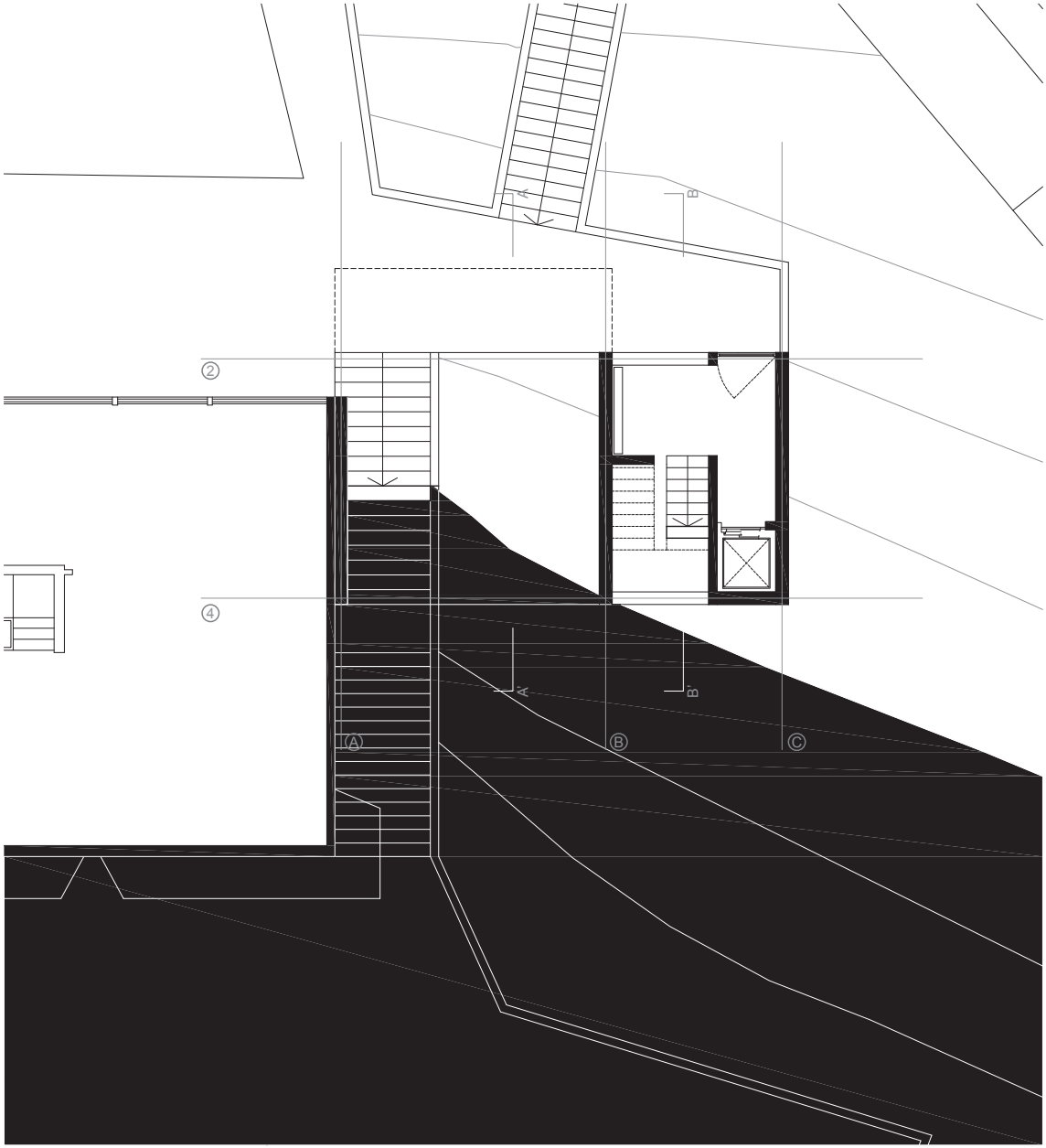


PROPOSTA FINAL



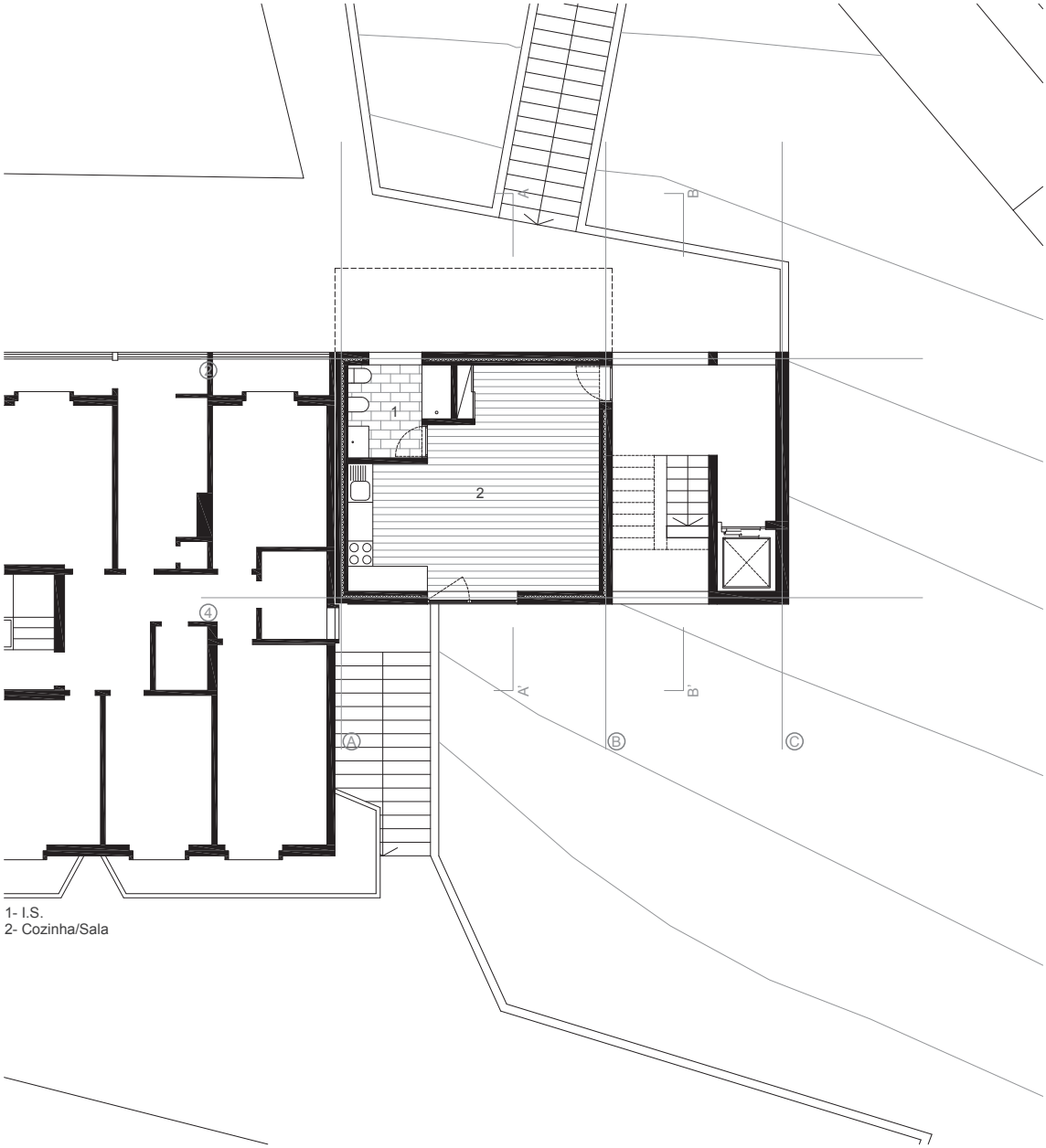
LOTE 1


T2+



Planta Piso 0

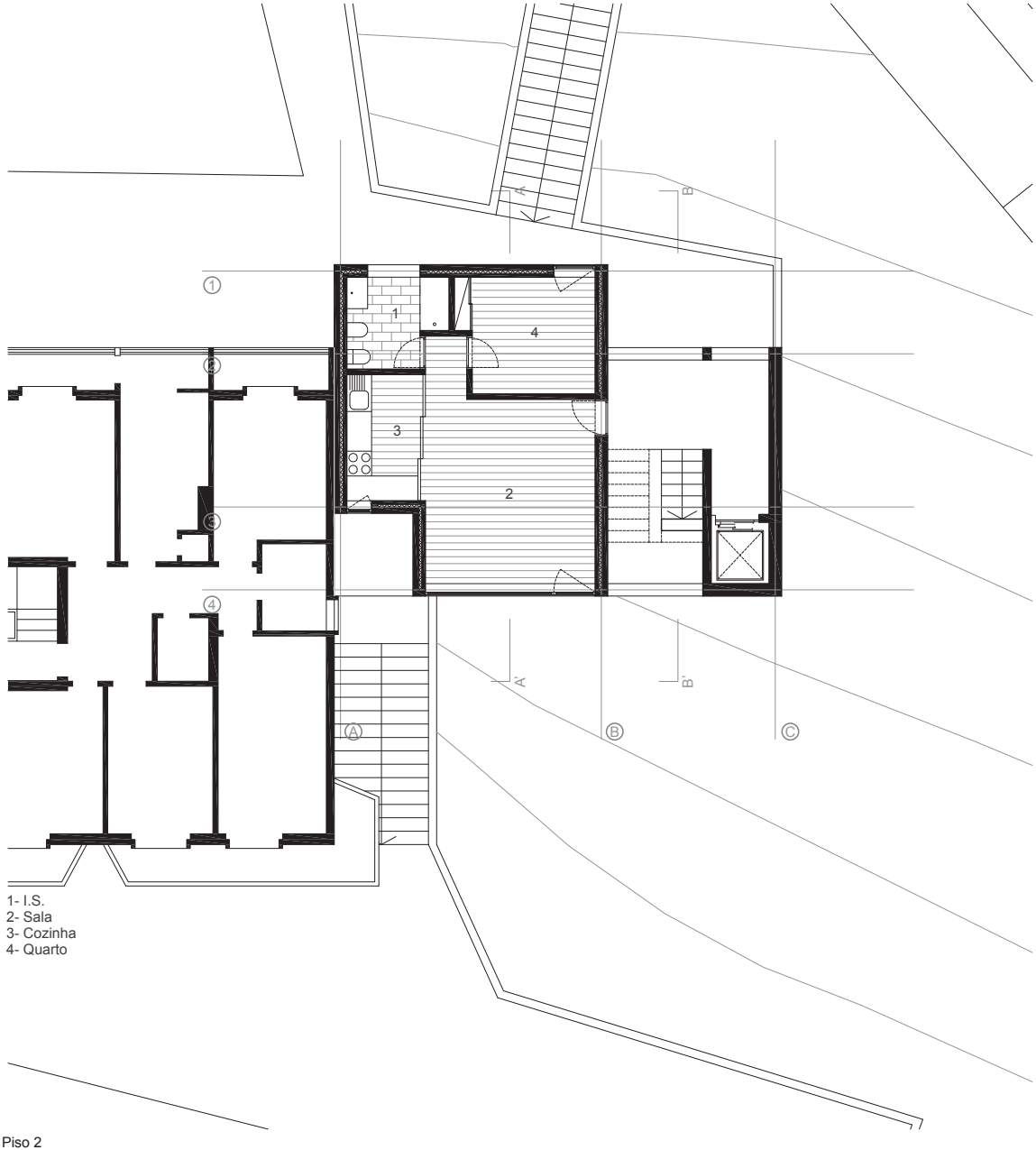
N



1- I.S.
2- Cozinha/Sala

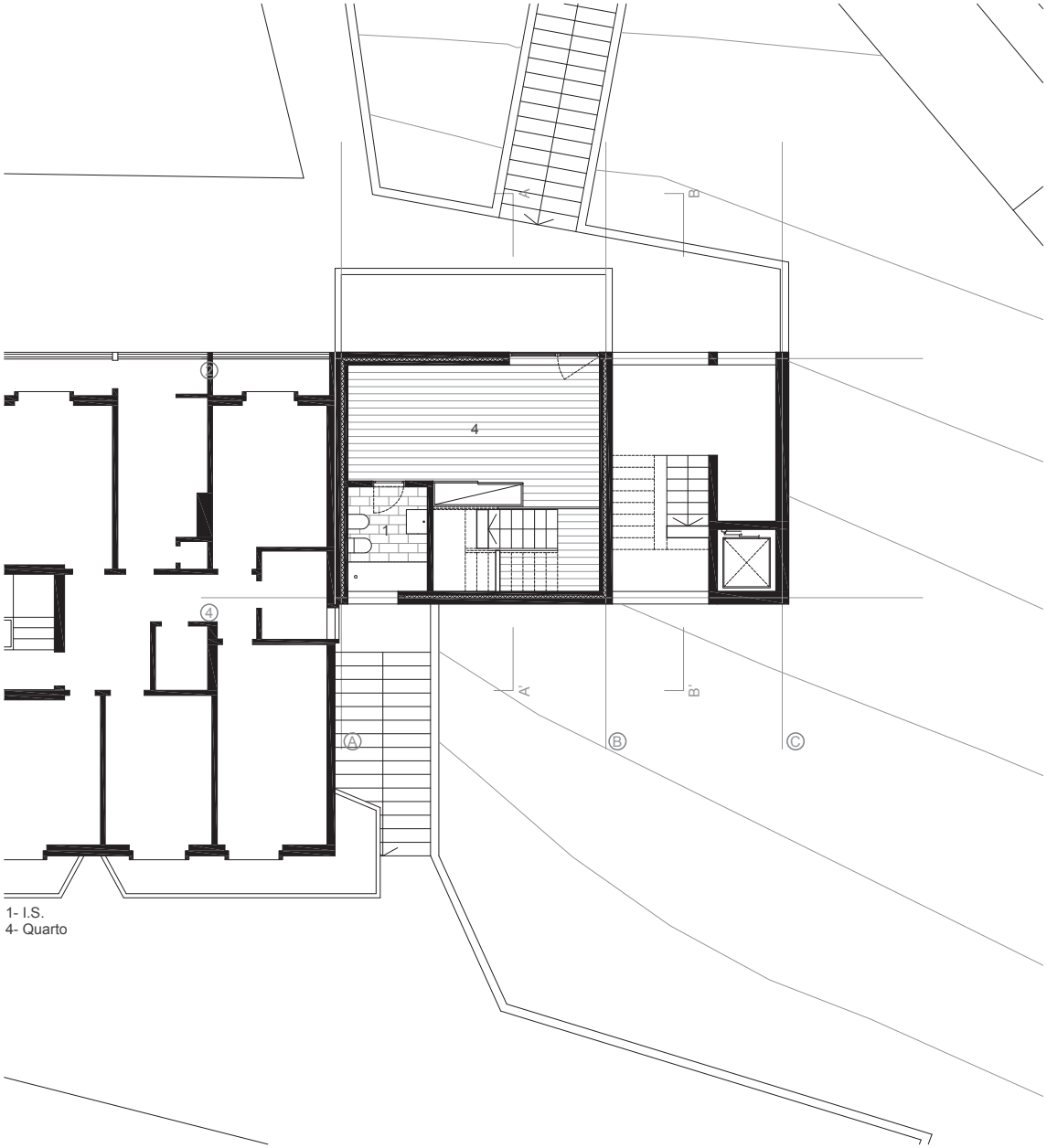
N

Planta Piso 1



Planta Piso 2

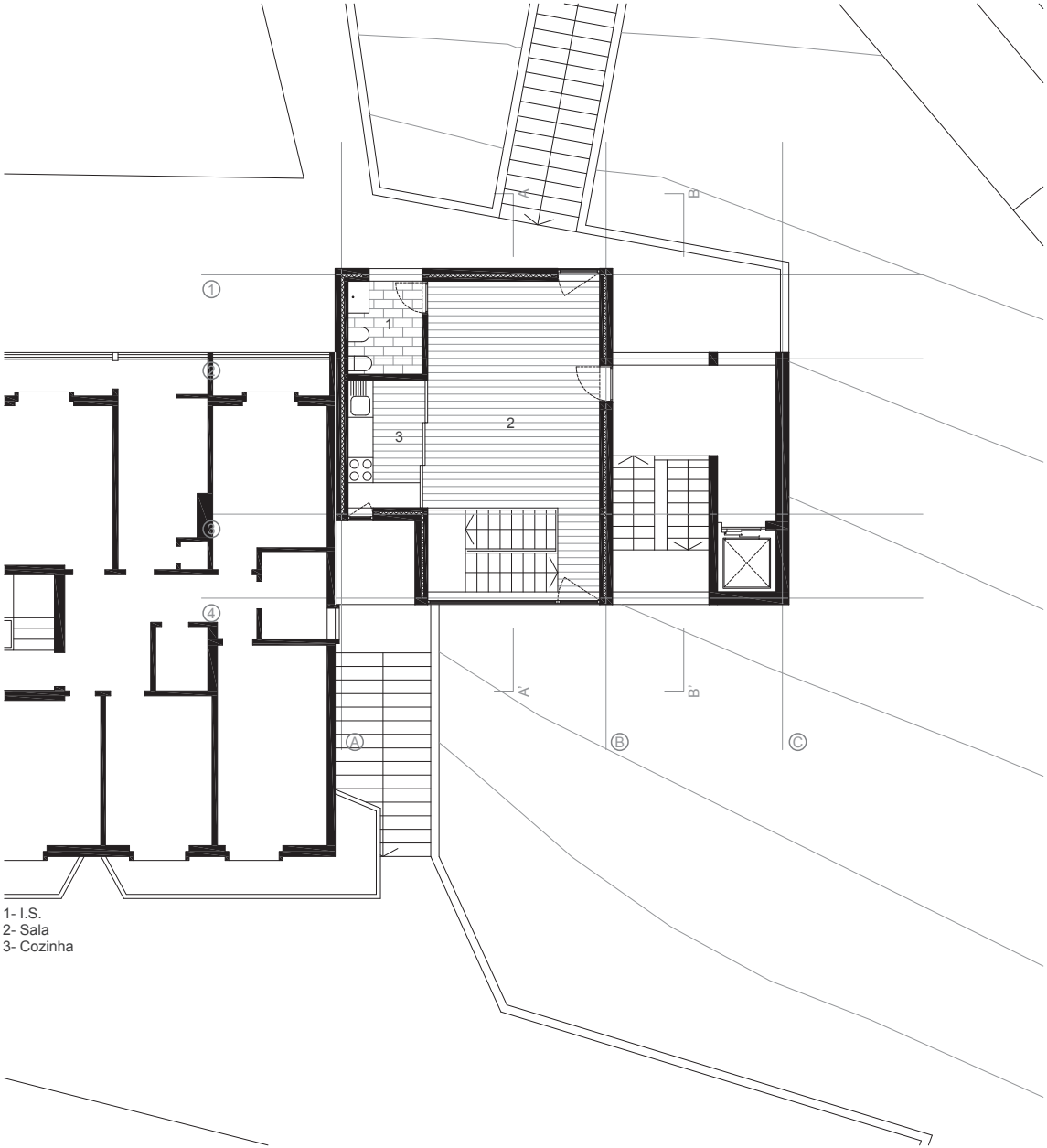
N



1- I.S.
4- Quarto

N

Planta Piso 3



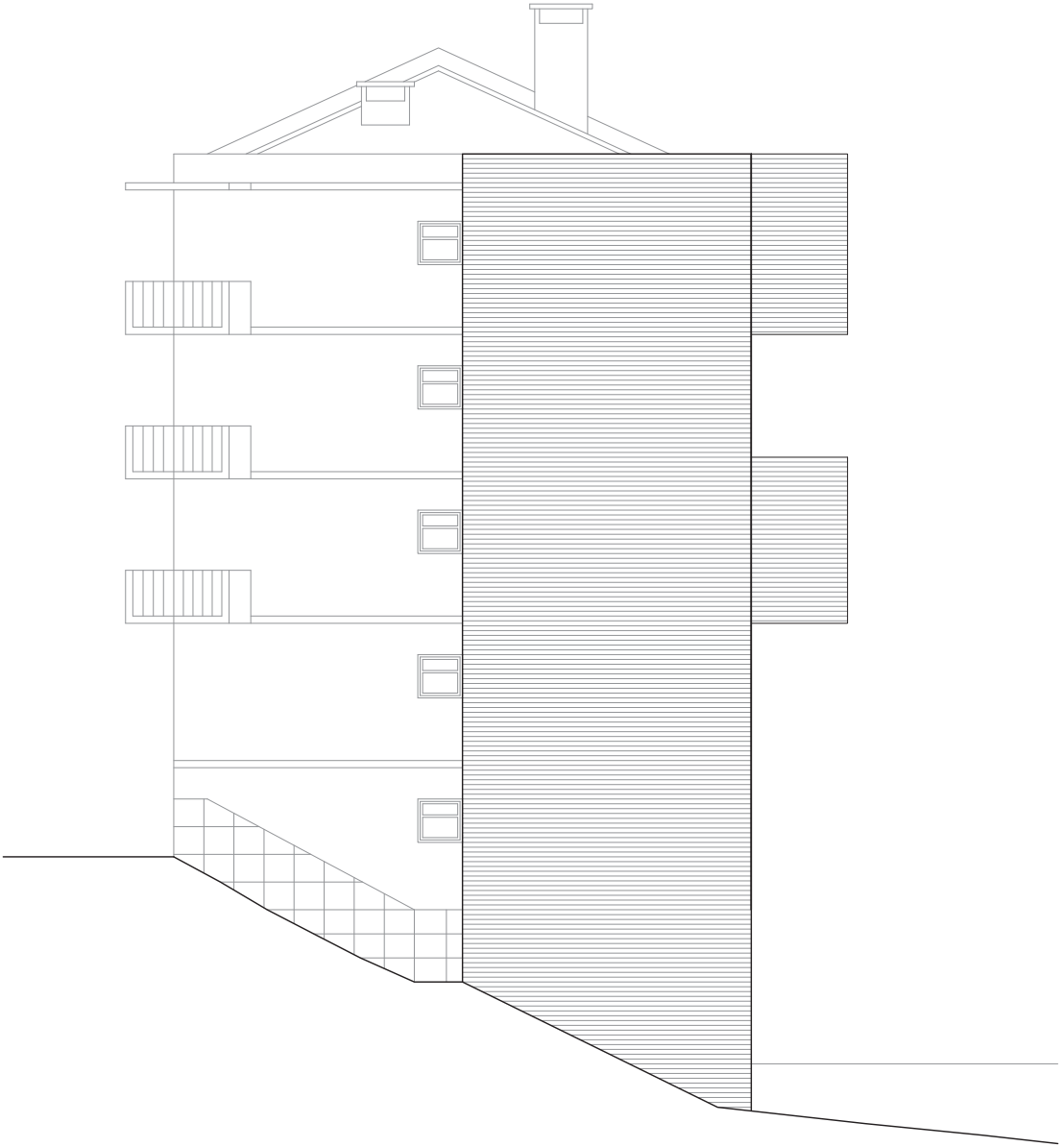
Planta Piso 4



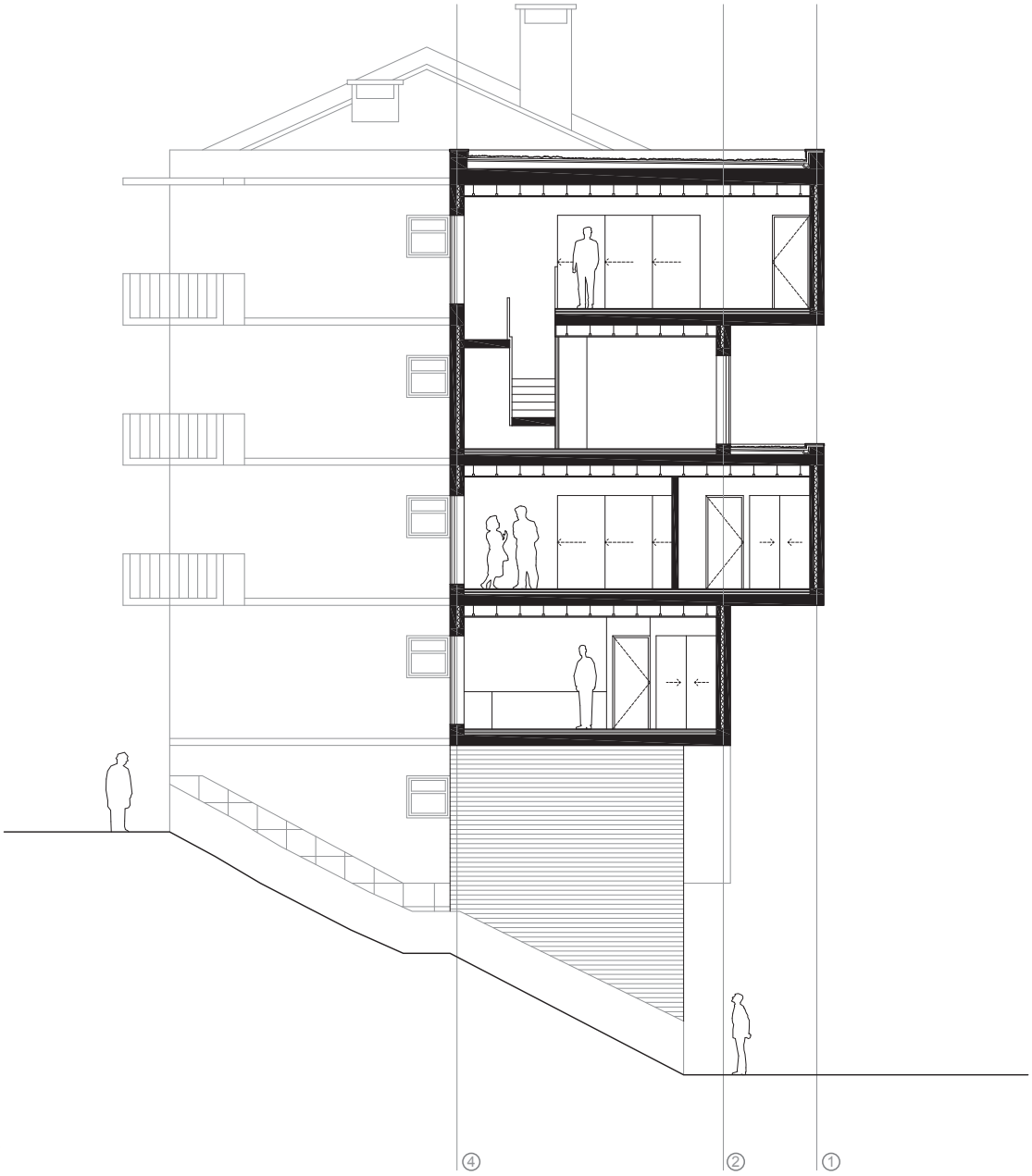
Alçado Norte



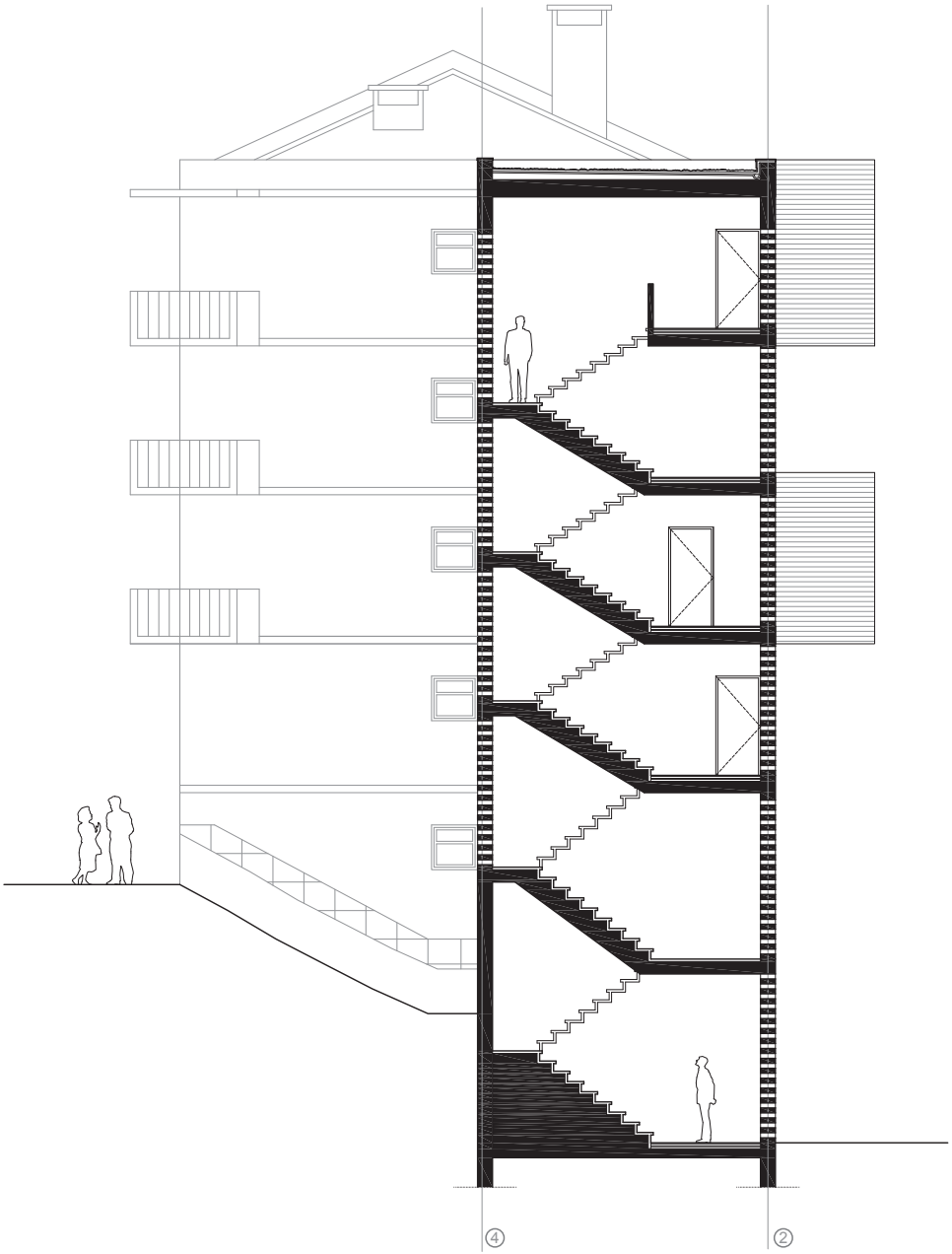
Alçado Sul



Alçado Este



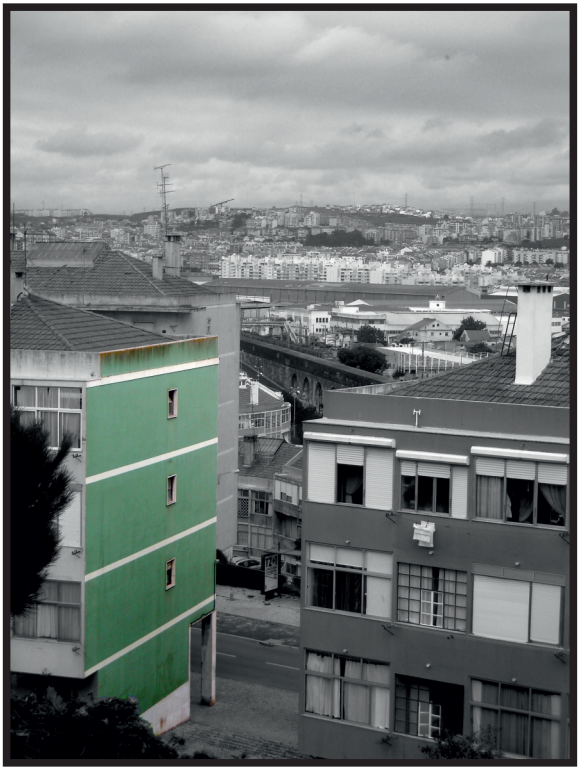
Corte AA'

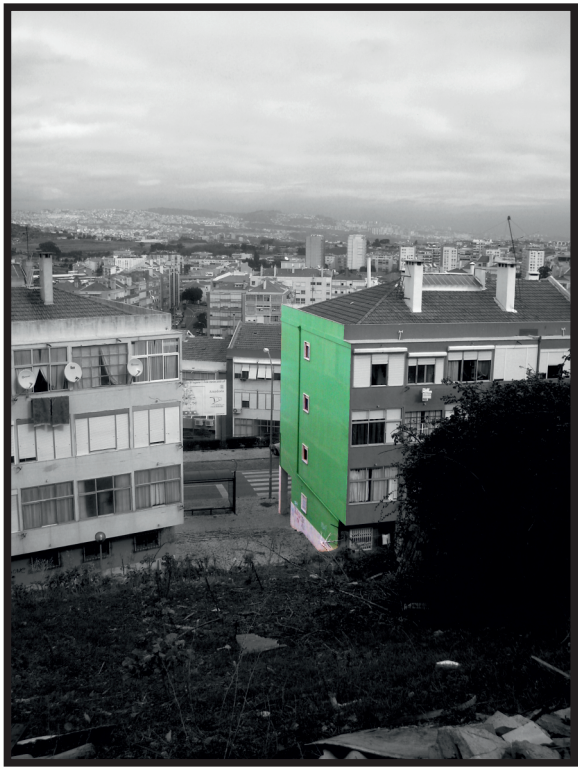


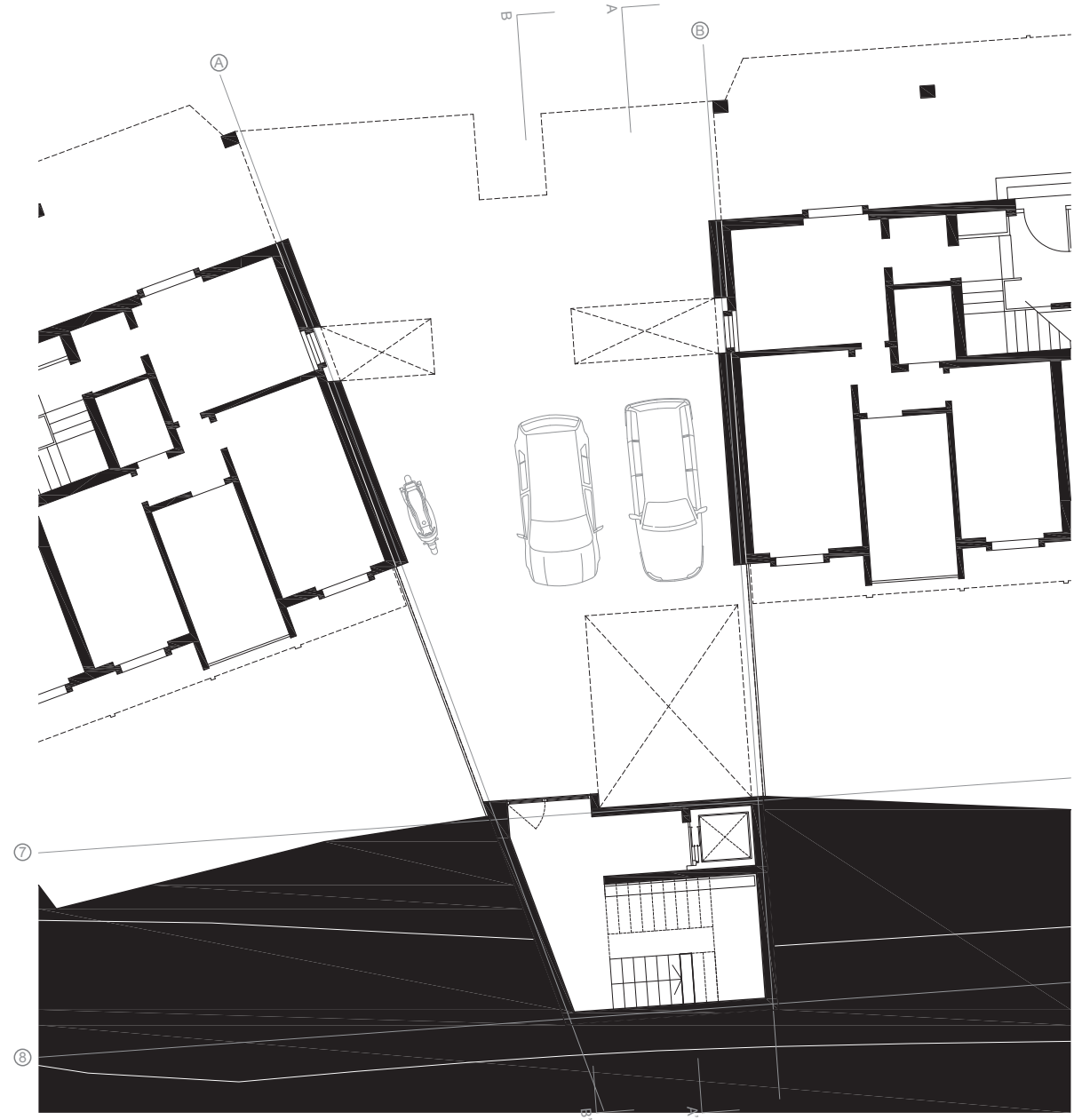
Corte BB'



LOTE 2

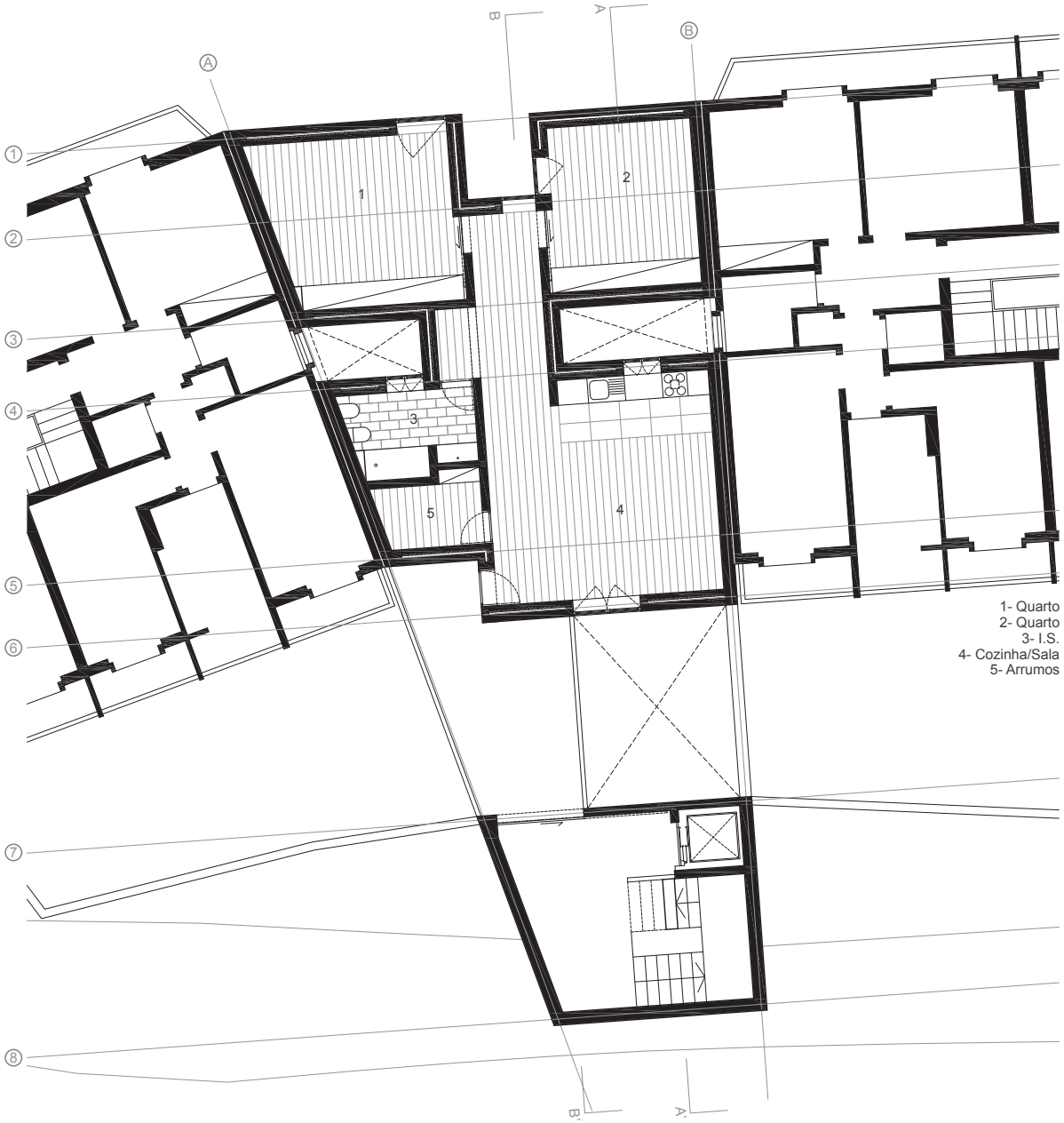






Planta Piso 0

N



1- Quarto
2- Quarto
3- I.S.
4- Cozinha/Sala
5- Arrumos

N

Planta Piso 1,2,3



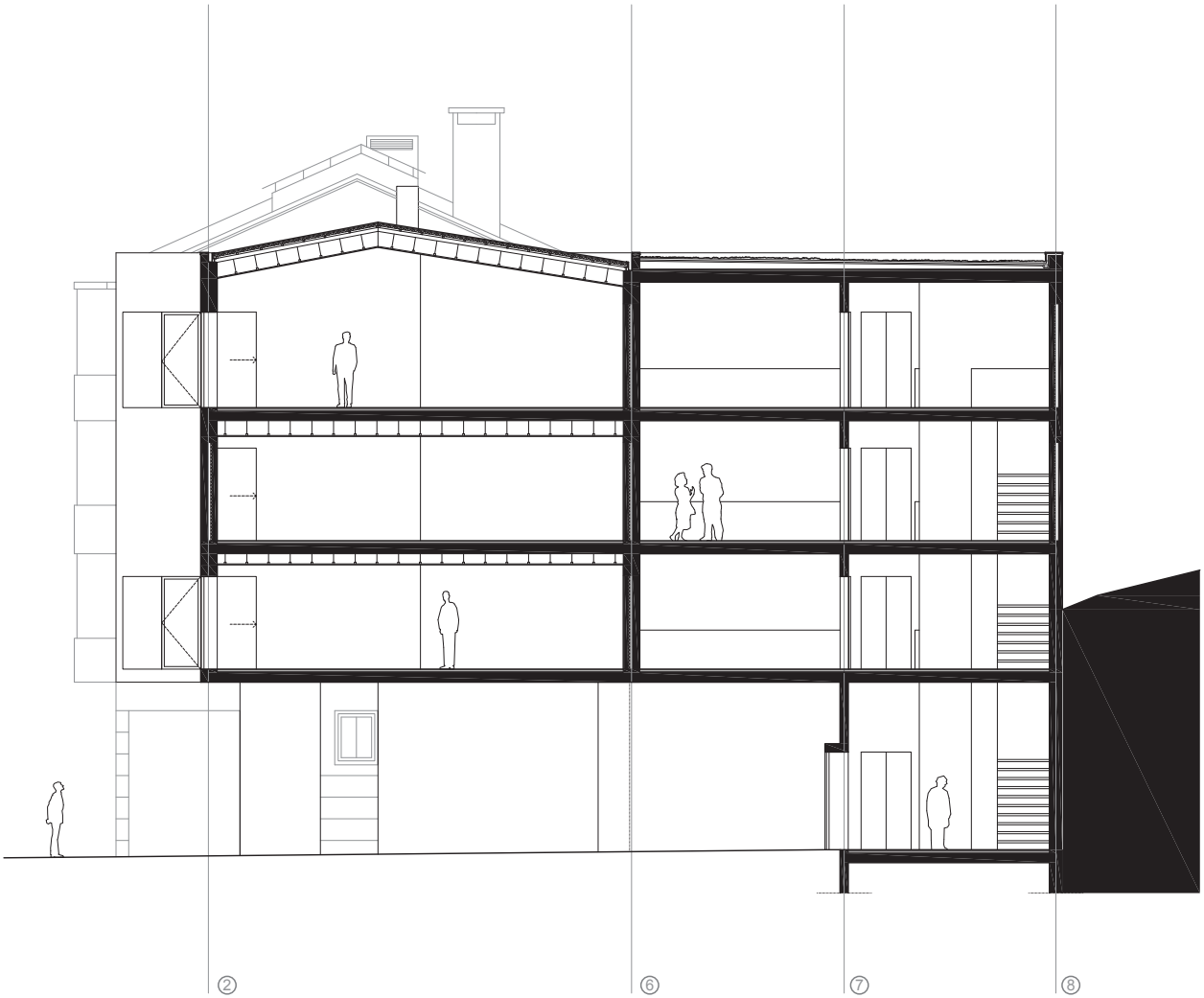
Alçado Norte



Alçado Sul



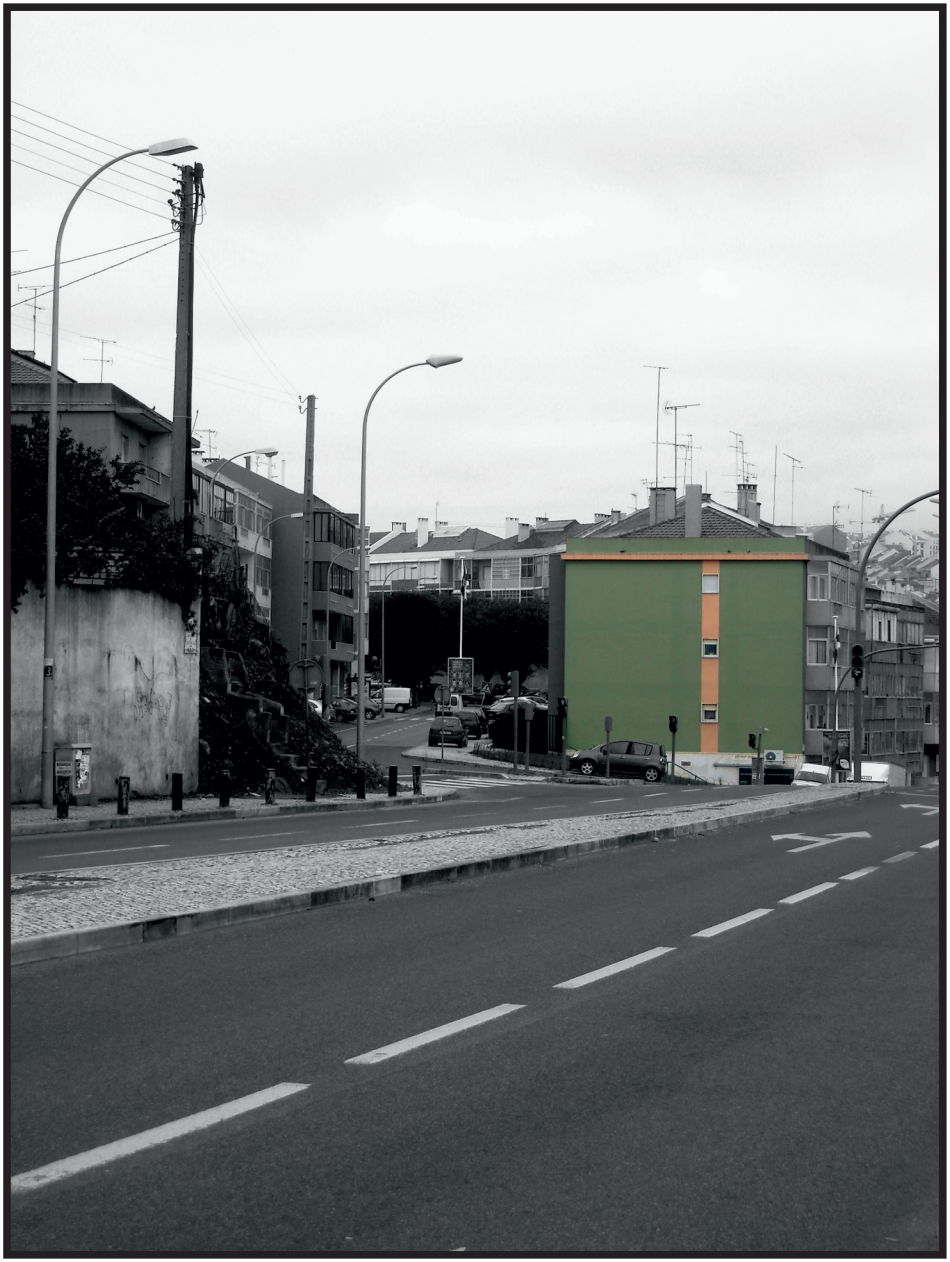
Corte AA'

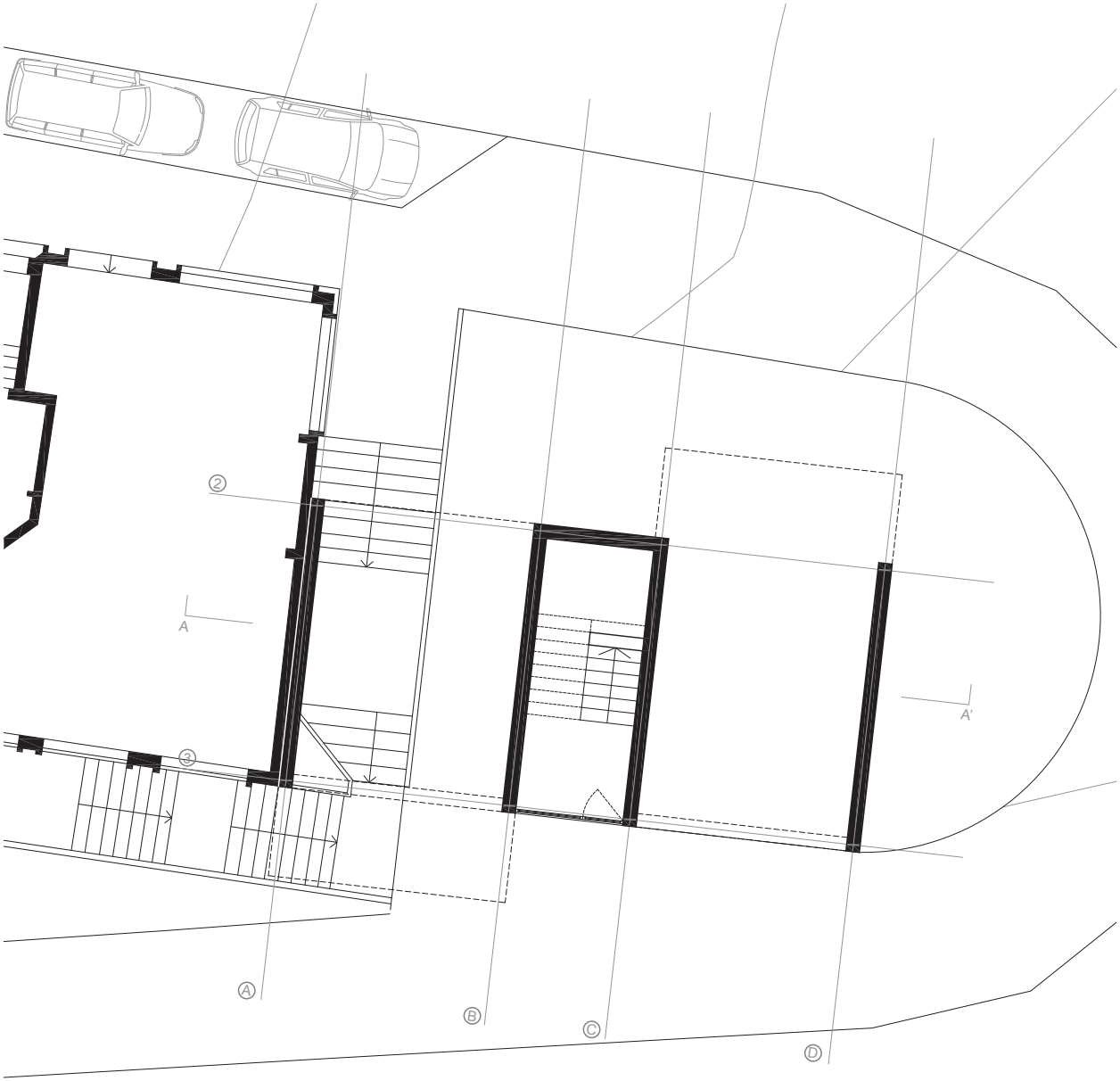


Corte BB'



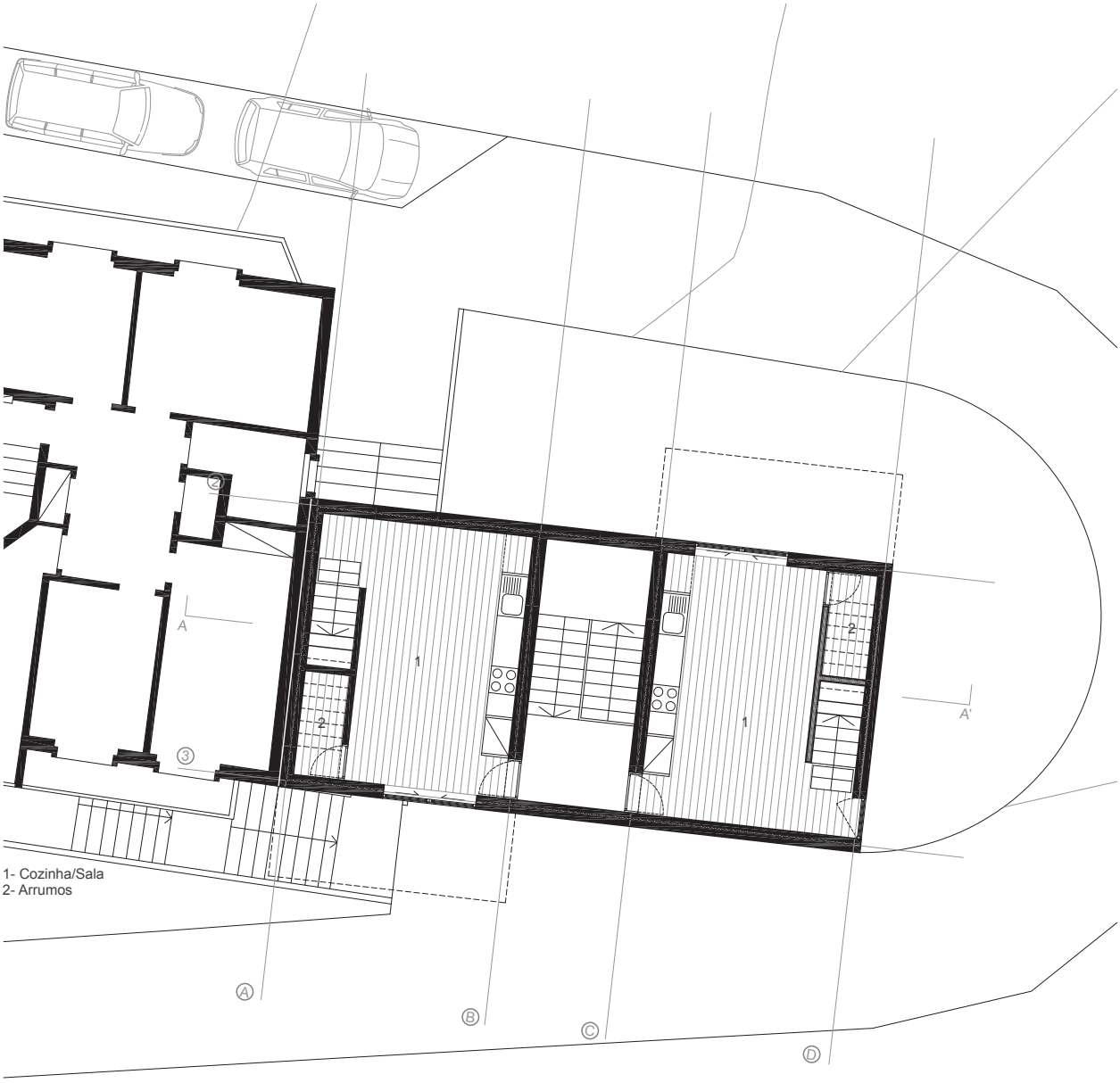
LOTE 3





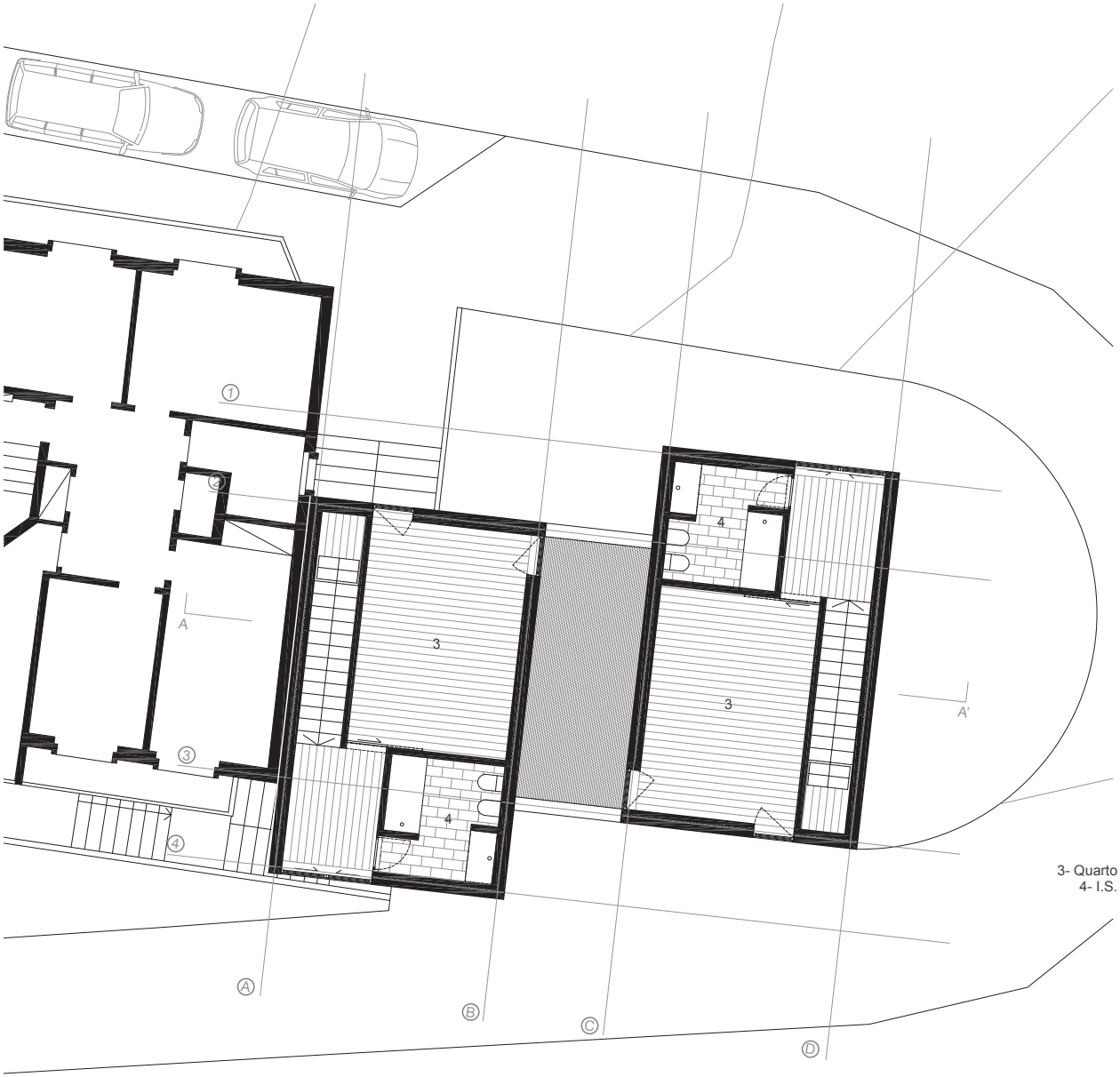
Planta Piso 0

N



N

Planta Piso 1



3- Quarto
4- I.S.

Planta Piso 2

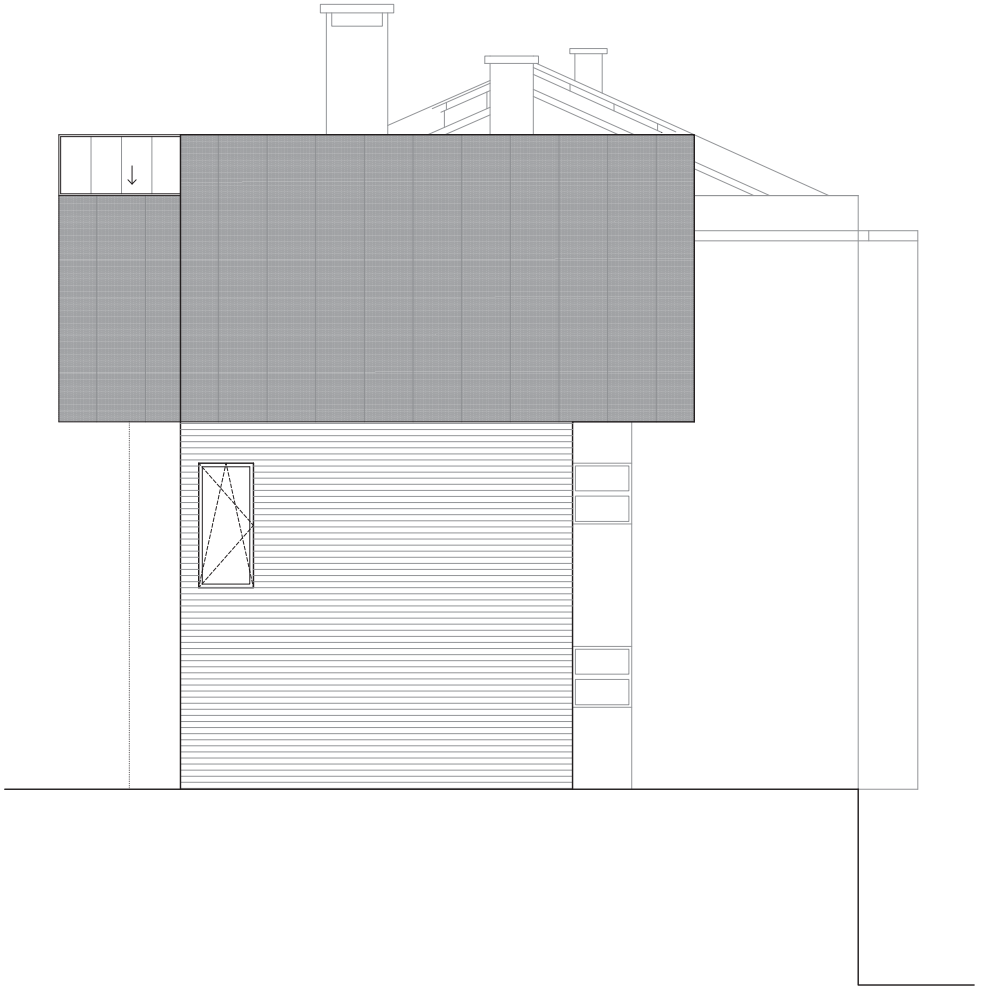
N



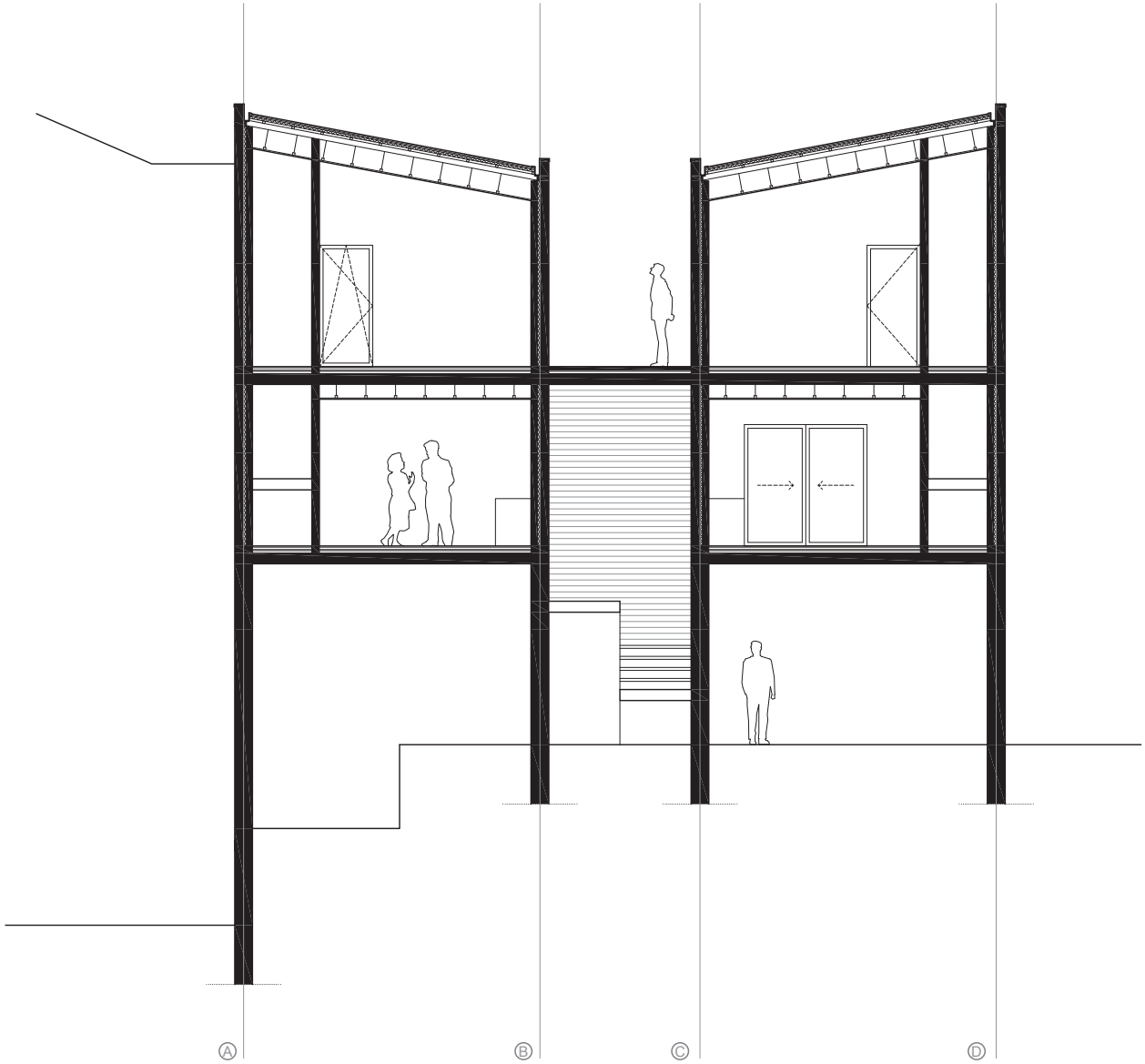
Alçado Norte



Alçado Sul



Alçado Este

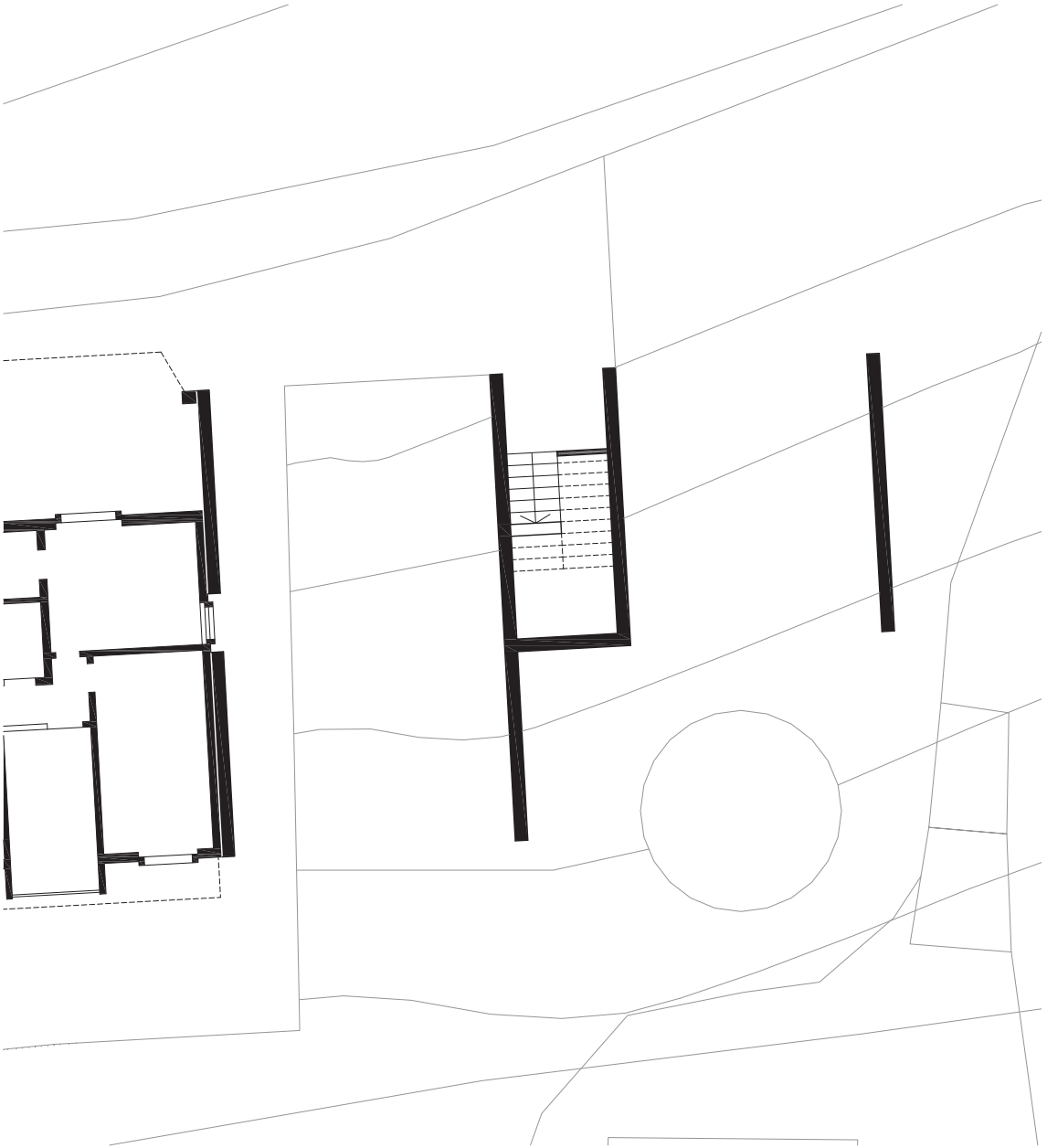


Corte AA'



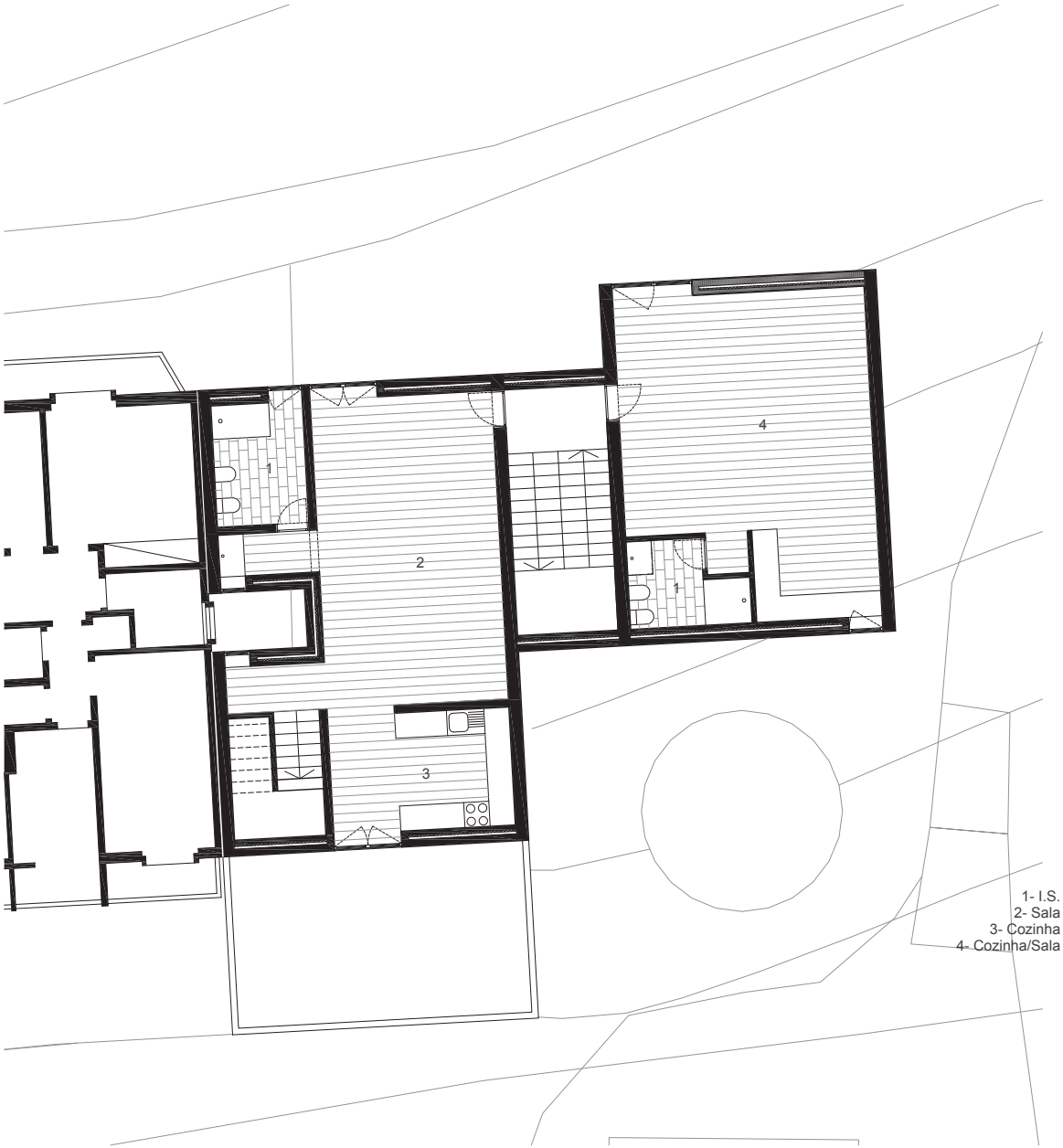
LOTE 4


A 1.2 70CV
€ (Chave na mão)



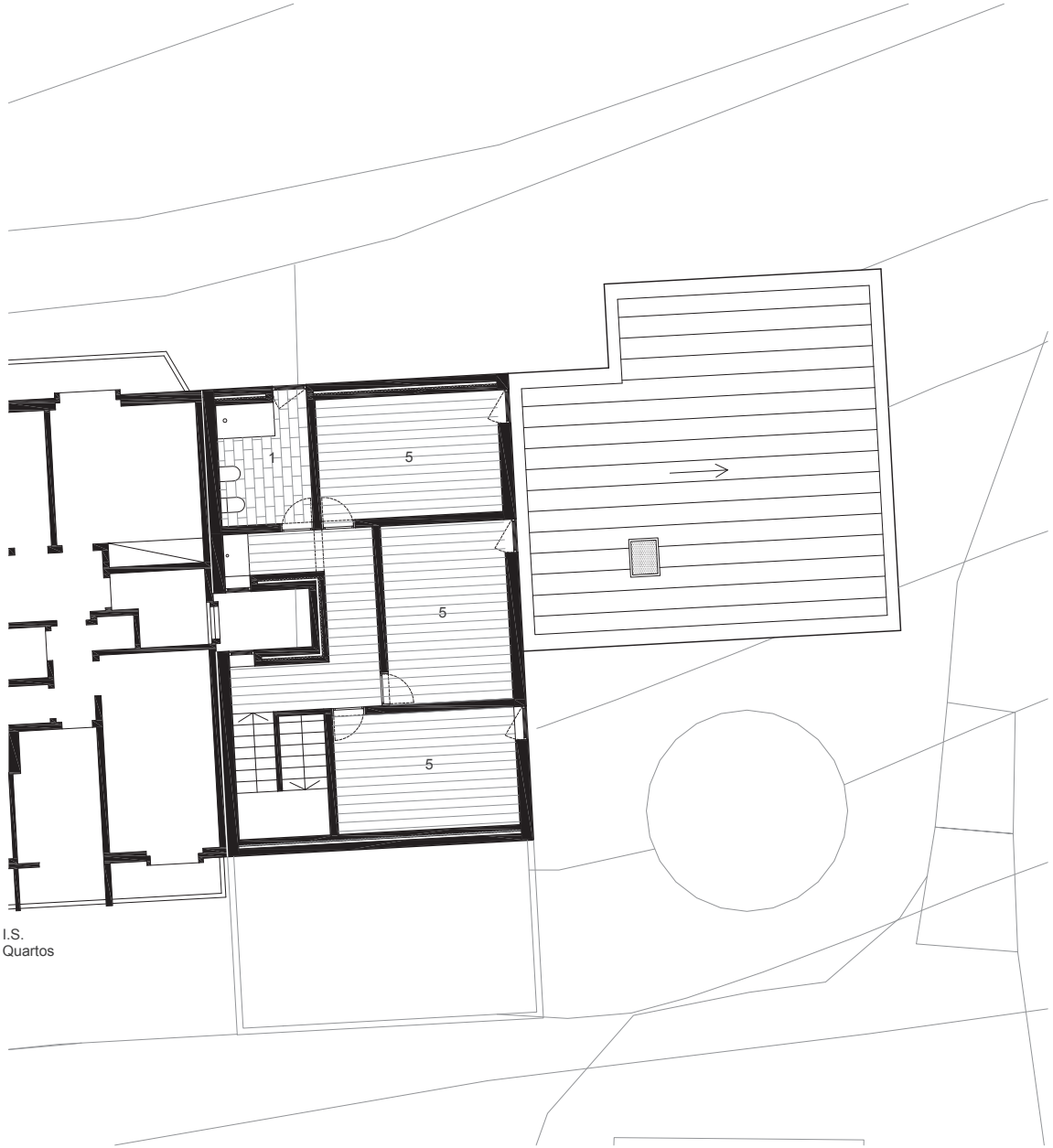
Planta Piso 0

N



1- I.S.
2- Sala
3- Cozinha
4- Cozinha/Sala

Planta Piso 1



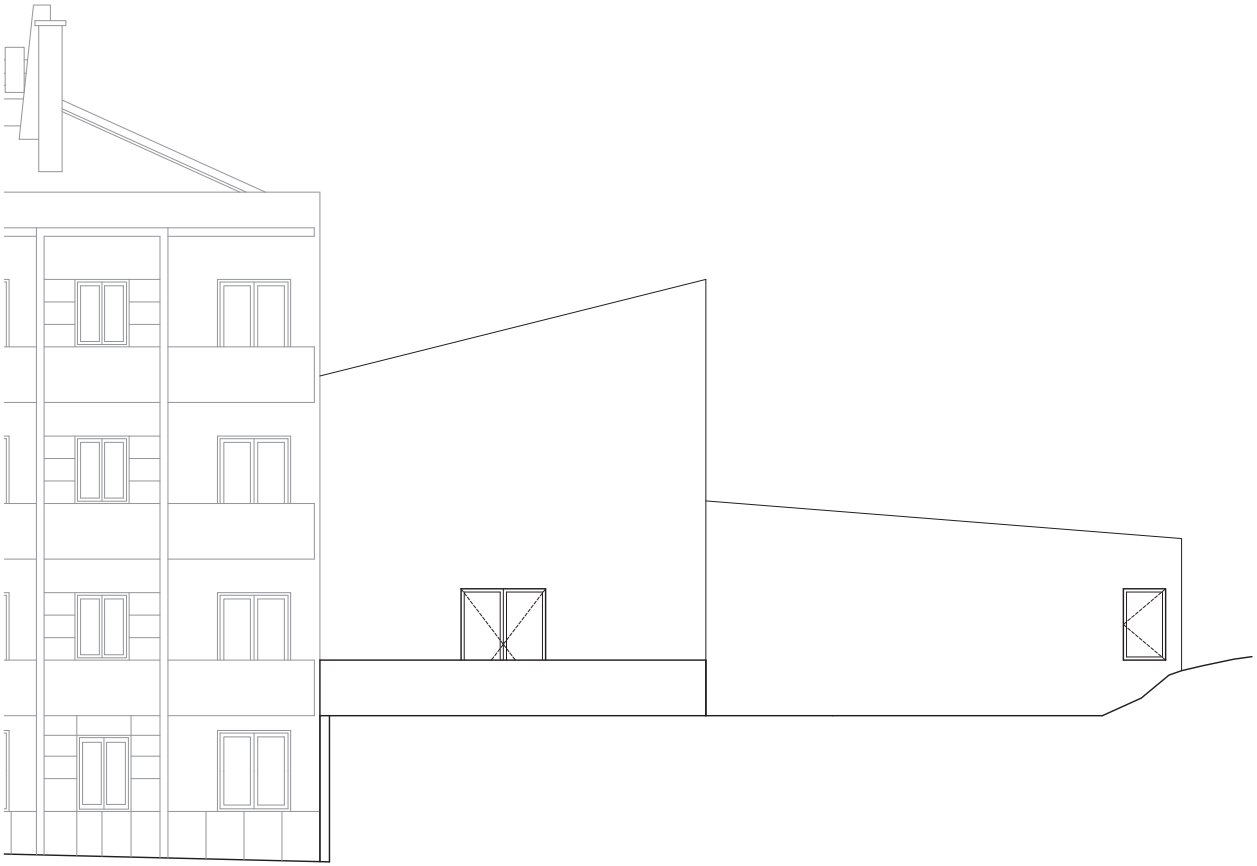
1- I.S.
5- Quartos

Planta Piso 2

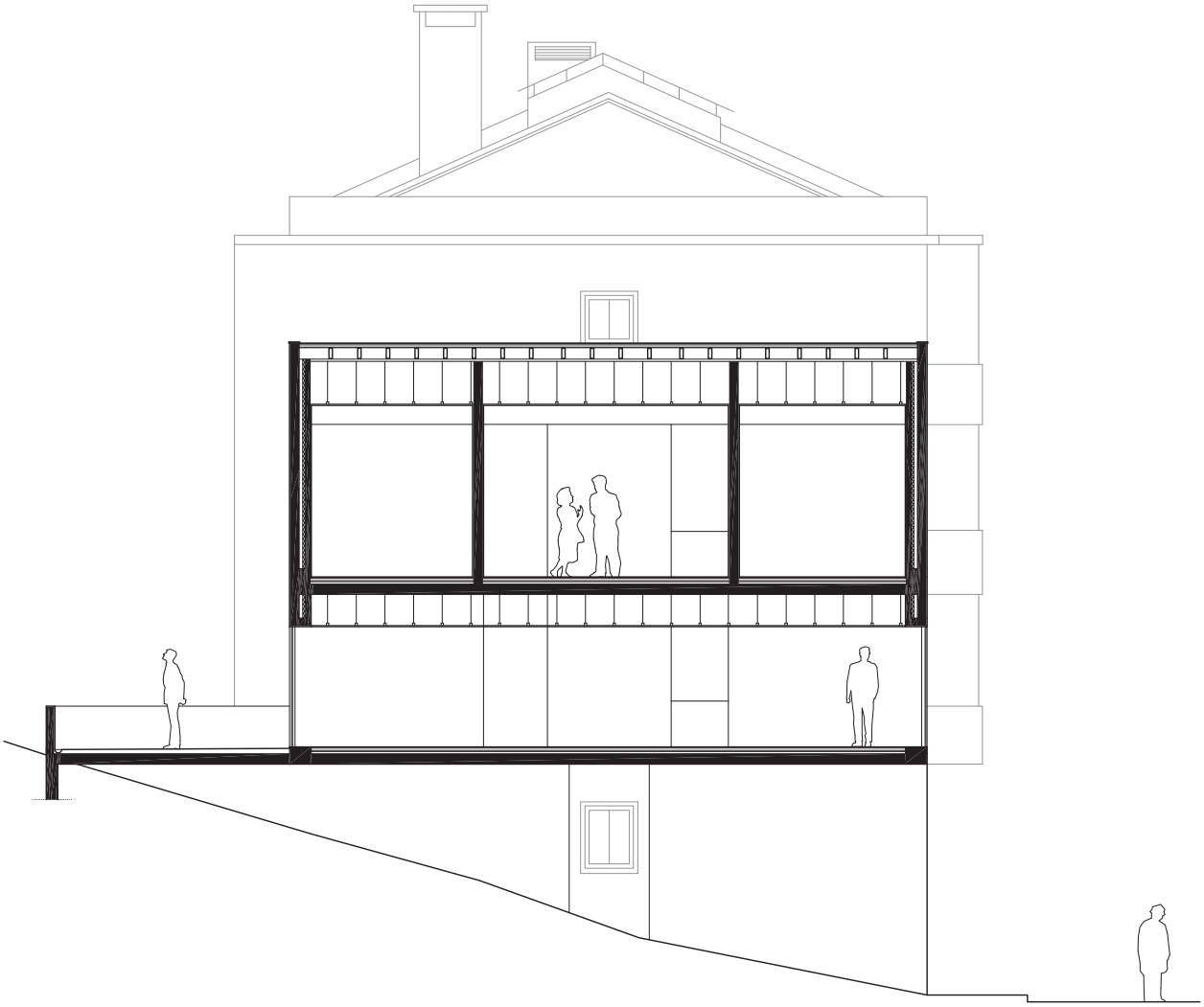
N



Alçado Norte



Alçado Sul



Corte AA'

ÍNDICE DE IMAGENS
II.b - 10 Habitações

Página 143 - Fotografia aérea - Zona 6 (Amadora). Fonte: Bing Maps
Página 144 - Empena com publicidade da Lego
Página 144 - Empena com publicidade da Nike
Página 144 - Empena com intervenção do Blu 1
Página 145 - Empena com intervenção do Blu 2
Página 145 - Escultura Urbana de Gordon Matta-Clark 1
Página 145 - Escultura Urbana de Gordon Matta-Clark 2
Página 146 - Maquete Conceptual 1. Fonte: Fotografia do Autor
Página 147 - Maquete Conceptual 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 149 - Maquete de Estudo 1. Fonte: Fotografia do Autor
Página 149 - Maquete de Estudo 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 150 - Maquete de Estudo 3. Fonte: Fotografia do Autor
Página 150 - Maquete de Estudo 4. Fonte: Fotografia do Autor
Página 151 - Maquete de Estudo 5. Fonte: Fotografia do Autor
Página 151 - Maquete de Estudo 6. Fonte: Fotografia do Autor
Página 152 - Maquete de Estudo 7. Fonte: Fotografia do Autor
Página 152 - Maquete de Estudo 8. Fonte: Fotografia do Autor
Página 153 - Maquete de Estudo 9. Fonte: Fotografia do Autor
Página 153 - Maquete de Estudo 10. Fonte: Fotografia do Autor
Página 156 - Fotografia aérea - Lote 1. Fonte: Bing Maps
Página 157 - Empena do Lote 1. Fonte: Fotografia do Autor
Página 158 - Planta Piso 0
Página 159 - Planta Piso 1
Página 160 - Planta Piso 2
Página 161 - Planta Piso 3
Página 162 - Planta Piso 4
Página 163 - Alçado Norte
Página 164 - Alçado Sul
Página 165 - Alçado Este
Página 166 - Corte AA'
Página 167 - Corte BB'
Página 168 - Fotografia aérea - Lote 2. Fonte: Bing Maps
Página 169 - Empena do Lote 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 169 - Empena do Lote 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 170 - Planta Piso 0

Página 171 - Planta Piso 1,2,3
Página 172 - Alçado Norte
Página 173 - Alçado Sul
Página 174 - Corte AA'
Página 175 - Corte BB'
Página 176 - Fotografia aérea - Lote 3. Fonte: Bing Maps
Página 177 - Empena do Lote 3. Fonte: Fotografia do Autor
Página 178 - Planta Piso 0
Página 179 - Planta Piso 1
Página 180 - Planta Piso 2
Página 181 - Alçado Norte
Página 182 - Alçado Sul
Página 183 - Alçado Este
Página 184 - Corte AA'
Página 186 - Fotografia aérea - Lote 4. Fonte: Bing Maps
Página 187 - Empena do Lote 4. Fonte: Fotografia do Autor
Página 188 - Planta Piso 0
Página 189 - Planta Piso 1
Página 190 - Planta Piso 2
Página 191 - Alçado Norte
Página 192 - Alçado Sul
Página 193 - Corte AA'

II.c

VERTENTE PROJECTUAL

Mercado Multicultural + Espaço Público

COVA DA MOURA

“To look at the cross-section of any plan of a big city is to look at something like the section of a fibrous tumor.”

Frank Lloyd Wright



MEMÓRIA DESCRITIVA

Quando “falamos de casas” é também importante reflectir sobre **o habitar**. Como é que habitamos o espaço para além das nossas casas?

Tendo isso em consideração, criou-se um mercado que, com as suas características comunitárias, criasse laços de vizinhança entre a Cova da Moura e as áreas circundantes, de maneira a reforçar a regeneração que abrange todo o espaço público. O mercado será então um lugar onde se reafirma uma cultura, e que a partilha com a comunidade que habita fora dos limites do bairro.



Ao projectar um mercado multicultural/espaço público no interior da Cova da Moura, tentou-se criar um desafogo na densa malha orgânica existente. As demolições de algumas casas são salvaguardadas com o desenvolvimento de dez habitações na periferia da Cova da Moura, projectadas no primeiro semestre. A escolha de projectar no centro tem como objectivo desenvolver o núcleo de dentro para fora, de maneira a ampliar as hipóteses de uma maior regeneração, para que não continue a existir uma segregação urbana nos seus limites.

Cria-se, também, a partir da repavimentação de algumas ruas e do realinhamento destas, uma maior fluidez e facilidade nas acessibilidades ao centro do bairro.

O projecto é uma plataforma que relaciona cotas diferentes, que alberga por baixo um programa de mercado multicultural. Para uma melhor iluminação criaram-se vários pontos de luz na cobertura, com especial destaque para a chaminé de seis metros que se integra com a escala da habitação existente. Ao prolongar uma das cotas mais altas, a cobertura funciona também como o momento de reunião no centro da Cova da Moura. O espaço de agregação que era vivido espalhado pelas ruas poderá assim acontecer no centro e junto á rua principal do Bairro.



EVOLUÇÃO PROJECTUAL

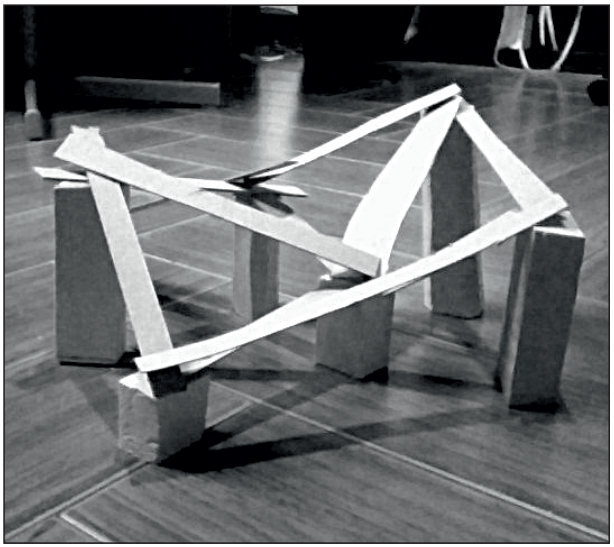
O objectivo deste projecto é criar um espaço de desafogo na densa malha urbana da Cova da Moura, de maneira a reestruturar, tanto economicamente como socialmente, este bairro precário e problemático.

A opção de implantar o projecto do **mercado multicultural/espaço público** no "coração" da Cova da Moura rege-se pela convicção que, ao projectar no centro, se dê uma maior valorização e regeneração do bairro, actuando como um vírus que ataca de dentro para fora. Desta forma a população circundante é incitada a entrar no bairro, havendo maior hipótese de desenvolvimento.

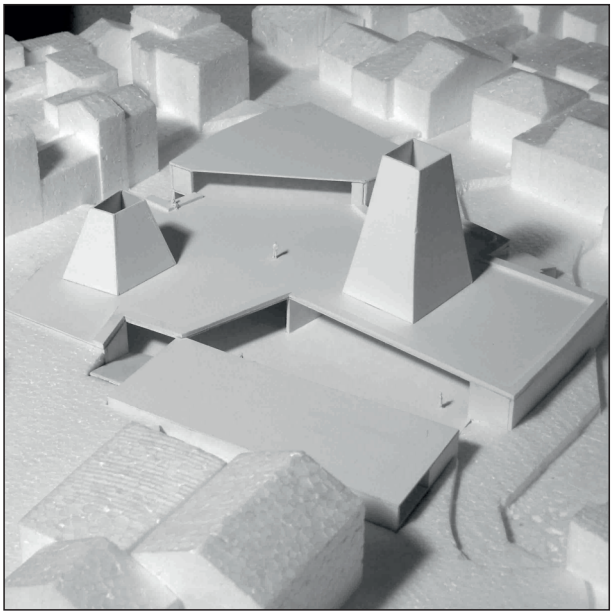
O mercado está situado num dos topos do Alto da Cova da Moura, com ligação directa à via principal, sendo, portanto, de fácil acesso.

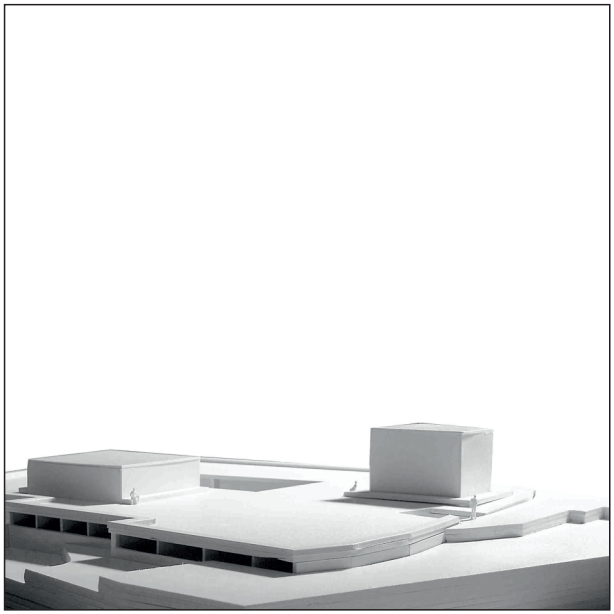
A integração do projecto é feita através da sua adaptação ao terreno existente, unindo a cota mais alta à cobertura do edifício. Assim este projecto de equipamentos torna-se num elemento integrador no local, criando espaço público e dinamizando culturalmente e economicamente o bairro. A chaminé do projecto acaba por ser o elemento icónico, caracterizador do edifício, que tem como objectivo iluminar o espaço polivalente e criar interacção com a sua cobertura.

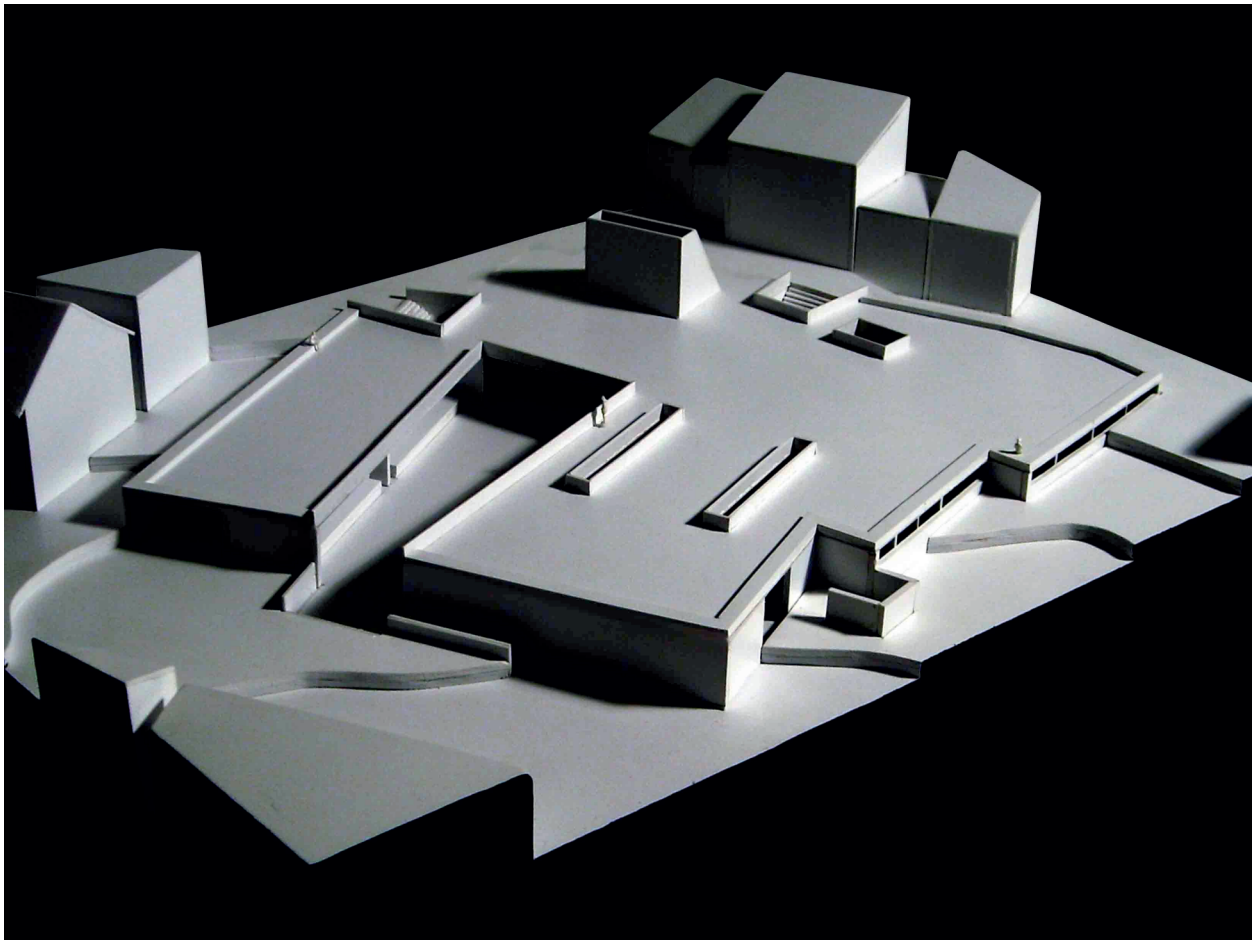
Para chegar a estas conclusões o projecto passou por diversas fases, das quais apresento algumas nas seguintes páginas.

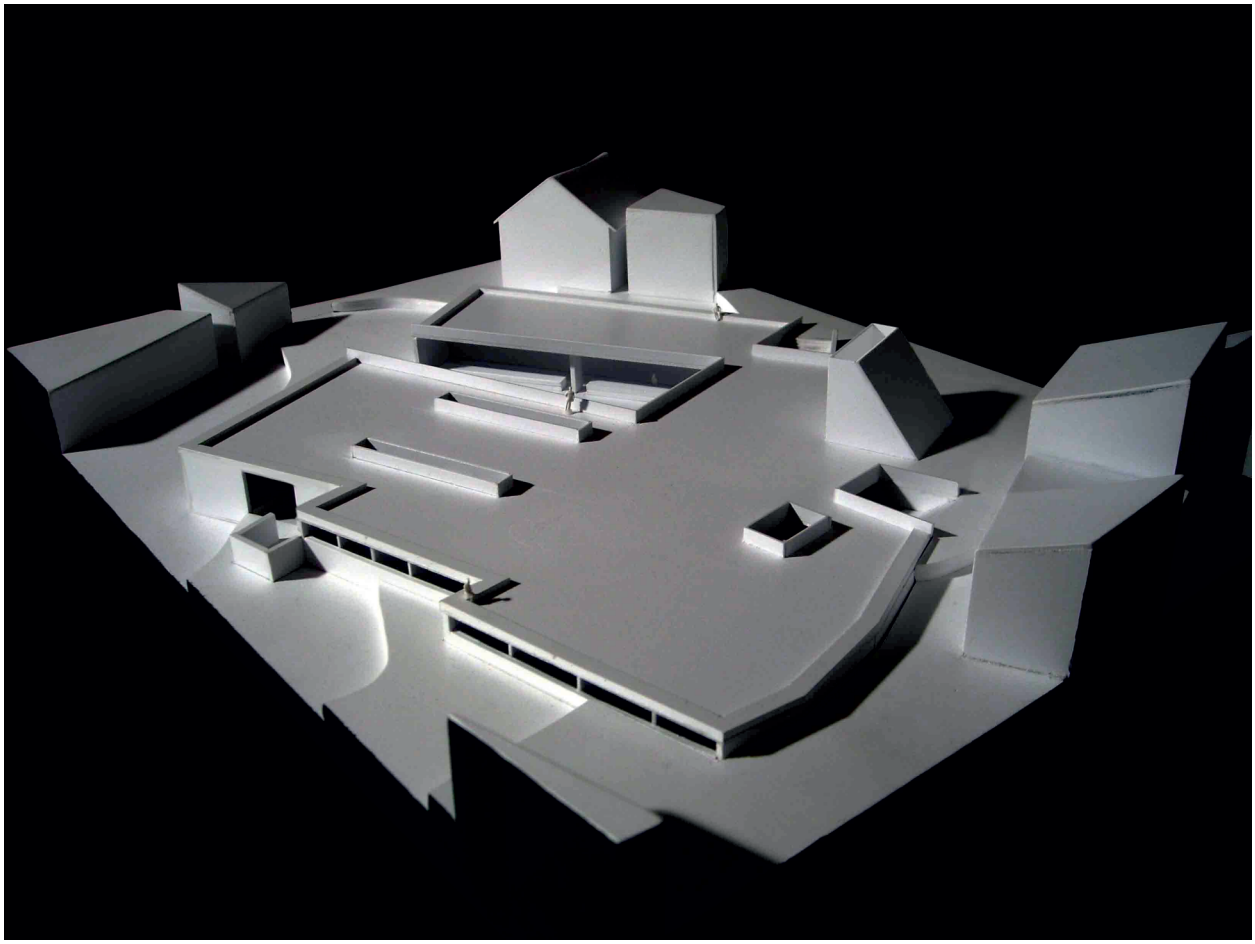


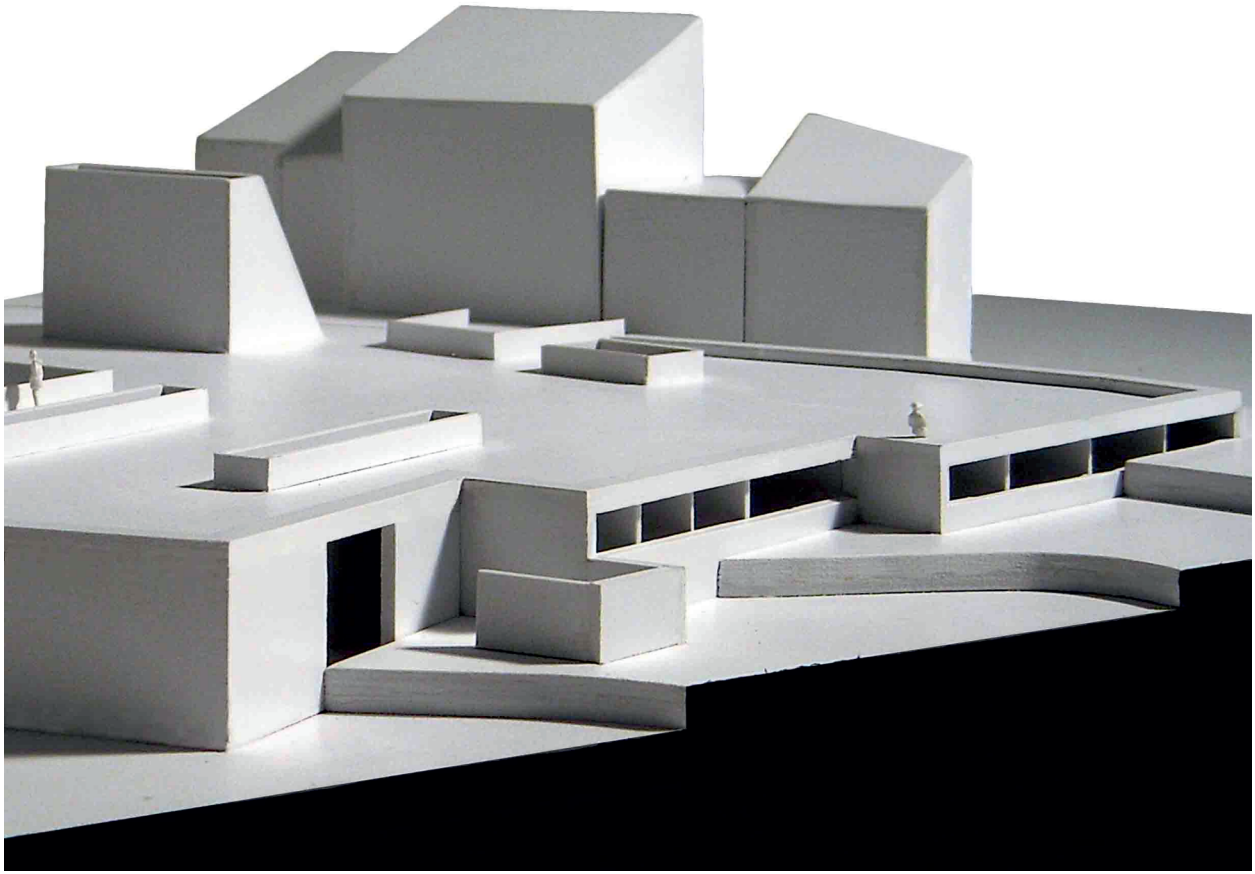






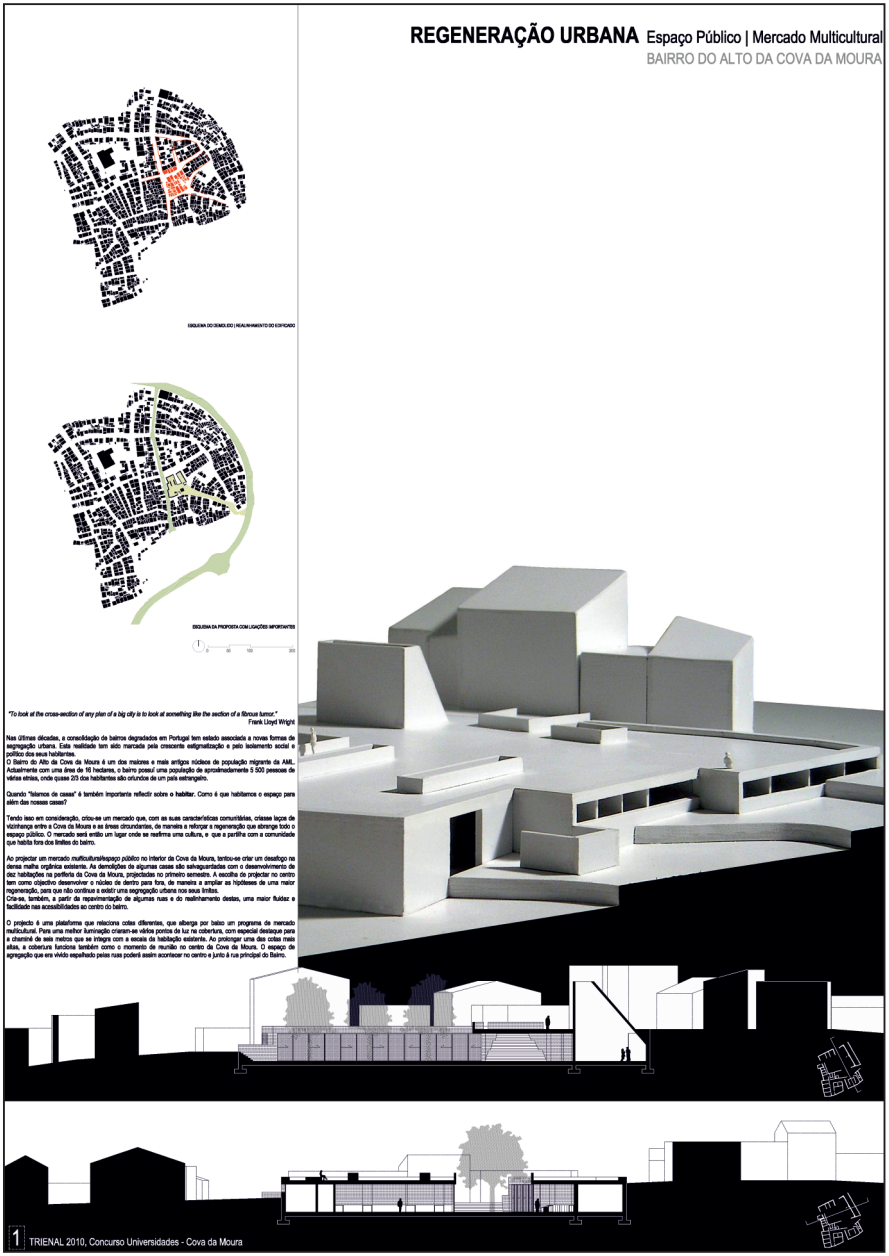








Paineis da Trienal de Arquitectura 2010





2 TRIENAL 2010, Concurso Universidades - Cova da Moura

PROPOSTA FINAL



Planta de Localização

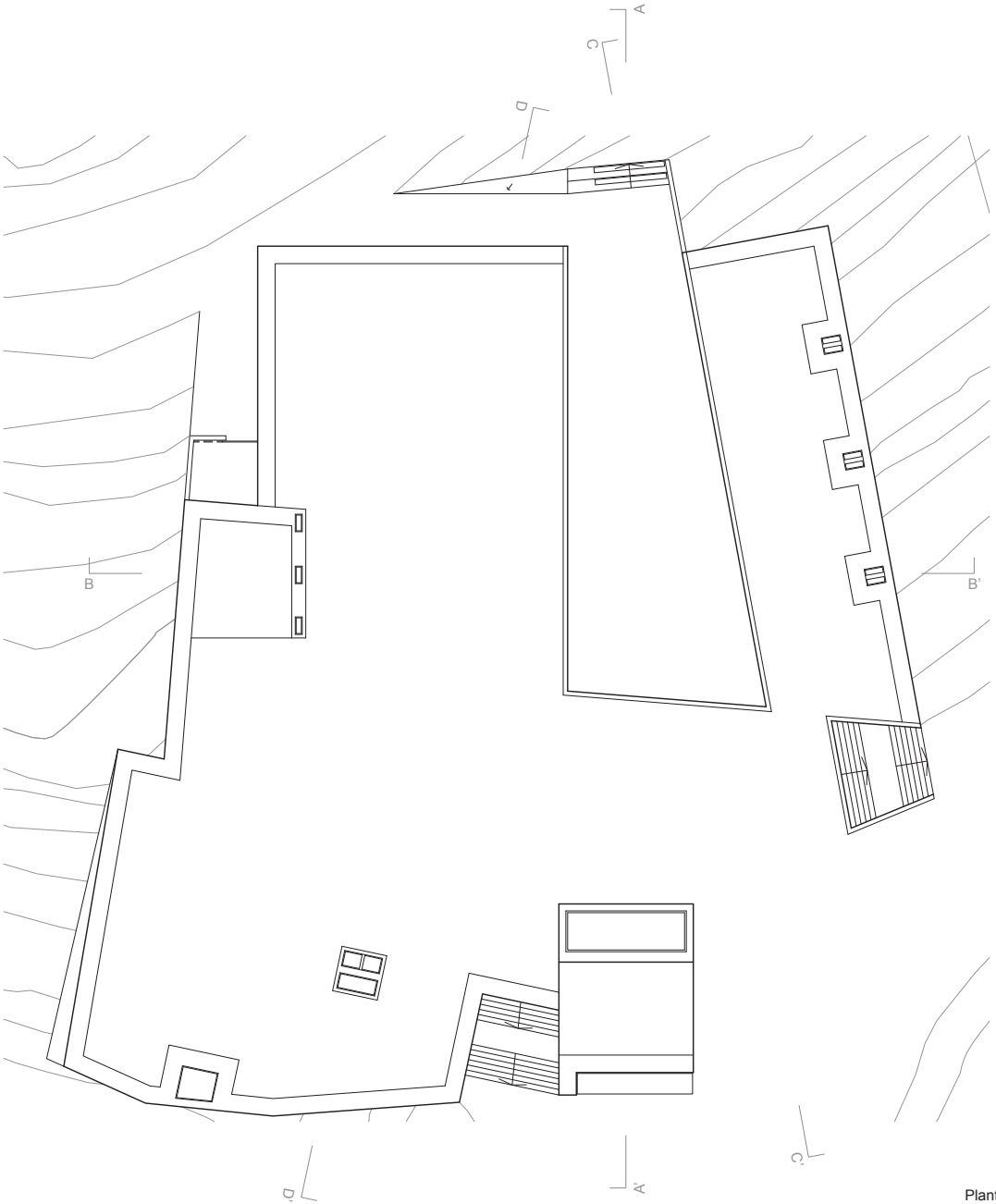
N



Diagrama Esquemático da Implantação do Projecto

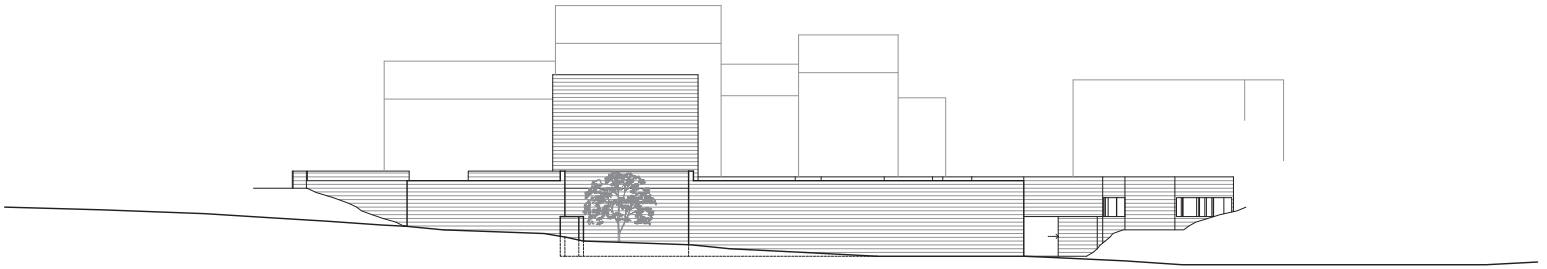


Planta Piso 0

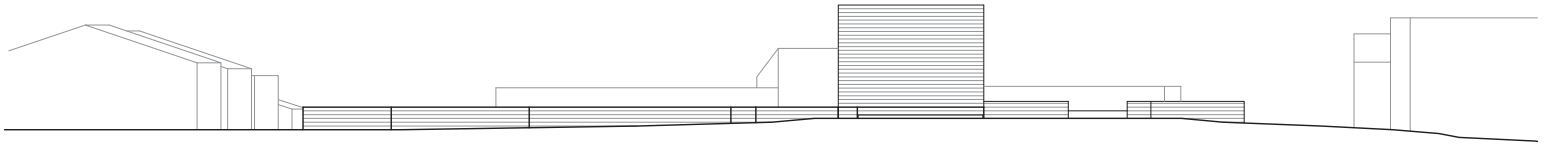


1
N

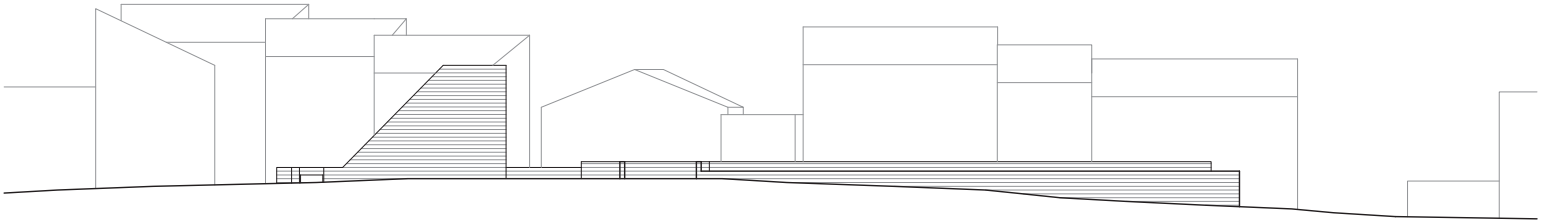
Planta Cobertura



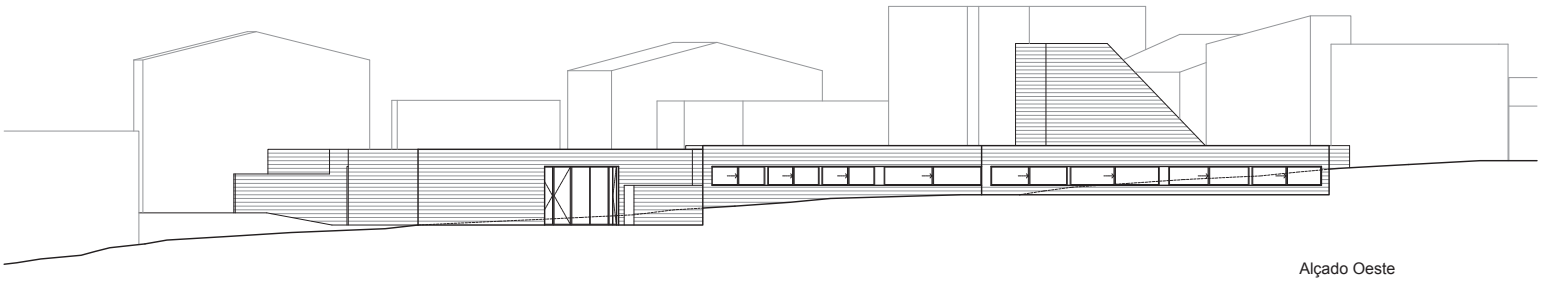
Alçado Norte



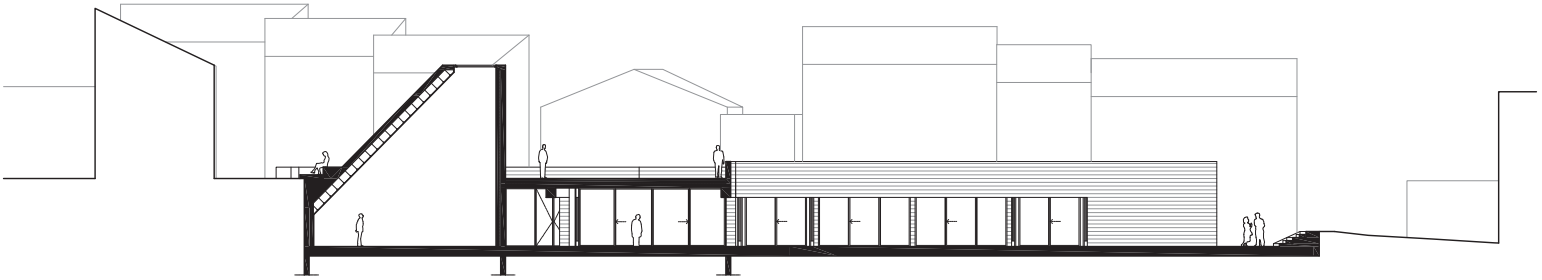
Alçado Sul



Alçado Este



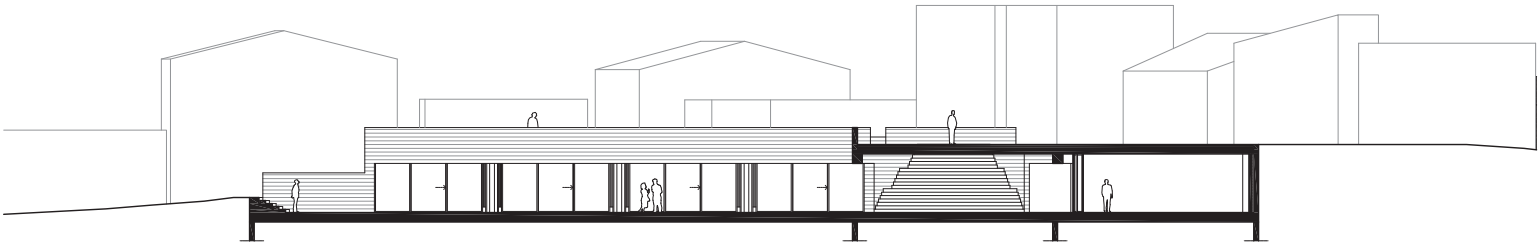
Alçado Oeste



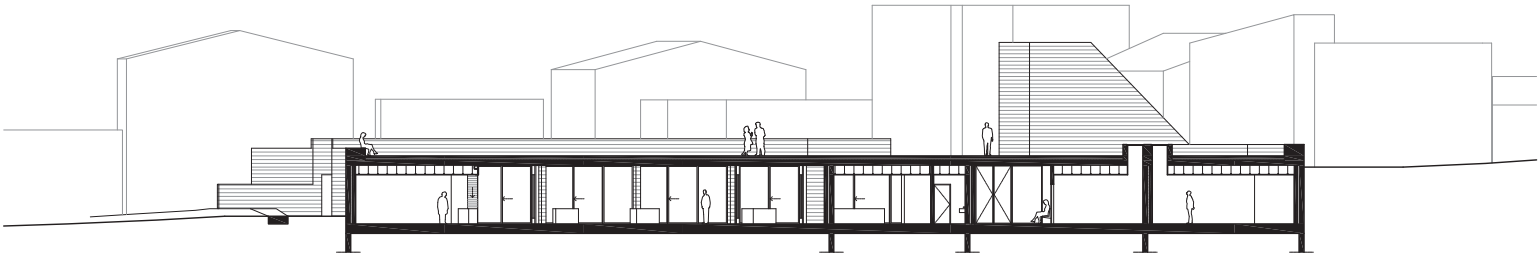
Corte AA’



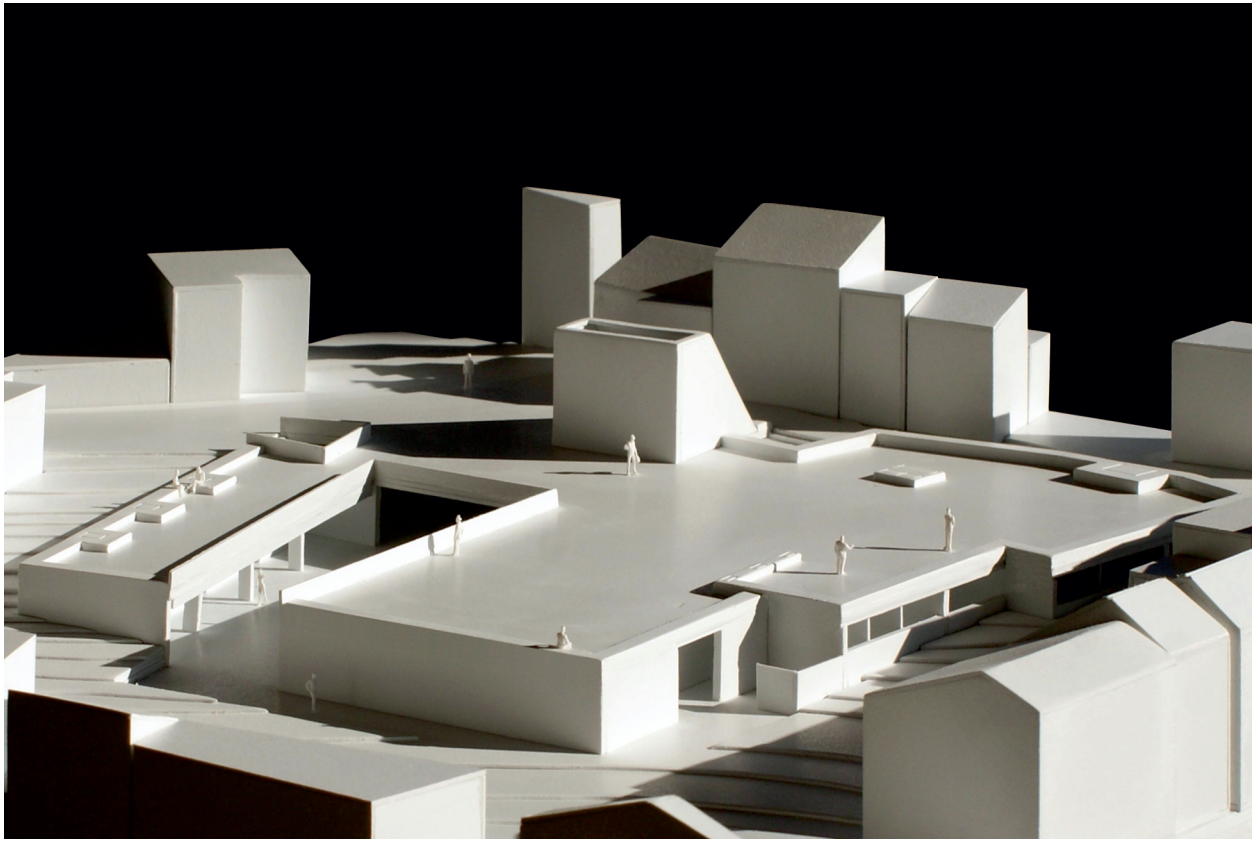
Corte BB’

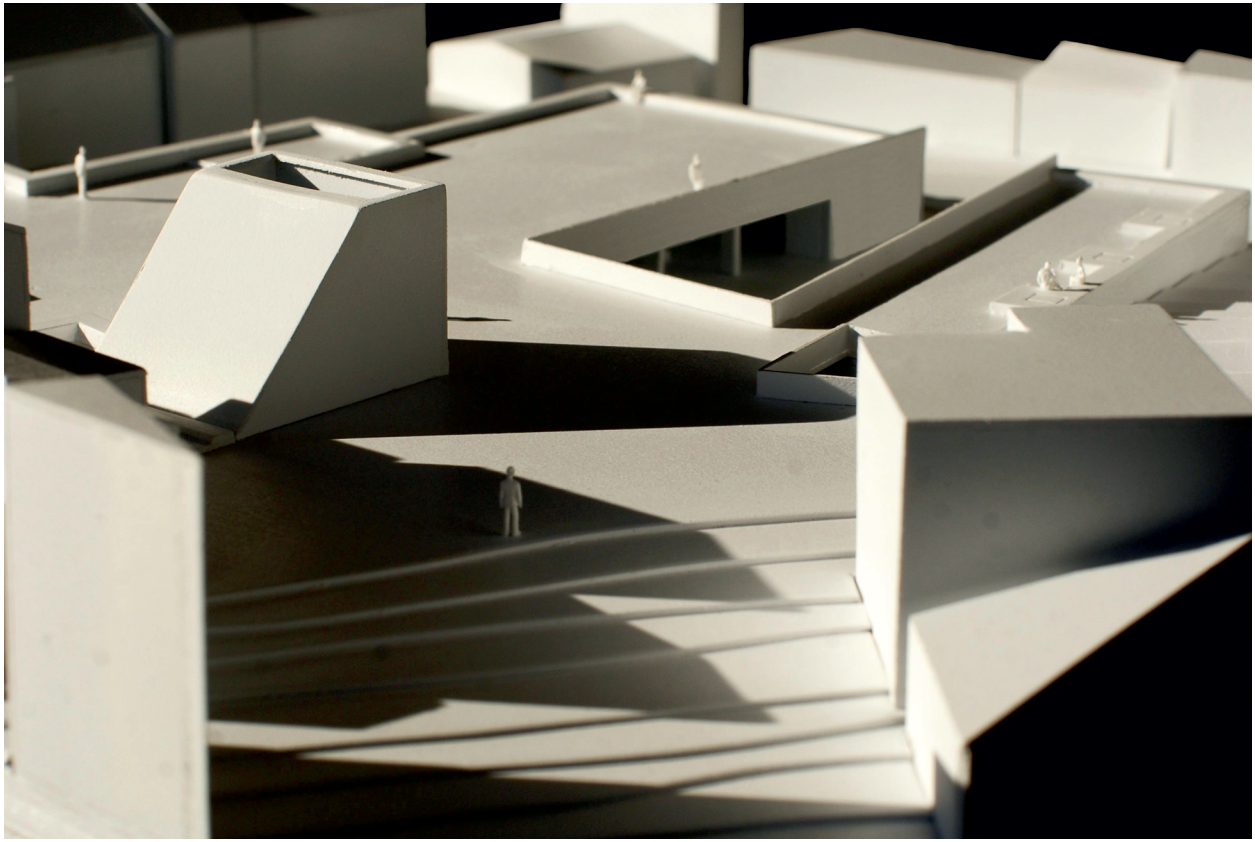


Corte CC'



Corte DD'





ÍNDICE DE IMAGENS
II.c - Mercado Multicultural + Espaço Público

Página 199 - Fotografia aérea - Cova da Moura. Fonte: Bing Maps
Página 200 - Museu do Luvre
Página 200 - Casa das Histórias, Souto de Moura
Página 200 - Ruínas Romanas de Conimbriga
Página 200 - Tama Art University Library, Toyo Ito
Página 201 - Praça do Patriarca, Paulo Mendes da Rocha
Página 201 - Pavilhão de Portugal, Álvaro Siza Vieira
Página 201 - Teatro Popular, Oscar Neimeyer
Página 203 - Maquete de Estudo - Evolução Projectual 1. Fonte: Fotografia do Autor
Página 203 - Maquete de Estudo - Evolução Projectual 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 203 - Maquete de Estudo - Evolução Projectual 3. Fonte: Fotografia do Autor
Página 203 - Maquete de Estudo - Evolução Projectual 4. Fonte: Fotografia do Autor
Página 204 - Fotografia Maquete da Trienal 1. Fonte: Fotografia do Autor
Página 205 - Fotografia Maquete da Trienal 2. Fonte: Fotografia do Autor
Página 206 - Fotografia Maquete da Trienal 3. Fonte: Fotografia do Autor
Página 207 - Fotomontagem do Mercado Mulicultural. Fonte: Fotografia do Autor
Página 208 - Painel 1 da Trienal Universidades 2010
Página 209 - Painel 2 da Trienal Universidades 2010
Página 212 - Planta de Localização
Página 213 - Diagrama Esquemático da Implantação do Projecto
Página 214 - Planta Piso 0
Página 215 - Planta Piso 1
Página 216 - Alçado Norte
Página 216 - Alçado Sul
Página 217 - Alçado Este
Página 217 - Alçado Oeste
Página 218 - Corte AA'
Página 218 - Corte BB'
Página 219 - Corte CC'
Página 219 - Corte DD'
Página 220 - Maquete Final 1. Fonte: Caetana Menezes
Página 221 - Maquete Final 2. Fonte: Caetana Menezes